

# A Redenção de Gabriel

Sylvain Reynard

*Tradução de Ester Cortegano e Patrícia Xavier*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*Aos meus leitores,  
com gratidão.*





*Dante e Beatriz ascendem à esfera de Marte,  
por Gustave Doré, c. 1868.*



*“Esperança,” disse eu, “é a expectativa  
da bem-aventurança futura, que provém  
da graça de Deus e dos méritos precedentes.”*  
— Dante Alighieri, *Paradiso*, Canto XXV.067-069



## Prólogo

1292

*Florença, Itália*

O poeta afastou-se da mesa e olhou pela janela para a sua cidade amada. Embora a sua arquitetura e ruas chamassem por ele, faziam-no com vozes ocas. Era como se uma enorme luz se tivesse extinguido, não apenas da cidade, mas do mundo.

*«Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua domina gentium...»*

Os seus olhos viraram-se para a Lamentação que citara apenas uns momentos antes. As palavras do profeta Jeremias eram tristemente inadequadas.

— Beatriz — sussurrou, o coração a apertar-se no seu peito. Mesmo dois anos após a sua morte, era-lhe difícil escrever sobre a sua perda.

Ela permaneceria para sempre jovem, para sempre nobre, para sempre a sua bem-aventurança, e nem toda a poesia do mundo conseguiria expressar a devoção que por ela nutria. Mas, pela memória e o amor dessa mulher, tinha de tentar.

## Capítulo 1

*Junho de 2011  
Selinsgrove, Pensilvânia*

O professor Gabriel Emerson parou junto à ombreira do escritório, de mãos nos bolsos, olhando para a sua mulher com paixão. A sua silhueta alta e atlética era impressionante, tal como as feições másculas e os olhos cor de safira.

Quando a conhecera, tinha ela dezassete anos (menos dez do que ele), ficara apaixonado. Tinham sido separados pelo tempo e as circunstâncias, não sendo a menor delas o seu estilo de vida indulgente.

Mas o Céu sorrira-lhes. Seis anos mais tarde, ela tornara-se sua aluna de mestrado em Toronto, o seu amor reacendera-se e tinham casado ano e meio depois disso. Agora, seis meses depois do casamento, amava-a ainda mais do que antes. Invejava o próprio ar que ela respirava.

Já esperara tempo suficiente pelo que estava prestes a fazer. Era possível que ela precisasse de ser seduzida, mas Gabriel orgulhava-se das suas competências de sedução.

Os acordes de “Mango”, de Bruce Cockburn, flutuavam pelo ar, fazendo-o recordar a viagem que tinham feito a Belize, antes de se casarem. Tinham feito amor ao ar livre numa variedade de locais, incluindo na praia.

Julia estava sentada à secretária, sem reparar na música nem no escrutínio de que estava a ser alvo. Escrevia no seu portátil, rodeada por livros, pastas e duas caixas de papéis que Gabriel carregara zelosamente do andar de baixo daquela que fora a casa dos seus pais.

Tinham chegado a Selinsgrove há uma semana — uma pausa das suas vidas ocupadas em Cambridge, Massachusetts. Gabriel era professor na Universidade de Boston, enquanto Julia terminara o seu primeiro ano de doutoramento em Harvard, sob a supervisão de uma professora brilhante, que viera de Oxford. Tinham fugido de Cambridge porque a casa onde

viviam, em Harvard Square, estava a ser renovada de alto a baixo e exigira a sua evacuação imediata.

A casa dos Clark, em Selinsgrove, fora renovada segundo os padrões rigorosos de Gabriel, antes da chegada do casal. Grande parte da mobília deixada por Richard, o pai adotivo de Gabriel, fora guardada numa arrecadação.

Julia escolhera mobília e cortinas novas, e persuadira Gabriel a ajudá-la a pintar as paredes. Enquanto a preferência estética dele se inclinava para as madeiras escuras e o luxo da pele castanha, Julia preferia as cores claras das casas junto ao mar, com paredes caiadas e móveis brancos, acentuados com vários tons de azul Santorini.

No escritório, pendurara reproduções de pinturas que estavam expostas na sua casa em Harvard Square — *Dante encontra Beatriz na Ponte Santa Trinità*, a *Primavera* de Botticelli e *Nossa Senhora e o Menino com Anjos*, de Fra Filippo Lippi. Gabriel deu por si a fitar esta última intensamente.

Poder-se-ia dizer que aquelas pinturas ilustravam as fases do seu relacionamento. A primeira representava o encontro entre os dois e a sua crescente obsessão. A segunda representava a seta do Cupido, atingindo Julia quando ele já não se lembrava dela, e também o seu namoro e subsequente casamento. Por fim, a pintura de Nossa Senhora representava o que Gabriel esperava poder vir a acontecer.

Era a terceira noite que Julia passava à secretária, a escrever a sua primeira conferência pública, que teria lugar em Oxford no mês seguinte. Quatro dias antes, tinham feito amor no chão do quarto coberto de tinta, antes de a mobília ser entregue.

(Julia decidira que pintura corporal com Gabriel era agora o seu novo desporto preferido.)

Com memórias da sua ligação física em mente e o acelerar do ritmo da música, a paciência de Gabriel chegou ao fim. Eram recém-casados. Ele não tencionava deixá-la continuar a ignorá-lo mais uma noite.

Aproximou-se furtivamente, os passos silenciosos. Desviou-lhe os cabelos para o lado, expondo-lhe o pescoço. Roçou muito suavemente a barba por fazer pela pele dela, intensificando o ardor dos seus beijos.

— *Vem* — sussurrou.

Julia ficou com pele de galinha. Os dedos compridos e finos de Gabriel iam-lhe percorrendo o arco da nuca, enquanto ele esperava.

— Ainda não terminei o meu artigo. — Ela ergueu a bonita face para o fitar. — Não quero envergonhar a professora Picton, especialmente quando foi ela que me convidou. Sou a oradora mais nova na conferência.

— Não a vais envergonhar. E tens muito tempo para terminar o artigo.

— Preciso de ter a casa pronta para a tua família. Chegam todos dentro de dois dias.

— Não é a minha família. — Gabriel lançou-lhe um olhar fulminante. — É a *nossa* família. E eu contrato uma empregada. Anda. Traz o cobertor.

Julia virou-se e viu um cobertor de aspeto familiar em cima da poltrona branca debaixo da janela. Espreitou para o bosque que limitava o jardim das traseiras.

— Está escuro.

— Eu protejo-te. — Gabriel ajudou-a a levantar-se, envolveu-lhe momentaneamente a cintura com os braços e colou o peito ao dela.

Julia sentiu o calor do corpo de Gabriel através do tecido fino do seu vestido de verão, um calor reconfortante e sedutor.

— Porque é que queres visitar o pomar às escuras? — provocou-o ela, tirando-lhe os óculos do rosto e pousando-os na secretária.

Gabriel fixou-a com um olhar capaz de derreter a neve. Depois levou os lábios ao seu ouvido.

— Quero ver a tua pele nua brilhar ao luar, *enquanto estou dentro de ti*.

Depois começou a morder-lhe suavemente parte do lóbulo da orelha, a explorar-lhe o pescoço, a beijar e a mordiscar, fazendo o coração dela acelerar.

— Uma declaração de desejo — murmurou.

Júlia cedeu às sensações, apercebendo-se finalmente da música no ar. O cheiro de Gabriel, uma mistura de menta e *Aramis*, enchia-lhe as narinas.

Ele soltou-a e ficou a observá-la, como um gato a observar um rato, enquanto ela ia buscar o cobertor.

— Suponho que Guido da Montefeltro pode esperar. — Julia olhou de relance para os seus apontamentos.

— Ele já morreu há mais de setecentos anos. Eu diria que esperar é aquilo em que tem mais prática.

Julia sorriu-lhe em resposta e mudou o cobertor de mão para poder aceitar a que ele lhe estendera.

Enquanto desciam as escadas e atravessavam o pátio, a expressão de Gabriel tornou-se mais divertida.

— Já alguma vez fizeste amor num pomar?

Ela abanou a cabeça, os olhos enormes.

— Então fico feliz por ser o teu primeiro.

Julia apertou-lhe mais a mão.

— És o meu último, Gabriel. O meu único.

Ele acelerou o passo e acendeu a lanterna quando entraram no bosque

atrás da casa. Gabriel ia à frente, a orientar-se por entre as raízes elevadas e o chão irregular.

Era junho, e o tempo na Pensilvânia estava quente. O bosque era denso e o dossel de folhas bloqueava grande parte da luz da Lua e das estrelas. O ar era animado pelo canto noturno dos pássaros e o som dos gafanhotos.

Em breve estavam a entrar na clareira. Flores silvestres juncavam a extensão de erva verde. Ao fundo viam-se várias macieiras velhas. Depois, pela extensão do que fora o antigo pomar, as novas árvores que Gabriel plantara erguiam os seus ramos ao céu.

Enquanto avançavam para o centro da clareira, o corpo dele relaxou. Havia alguma coisa naquele espaço, sagrado ou não, que sempre o acalmara.

Julia ficou a vê-lo abrir cuidadosamente o cobertor sobre a erva densa e depois a desligar a lanterna. A escuridão envolveu-os como um manto de veludo.

A Lua cheia fazia-se ver no céu, a sua face pálida ocasionalmente esbatida por farrapos de nuvens. Um aglomerado de estrelas cintilava por cima deles.

Gabriel acariciou-lhe os braços, antes de contornar com um dedo o decote modesto do seu vestido de verão.

— Gosto disto — murmurou ele.

Demorou-se a admirar a beleza da sua mulher, visível mesmo no escuro; o arco das suas maçãs do rosto, a sua boca cheia, os enormes olhos expressivos. Ergueu-lhe o queixo e levou os lábios aos dela.

Foi o beijo de um amante ardente, a comunicar com a sua boca como a desejava. Gabriel pressionou o corpo alto contra o dela, e mergulhou os dedos no seu suave cabelo castanho.

— E se alguém nos vê? — perguntou ela, ofegante, antes de introduzir a língua na boca dele. Explorou-a avidamente antes de Gabriel recuar.

— Este bosque é propriedade privada. E, como tu disseste, está escuro. — As mãos dele encontraram a sua cintura, desceram-lhe pelo fundo das costas.

Fez uma pausa sobre as covinhas que ali encontrou, pontos de referência que lhe davam prazer, antes de as mãos subirem para os ombros dela. Sem cerimónia, removeu-lhe lentamente o vestido, deixando-o cair sobre o cobertor. Depois desapertou-lhe o sutiã com um simples movimento dos dedos.

Ela riu-se daquele gesto experiente, enquanto agarrava no sutiã para se cobrir. Era feito de renda preta e atraentemente transparente.

— És muito bom nisto — observou.

— Nisto o quê? — As mãos dele fecharam-se sobre os seios dela, por cima do sutiã.

— Remover sutiãs no escuro.

O silêncio de Gabriel ecoou à volta de ambos. Ele não gostava de ser recordado do seu passado.

Julia pôs-se em bicos de pés para lhe dar um beijo no queixo anguloso.

— Não me estou a queixar. Afinal de contas, sou a maior beneficiária de toda essa competência.

Com isto, o corpo dele descontraíu-se. Continuou a explorar-lhe os seios por cima da renda.

— Gosto muito da tua *lingerie*, Julianne, mas prefiro-te nua.

— Não estou muito tranquila com isto. — Os olhos dela moveram-se por cima do ombro dele, a perscrutar o perímetro da clareira. — Tenho medo que alguém nos interrompa.

— Olha para mim.

Ela olhou-o nos olhos.

— Não há aqui ninguém para além de nós. E o que estou a ver agora é de tirar o fôlego.

Com mais um gesto provocador, as mãos dele deixaram-lhe os seios para percorrerem os montes e vales da coluna dela, antes de lhe cobrirem as ancas. Os polegares pairavam acima da sua pele.

— Eu cubro-te.

— Com o quê? O cobertor?

— Com o meu corpo. Mesmo que alguém nos surpreenda, eu não deixo que ninguém te veja. Prometo-te.

Ela esboçou um sorriso.

— Pensas em tudo.

— Penso apenas em ti. Tu és tudo.

Gabriel aceitou os lábios que ela lhe ofereceu e, com grande contenção, retirou-lhe lentamente o sutiã. Beijou-a profundamente, explorando-lhe a boca com languidez, ao mesmo tempo que lhe baixava as cuequinhas.

Agora tinha-a nua na sua frente, no seu pomar.

*Ó deuses do sexo em pomares*, pensou ela. *Por favor, não deixes que ninguém nos venha surpreender.*

Começou então a remover-lhe a camisa ansiosamente, os dedos a brincarem com os poucos pelos que ele tinha no peito antes de deslizarem sobre os seus músculos abdominais para lhe desapertarem o cinto.

Quando estavam ambos nus, ele abraçou-a e ela soltou um suspiro.

— Ainda bem que a noite está quente — sussurrou Gabriel. — Só trouxemos um cobertor.

Com um sorriso, Julia deitou-se no chão e deixou-o cobri-la com o

corpo. Os olhos azuis de Gabriel fundiram-se com os seus, enquanto ele lhe tomava o rosto entre as mãos.

— «*Para o Leito Nupcial a conduzi, ruborizada como a Manhã: nessa hora, o Céu inteiro e as felizes Constelações...*»

— *Paraíso Perdido* — sussurrou ela, a acariciar-lhe a barba por fazer no queixo. — Mas, aqui, apenas consigo pensar no Paraíso encontrado.

— Devíamos ter casado aqui. Devíamos ter feito amor aqui pela primeira vez.

Ela passou-lhe as mãos pelo cabelo.

— Estamos aqui agora.

— Foi aqui que descobri a verdadeira beleza.

Gabriel beijou-a outra vez, e as suas mãos exploraram-na suavemente. Julia respondeu da mesma forma, e a paixão de ambos inflamou-se e pegou fogo.

Nos meses que tinham passado desde o casamento, o seu desejo não diminuía, a doçura do amor que faziam não diminuía. Toda a linguagem se fundia em movimento, e toque, e na felicidade do amor físico.

Gabriel conhecia a sua mulher — sabia o que a provocava e excitava, conhecia a sua impaciência e o seu clímax. Fizeram amor ao ar da noite, rodeados de escuridão e do verdejar da vida.

Ao fundo da clareira, as velhas macieiras que tinham testemunhado o seu amor casto no passado desviaram educadamente o olhar.

Quando, finalmente, recuperaram o fôlego, Julia ficou deitada a admirar as estrelas.

— Tenho uma coisa para ti. — Ele procurou a lanterna às apalpadelas e usou-a para localizar algo no bolso das calças. Quando regressou para o lado dela, colocou-lhe qualquer coisa fresca em volta do pescoço.

Julia olhou para baixo para ver um colar composto por aros individuais. Três amuletos pendiam dos aros — um coração, uma maçã e um livro.

— É lindo — sussurrou ela, tocando os amuletos um por um.

— Veio de Londres. Os aros e os amuletos são de prata, exceto a maçã, que é feita de ouro. Representa o sítio onde nos conhecemos.

— E o livro?

— Tem *Dante* gravado na capa.

Julia olhou para Gabriel timidamente.

— Alguma ocasião especial de que me esqueci?

— Não, é só porque gosto de te dar coisas.

Julia beijou-o profundamente e ele deitou-a de costas e voltou a pôr a lanterna de lado.

Quando se separaram, Gabriel pousou a palma da mão na barriga lisa de Julia e levou os lábios à marca mesmo acima do seu polegar.

— Quero plantar o meu filho aqui.

Enquanto as suas palavras ecoavam na clareira, Julia estacou.

— O quê?

— Gostava de ter um filho contigo.

Ela conteve a respiração.

— Tão cedo?

O polegar dele movia-se sobre a sua pele.

— Nunca sabemos quanto tempo temos.

Julia pensou em Grace, a mãe adotiva dele, e depois na sua própria mãe biológica, Sharon. Ambas tinham tido uma morte precoce, mas em circunstâncias muito diferentes.

— Quando Dante perdeu Beatriz, ela tinha vinte e quatro anos — continuou ele. — Perder-te seria devastador.

Julia esticou-se para tocar na ligeira covinha do queixo dele.

— Chega desta conversa mórbida. E logo aqui, depois de celebrarmos a vida e o amor.

Gabriel polvilhou-lhe o abdómen de beijos antes de se deitar de lado.

— Já quase passei a idade de Beatriz, e sou saudável. — Julia pousou a mão no peito do marido, por cima da tatuagem, e tocou o nome no interior do coração em sangue. — Ansiedade por causa dela?

As feições de Gabriel contraíram-se.

— Não.

— Podes dizer-me, não faz mal.

— Eu sei que ela está feliz.

— Também acredito nisso. — Julia hesitou, como se fosse dizer mais alguma coisa.

— O que foi?

— Estava a pensar na Sharon.

— E?

— Não tive um bom exemplo de mãe.

Ele roçou os lábios pelos dela.

— Vais ser uma mãe excelente. És paciente, e boa.

— Não saberia o que fazer.

— Havemos de aprender juntos. Eu é que devia estar preocupado. Os meus pais biológicos eram a própria definição de disfunção, e eu também não vivi uma vida estritamente moral.

Julia abanou a cabeça.

— És muito bom com o filhinho da Tammy. Até o teu irmão o diz. Mas é demasiado cedo para termos um bebé, Gabriel. Só somos casados há seis meses. E eu quero terminar o doutoramento.

— Eu concordei com isso, se bem te recordas. — Ele percorreu-lhe o arco das costelas com um único dedo.

— A nossa vida de casados tem sido maravilhosa, mas também tem sido um ajustamento. Para nós os dois.

Gabriel estacou.

— Concordo. Mas precisamos de falar sobre o futuro. Acho que é melhor começar a conversar com o meu médico. Já passou tanto tempo desde que fiz a vasectomia que posso não conseguir revertê-la.

— Há mais do que uma maneira de constituir uma família. Podemos considerar outras opções médicas. Podemos adotar uma criança de um orfanato franciscano em Florença. Quando for o momento certo. — A expressão dela tornara-se esperançosa.

Ele desviou um caracol de cabelo da face dela.

— Podemos fazer isso tudo. Estava a pensar levar-te a Úmbria depois da conferência, antes de irmos à exposição em Florença. Mas, quando regressarmos da Europa, eu gostaria de ir falar com o meu médico.

— Está bem.

Gabriel puxou-a para cima de si. Uma estranha descarga pareceu fazer-se sentir entre a pele de ambos, enquanto ele a agarrava pelas ancas.

— Quando estiveres pronta, começaremos a tentar.

Ela sorriu.

— Provavelmente devíamos praticar bastante, para nos prepararmos.

— Concordo plenamente.

## Capítulo 2

**J**ulia acordou bruscamente na manhã seguinte. Ainda não rompera a madrugada e o quarto estava em silêncio, quebrado apenas pelo som rítmico da respiração de Gabriel e o distante tagarelar das aves lá fora.

Comprimiu o lençol contra o peito nu e fechou os olhos, obrigando a sua respiração a acalmar. A ação apenas lhe ofereceu um breve alívio das cenas do seu pesadelo.

Estava em Harvard, a atravessar o campus à procura do local do seu exame para o doutoramento. Ia detendo uma pessoa atrás da outra, a suplicar a sua ajuda, mas ninguém parecia saber onde teria lugar o exame.

Ouviu o som de choro, e ficou chocada ao descobrir um filho nos braços. Apertou mais a criança contra o peito, a tentar acalmá-la, mas ela não parava de chorar.

De repente, estava em frente ao professor Matthews, o diretor do seu departamento. Um enorme sinal à sua esquerda indicava que o exame estava a decorrer numa sala atrás dele. Ele estava a bloquear a porta de entrada para o seu exame, a dizer-lhe que as crianças não estavam autorizadas a entrar.

Ela discutiu. Prometeu que ia evitar que o bebé chorasse. Suplicou-lhe que lhe desse uma oportunidade. Todas as suas esperanças e sonhos de terminar o doutoramento e tornar-se especialista em Dante residiam naquele exame. Sem ele, seria dispensada do programa.

Naquele momento, o bebé nos seus braços começou a berrar. O professor Matthews apontou para a escadaria ali perto e mandou-a embora.

Um braço pousou no seu corpo, abraçando-a. Ela desceu o olhar para Gabriel, que estava ainda a dormir. Algo no subconsciente dele fê-lo confortá-la. Ela olhou para ele com um misto de amor e ansiedade, o seu corpo ainda a tremer do pesadelo.

Foi a tropeçar para a casa de banho, acendeu as luzes e ligou o chuveiro. Esperava que a água quente a acalmasse. As luzes vivas da casa de banho ajudariam certamente a dispersar algumas trevas.

Enquanto se mantinha debaixo do duche cálido, tentou esquecer o pesadelo e as outras preocupações que lutavam para romper a superfície da sua consciência — a conferência, a visita iminente da família, a súbita vontade de Gabriel de ter um bebé...

Os seus dedos encontraram o colar de prata que tinha à volta da garganta. Sabia que Gabriel queria filhos. Tinham conversado sobre isso antes do seu noivado. Mas tinham concordado em esperar até ela terminar o doutoramento. Este estava ainda a uns bons cinco ou seis anos de distância.

*Porque é que ele terá vindo com a conversa das crianças agora?*

Já estava suficientemente ansiosa com os seus estudos. Em setembro, estaria com aulas e a pensar já nos seus exames gerais, que seriam feitos no ano seguinte.

Mais urgente ainda era a preparação da conferência em Oxford, que teria lugar em poucas semanas. Julia completara um artigo sobre Guido da Montefeltro no seminário da professora Marinelli, naquele último semestre. A professora gostara tanto do artigo que o mencionara à professora Picton, que encorajara Julia a submeter um resumo para a conferência.

Julia ficara extasiada quando a sua proposta fora aceite. Mas a ideia de se colocar diante de uma sala cheia de especialistas em Dante e fazer uma apresentação sobre tópicos em que eles eram muito mais versados era assustadora.

E agora Gabriel estava a falar em reverter a sua vasectomia quando regressassem da Europa em agosto.

*E se a vasectomia for bem-sucedida?*

Sentiu-se inundada pela culpa. Claro que ela queria ter um filho dele. E sabia que reverter a vasectomia era mais do que um mero processo físico. Seria um gesto simbólico — de que ele se perdoara, finalmente, pelo que acontecera com Paulina e Maia. De que começara, finalmente, a acreditar que era digno de ser pai.

Tinham rezado por filhos. Depois do casamento, tinham ido ao túmulo de São Francisco e feito orações espontâneas e privadas, pedindo a Deus a bênção para o seu casamento e a dádiva de crianças.

*Se Deus quer responder às nossas orações, como posso eu dizer-Lhe que espere?*

Julia temia estar a ser egoísta. Talvez devesse pôr a maternidade acima da sua educação e aspirações. Harvard não ia a lado nenhum. Muita gente voltava à universidade depois de criar família.

*E se o Gabriel não quiser esperar?*

Ele tinha razão em frisar que a vida era curta. A perda de Grace era disso uma prova. Assim que Gabriel se soubesse capaz de gerar uma criança, provavelmente queria tê-la de imediato. Como poderia ela recusar?

Gabriel era um fogo consumidor. A sua paixão, os seus desejos pareciam sobrepor-se aos desejos dos que estavam à sua volta. Ele contara-lhe uma vez que ela fora a única mulher que alguma vez lhe dissera um não. Provavelmente tinha razão.

Julia temia não ser capaz de dizer não ao mais profundo anseio do seu marido. Seria avassalada pelo desejo de lhe agradar, de o fazer feliz, e, ao fazê-lo, estaria a sacrificar a sua própria felicidade.

Não fora muito feliz na infância. Era pobre e fora negligenciada quando vivia com Sharon em St. Louis. Mas distinguira-se na escola. A sua inteligência e disciplina tinham-na feito chegar à Universidade de Saint Joseph e depois à de Toronto.

O seu primeiro ano em Harvard fora bem-sucedido. Agora não era altura de desistir ou adiar. Agora não era altura de ter um bebé.

Julia cobriu o rosto com as mãos, rezou e pediu forças.

Algumas horas mais tarde, Gabriel entrou na cozinha com os ténis de corrida e as meias na mão. Vestia uma t-shirt e uns calções de Harvard, e ia tirar uma garrafa de água do frigorífico quando viu Julia sentada na cozinha, com a cabeça entre as mãos.

— Então é aqui que estás! — Deixou os ténis e as meias no chão e cumprimentou-a com um beijo insistente. — Estava a pensar aonde terias ido.

Reparou nos olhos cansados de Julia e nas olheiras que os debruavam. Ela parecia angustiada.

— O que se passa?

— Nada. Acabei agora de limpar a cozinha e o frigorífico e estou a fazer uma lista para ir à mercearia. — Apontou para uma grande folha de papel coberta com a sua letra fluente. Estava ao lado de uma chávena de café gelado e meio bebido, juntamente com uma outra lista igualmente longa de coisas para fazer.

Gabriel olhou para a cozinha, à sua volta, absolutamente cintilante. Até o chão parecia imaculado.

— São sete da manhã. Não é um bocado cedo para fazer limpezas?

— Tenho muita coisa para fazer. — Ela não parecia muito entusiasmada.

Gabriel pegou-lhe na mão, acariciando-lhe a palma com o polegar.

— Estás com um ar cansado. Não dormiste bem?

— Acordei cedo e não consegui voltar a dormir. Tenho de ir arrumar os quartos e limpar as casas de banho. Depois preciso de ir fazer compras e planejar as refeições. E... — Ela soltou um longo suspiro.

— E? — incitou ele, baixando a cabeça para poder olhá-la nos olhos, que ela desviara para a longa lista de coisas a fazer.

— Tenho de me despachar, ainda nem sequer estou vestida. — Ela apertou melhor o robe contra o corpo e fez um movimento para se levantar. Gabriel deteve-a.

— Não precisas de fazer nada. Eu disse que arranjava alguém para limpar a casa e é isso que vou fazer. — Indicou com um gesto a lista para a mercearia. — E vou à loja depois da minha corrida.

Os ombros dela relaxaram ligeiramente.

— Isso vai ajudar. Obrigada.

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Volta para a cama. Pareces exausta.

— Ainda há demasiadas coisas para fazer — sussurrou ela.

— Eu trato de tudo. Precisas de trabalhar no teu artigo. — Fez-lhe um meio sorriso. — Mas primeiro tens de dormir. Uma mente cansada não funciona muito bem.

Beijou-a de novo e levou-a para cima. Cobriu-a com os cobertores e ficou a vê-la instalar-se, antes de a aconchegar na cama.

— Eu sei que é a primeira vez que temos hóspedes em casa. Não quero que sejas a criada. E não quero, de maneira nenhuma, que os nossos familiares te impeçam de cumprir o teu prazo. Deixa-te ficar a trabalhar no escritório o resto do dia. Esquece o resto. Eu trato de tudo.

Deu-lhe um beijo na testa e desligou a luz, deixando Julia com o seu sono.

Gabriel costumava ouvir música enquanto corria, mas, naquela manhã, a sua mente estava distraída. Julianne estava assoberbada de trabalho; isso era óbvio. Não costumava levantar-se cedo e, pelo seu aspeto naquela manhã, já devia estar acordada há horas.

Provavelmente não deviam ter convidado a família para ficar com eles antes da conferência. Mas como iam ficar em Itália durante a maior parte do verão, aquela era a única altura em que poderiam estar todos juntos.

Esquecera-se de como ter companhia podia consumir tanto tempo. Ele nunca recebera mais do que uma ou duas pessoas de cada vez, e mesmo então apenas com o apoio de uma empregada e uma conta bancária que lhe permitia levar os convidados a comer fora.

Pobre Julianne. Gabriel recordou os seus próprios anos em Harvard;

como as férias nunca eram verdadeiras férias, já que havia sempre trabalhos para fazer, línguas para aprender e exames para preparar.

Sentia-se aliviado por ser professor efetivo. Não trocava de lugar com Julianne por nada. Especialmente tendo em conta que lidara com a pressão dos estudos com bebida, cocaína e Paulina.

Gabriel tropeçou, descaindo para a frente quando a ponta do seu sapato bateu no passeio. Endireitou-se rapidamente e recuperou o ritmo, obrigando-se a concentrar-se nos seus passos.

Não gostava de pensar nos seus anos em Harvard. Desde que regressara a Cambridge, experimentara *flashbacks* da droga, tão vívidos que poderia jurar estar a sentir a cocaína a entrar-lhe nas narinas. Estava a conduzir por uma rua, ou a entrar num edifício do campus de Harvard, e sentia um impulso que era tão agudo quanto doloroso.

Até então, com a graça de Deus, conseguira resistir. Claro que as suas reuniões semanais com os Narcóticos Anónimos tinham ajudado, tal como as consultas mensais com o seu psicólogo.

E depois, claro, havia Julianne.

Se Gabriel encontrara o seu poder mais alto em Assis, no ano anterior, Julianne era o seu anjo da guarda. Ela amava-o, inspirava-o, transformava a sua casa num lar. Mas ele não conseguia afastar o receio de que o Céu lhe sorrisse apenas para ganhar tempo, antes de lha arrebatá-lo de novo.

Gabriel mudara numa miríade de sentidos, desde que Julianne era sua aluna. Mas não conseguia ainda abandonar a sua crença de que era indigno de uma felicidade ininterrupta. Como o seu psicólogo o avisara, Gabriel apresentava um padrão de autodestruição.

A sua mãe adotiva, Grace, morrera de cancro quase dois anos antes. Essa morte precoce simbolizava para ele a brevidade e incerteza da vida. Se alguma vez perdesse Julianne...

*Se tivesses um filho com ela, nunca a perderias*, dizia-lhe uma pequena vizinha ao ouvido.

Gabriel acelerou o ritmo. A voz tinha razão, mas não expressava a sua principal motivação para querer ter um filho com Julianne. Ele queria uma família que incluísse crianças — uma vida cheia de risos, e a consciência de que poderia reparar os erros cometidos pelos seus próprios pais.

Ocultara as suas batalhas interiores da mulher. Julia estava sobrecarregada com as suas próprias preocupações e ele não queria contribuir para as agravar ainda mais. Julianne ficaria inquieta com os seus vícios e os seus medos, e ele já lhe provocara demasiada angústia.

Enquanto corria pelo circuito do costume, no seu antigo bairro, Gabriel começou a perguntar-se porque estaria ela tão abatida nessa manhã. Tinham passado uma noite incrível juntos, a celebrar o seu amor no pomar

e depois, mais tarde, na cama. Deu voltas à cabeça a tentar perceber se fizera alguma coisa que a magoasse. Mas o amor que tinham feito fora, como de costume, apaixonado e terno.

Havia pelo menos uma outra possibilidade, e Gabriel amaldiçoou-se por não ter pensado nela antes. Julianne sempre vira com algum grau de ansiedade o seu regresso a Selinsgrove. Um ano e meio antes, o ex-namorado, Simon, entrara à força na casa do pai dela e atacara-a. Subsequentemente, a atual namorada dele, Natalie, confrontara Julia num restaurante local, ameaçando publicar umas fotografias comprometedoras se ela não retirasse a queixa de agressão.

Julianne convencera Natalie de que não era do seu interesse divulgar as fotografias, já que implicavam também Simon. O pai dele era senador e estava a candidatar-se à presidência, e Natalie trabalhava na sua campanha.

Na altura, Gabriel guardara para si as dúvidas que sentia a respeito do sucesso de Julia. Sabia que, quando uma pessoa adquiria o gosto pela chantagem, continuava sempre a retirar água desse poço.

Gabriel praguejou de novo, agora a correr a um ritmo punitivo. Nunca contara a Julia o que fizera. Não queria fazê-lo naquele momento. Mas, se ela estava preocupada com Simon e Natalie, talvez estivesse na altura de lhe contar a verdade.

Quando Gabriel regressou da sua corrida, Julia estava a dormir. Riu-se baixinho, reparando nos seus pés nus que espreitavam de fora das cobertas. Julia não gostava de ficar com os pés demasiado quentes, e por isso expunha-os ao ar, enquanto se mantinha aninhada debaixo de vários cobertores.

Aproximou-se, tapou-lhe os pés e dirigiu-se para o chuveiro. Depois de se vestir, foi vê-la de novo, mas ela continuava a dormir. Desceu as escadas a correr, pegou nas listas na cozinha e subiu para o *Range Rover*. Com sorte, conseguiria terminar as compras e dar algum avanço à lista das coisas para fazer antes de ela acordar.

Às onze dessa noite, Julia desceu finalmente as escadas do segundo andar. Encontrou Gabriel sentado na sala, a ler. Estava numa poltrona de pele, os pés apoiados num tamborete, os olhos a moverem-se por detrás dos óculos.

— Olha quem é ela. — O marido recebeu-a com um sorriso e fechou o livro.

— O que estás a ler?

Ele mostrou-lhe a capa. *Relatos de um Peregrino Russo*.

— É bom?

— Muito. Alguma vez leste o *Franny e Zooey*, de J.D. Salinger?  
— Há muito tempo. Porquê?  
— A Franny lê este livro e fica perturbada com ele. Foi aí que tomei conhecimento dele.  
— De que trata? — Ela pegou no livro e passou os olhos pela contracapa.  
— Fala de um ortodoxo russo que tenta aprender o que significa rezar sem cessar.  
Julia arqueou uma sobrancelha.  
— E?  
— E estou a lê-lo para descobrir o que ele aprendeu.  
— Estás a rezar por alguma coisa?  
Ele coçou o queixo.  
— Estou a rezar por imensas coisas.  
— Como por exemplo?  
— Para me tornar um bom homem, um bom marido e, um dia, um bom pai.  
Ela sorriu e voltou a olhar para o livro.  
— Suponho que estamos todos nas nossas viagens espirituais.  
— Alguns de nós mais avançados do que outros.  
Julia pousou o livro e sentou-se no colo dele.  
— Não penso nas coisas dessa maneira. Acho que procuramos por Deus até Ele nos alcançar.  
Gabriel riu-se.  
— Como o *The Hound of Heaven*?  
— Exatamente.  
— Uma das coisas que mais admiro em ti é a compaixão que tens pela fragilidade humana.  
— Tenho os meus próprios defeitos, Gabriel. Só que estão escondidos.  
Ela olhou de relance para a sala à sua volta, reparando nas marcas do aspirador na tapete e na mobília acabada de limpar. O ar cheirava a limão e pinho.  
— A casa está ótima. Obrigada. Consegui trabalhar muito, hoje.  
— Ótimo. — Ele fitou-a sobre as armações dos óculos. — Como te sentes?  
— Muito melhor. Obrigada por fazeres o jantar. — Ela apoiou a cabeça no ombro dele.  
— Não tinhas fome, quando to levei. — Ele passou-lhe os dedos pelo cabelo.  
— Mas depois comi. Tinha-me aparecido um problema no artigo, por isso não conseguia interrompê-lo para comer.

— Posso ajudar? — Gabriel removeu os óculos, pousando-os em cima do livro.

— Não. Não quero que as pessoas pensem que és o cérebro por detrás da minha investigação.

— Não era isso que eu estava a oferecer. — Gabriel parecia ofendido.

— Tenho de fazer isto sozinha.

Ele fez um trejeito de troça.

— Acho que te preocupas demasiado com o que as outras pessoas pensam.

— Tenho de me preocupar — disse ela severamente. — Se apresentar um artigo que pareça ter sido escrito por ti, as pessoas vão reparar. A Christa Peterson já andou a espalhar rumores sobre nós. O Paul contou-me.

— A Christa é uma cabra invejosa. Só anda para trás na carreira, não para a frente. Em Columbia teve de se inscrever no programa de mestRADOS em Italiano. Não a admitiram diretamente para o doutoramento. Já falei com o diretor do departamento dela em Columbia. Se se puser a caluniar-nos, sofrerá as consequências. — Ele mudou de posição na cadeira. — E quando é que falaste com o Paul?

— Ele enviou-me um *e-mail* depois da conferência onde estive, na UCLA. Foi aí que viu a Christa e ouviu os boatos que andava a espalhar.

— Nem sequer me deixaste ler o teu artigo. Embora já tenhamos discutido Guido tantas vezes que tenho a certeza que sei o que vais dizer.

Julia roeu a ponta de uma unha, mas não disse nada.

Ele abraçou-a com mais força.

— O meu livro foi útil?

— Sim, mas estou a seguir uma linha diferente — disse ela vagamente.

— Isso pode ser uma faca de dois gumes, Julianne. A originalidade é valorizada, mas os métodos foram estabelecidos por alguma razão.

— Deixo-te lê-lo amanhã, se tiveres tempo.

— Claro que tenho tempo. — Ele começou a massajar-lhe as costas. — Na verdade, estou com bastante vontade de o ler. O meu objetivo é ajudar, não magoar-te. Sabes isso, não sabes?

— Claro. — Ela beijou-o de novo, antes de se aninhar contra o peito dele. — Mas tenho medo, não sei o que vais pensar.

— Vou ser honesto, mas dar-te o meu apoio. Prometo.

— Isso é o melhor que posso esperar. — Ela sorriu. — Agora preciso que me leves para a cama e me animes.

Ele riu-se.

— E animar-te implica o quê?

— Desviar-me a mente das minhas preocupações provocando-me com o teu corpo nu.

— E se eu ainda não estiver pronto para ir para a cama?

— Nesse caso, suponho que terei de ir para a cama sozinha. E talvez tenha de me animar sozinha. — Ela levantou-se e espreguiçou-se, a fitá-lo pelo canto do olho.

Ele levantou-se num ápice, pegou-lhe ao colo e precipitou-se para as escadas.

### Capítulo 3

— Não podes apresentar isto. — Gabriel entrou no escritório na tarde seguinte, com uma cópia do artigo de Julia na mão. Ela ergueu o olhar do seu portátil, horrorizada.

— Porquê?

— Estás enganada. — Ele baixou as páginas e tirou os óculos, atirando-os para cima da secretária. — São Francisco vem buscar a alma de Guido da Montefeltro depois de ele morrer. Já discutimos isto antes. Tu concordaste comigo.

Julia cruzou os braços num gesto defensivo.

— Mudei de ideias.

— Mas é a única interpretação que faz sentido!

Ela engoliu em seco e abanou a cabeça.

Gabriel começou a andar de um lado para o outro diante da secretária.

— Falámos sobre isto em Belize. Pelo amor de Deus, até te enviei uma ilustração da cena enquanto estávamos separados! Agora vais estar numa sala cheia de gente e dizer que nunca aconteceu?

— Se lesse as minhas notas de rodapé, verias...

Ele parou de andar e voltou-se para ela.

— Eu li as notas de rodapé. Nenhuma dessas fontes vai tão longe quanto tu. Estás meramente a especular.

— *Meramente?* — Julia recuou da sua secretária. — Encontrei várias fontes reputáveis que concordam com a maior parte das coisas que digo. A professora Marinelli gostou do meu artigo.

— Ela é demasiado branda contigo.

A boca de Julia abriu-se de espanto.

— Demasiado branda? E calculo que pensas também que a professora Picton me convidou para a conferência *meramente* por caridade?

A expressão de Gabriel suavizou-se.

— Claro que não. Ela tem-te em grande conta. Mas não quero que vás para a frente de uma multidão de professores experientes oferecer uma interpretação ingénuu. Se lasses o meu livro, ias...

— Eu li o seu livro, *professor Emerson*. Só menciona o texto que estou a analisar de passagem. E, *ingenuamente*, adota a interpretação habitual, sem refletir se devia fazê-lo ou não.

Os olhos de Gabriel semicerraram-se.

— Eu aceito a interpretação que faz sentido. — O seu tom era glacial.  
— Nunca adoto nada ingenuamente.

Julia levantou-se, a bufar de frustração.

— Não queres que eu tenha as minhas próprias ideias? Ou achas que tenho de repetir o que toda a gente já disse só porque sou uma simples aluna de doutoramento?

O rosto de Gabriel ficou vermelho.

— Eu nunca disse isso. Também já fui aluno de doutoramento, se bem te lembras. Mas já não sou. Podes beneficiar da minha experiência.

— Oh, aqui vamos nós. — Julia ergueu as mãos ao ar, descontente, e saiu do escritório.

Gabriel seguiu-a.

— O que é que queres dizer com isso, *aqui vamos nós*?

Ela não se deu ao trabalho de se virar.

— Só estás aborrecido porque vou discordar contigo em público.

— Tretas.

— Tretas? — Ela deu meia-volta. — Então porque é que me estás a dizer para alterar o meu artigo para concordar com o teu livro?

Ele pousou-lhe uma mão no braço.

— Não estou a tentar que concordes comigo. Estou a tentar ajudar-te para não fazeres figura... — Ele calou-se abruptamente.

— Figura de quê? — Ela afastou-lhe a mão.

— Esquece.

Gabriel fechou os olhos e inspirou profundamente.

Quando abriu os olhos, parecia mais calmo.

— Se começares agora, deves conseguir rescrever o teu artigo a tempo para a conferência. Eu ajudo-te.

— Eu não quero a tua ajuda. E não posso mudar a minha tese. Já publiquei o resumo no *site* da conferência.

— Vou ligar à Katherine. — Ele fez-lhe um sorriso de encorajamento.  
— Ela vai compreender.

— Não, não vais. Eu não vou mudar o artigo.

Gabriel premiu os lábios numa fina linha.

— Não é altura de seres teimosa.

— Ah, é sim. O artigo é meu!

— Julianne, ouve...

— Estás com medo que eu faça figura de parva. E que te envergonhe.

— Não foi isso que eu disse.

Ela lançou-lhe um olhar magoado, se não mesmo traído.

— Acabaste de o dizer.

Ela entrou no quarto e tentou fechar a porta atrás de si. A mão dele deteve-a rapidamente.

— O que é que estás a fazer?

— Estou a tentar afastar-me de ti. Não consigo estar contigo, neste momento.

— Julianne, para. — Ele olhou em volta, com uma expressão de impotência. — Podemos falar sobre isto.

— Não, não podemos. — Ela espetou um dedo no peito dele. — Já não sou tua aluna. Posso ter ideias minhas.

— Não era nada disso que eu estava a dizer.

Ela ignorou-o e entrou na casa de banho.

— Julianne, que raio. Para! — gritou ele da ombreira da porta.

Ela deu meia-volta.

— Não me grites!

Ele levantou as mãos num gesto de rendição.

— Desculpa. Vamos sentar-nos a conversar.

— Neste momento, não posso falar contigo, não quero dizer nada de que me possa arrepender. E tu, obviamente, também precisas de te acalmar.

— Onde vais?

— Para a casa de banho. Vou trancar a porta e vou evitar-te durante o resto do dia. E, se não me deixares em paz, vou para a casa do meu pai.

Gabriel pestanejou. Ela nunca ficara com o pai desde que se tinham casado.

— E como é que ias para lá?

Ela revirou os olhos.

— Não te preocupes. Não te deixo sem carro. Chamo um táxi.

— Não há táxis na cidade. Vais ter de chamar um em Sunbury.

Julia fez-lhe um olhar carrancudo.

— Eu sei, Gabriel. Já vivi aqui, lembras-te? Deves mesmo pensar que sou idiota.

Entrou na casa de banho e bateu a porta com força.

Gabriel ouviu o ruído da fechadura a trancar-se. Aguardou um instante antes de bater à porta.

— O Richard, o Aaron e a Rachel devem estar a chegar. O que é que eu lhes digo?

— Diz-lhes que sou uma idiota. Obviamente.

— Julianne, ouve-me. Por favor.

Ele ouviu a água a correr do outro lado.

— Está bem! — gritou. — Foge de mim. A nossa primeira discussão e trancas-te no raio da casa de banho. — Bateu com a palma contra a porta.

Abruptamente, a água parou de correr.

Ela ergueu a voz para se fazer ouvir.

— A minha primeira conferência pública e tu dizes-me que está uma merda. E não porque esteja mesmo, mas porque não concordei contigo e com o maldito do teu livro!

Depois de um longo banho quente, Julia emergiu da casa de banho. O quarto estava vazio.

Vestiu-se rapidamente antes de sair para o átrio. Foi lentamente até às escadas, a ouvir.

Segura de que a casa estava vazia, foi para o escritório e fechou suavemente a porta. Depois sentou-se atrás da sua secretária, pôs um *jazz* suave a tocar e regressou ao seu artigo.

— A Julia? — Rachel abraçou o irmão antes de puxar a sua pequena mala e a do marido, Aaron, para a sala. Alta e esguia, vestia calças caqui e uma t-shirt branca de decote em V. O seu longo cabelo louro, liso e perfeito, estava solto, a maquilhagem minimalista aplicada na perfeição. Parecia saída de um anúncio da *Gap*.

A expressão de Gabriel contraiu-se.

— Está a trabalhar no artigo.

— Disseste-lhe que já cá estávamos? — Rachel aproximou-se das escadas. — Jules! Mexe-me esse rabo!

— Rachel, por favor! — repreendeu-a o pai, antes de cumprimentar Gabriel com um abraço.

Richard era uns cinco centímetros mais baixo do que o filho e tinha cabelo claro e olhos cinzentos. Era calado e sério, e a sua inteligência e bondade inspiravam respeito em todos os que o conheciam.

Quando não ouviu movimento no andar de cima, Rachel virou-se para o irmão, semicerrando os olhos cinzentos.

— Porque é que ela está escondida?

Gabriel cumprimentou Aaron com um aperto de mão.

— Não está escondida. Provavelmente não te ouviu. Os vossos quartos estão prontos e há toalhas lavadas na casa de banho de hóspedes. Pai, podes ficar no teu antigo quarto.

— Eu fico bem no de hóspedes. — Richard pegou na sua mala e começou a subir as escadas.

— Tu e a Julia estão zangados? — Rachel lançou um olhar desconfiado a Gabriel.

Ele pressionou os lábios.

— Podes ir cumprimentá-la, quando subires. Depois tomamos uma bebida no alpendre. Vou fazer churrasco para o jantar. Costeletas.

— Costeletas? Fantástico. — Aaron deu uma palmada apreciativa nas costas de Gabriel. — Eu ia parar para comprar *Corona* antes de chegarmos, mas a Rachel quis vir diretamente para casa. Já volto.

Pegou nas chaves do carro e ia voltar a sair quando a mulher o deteve. Rachel abanou a cabeça.

Gabriel assistiu à troca de olhares entre Rachel e Aaron e decidiu que era a sua oportunidade para se ausentar.

— Vejo-vos no pátio daqui a uns minutos. — Gabriel foi para a cozinha.

Rachel olhou para o marido, abanando a cabeça.

— Eles estão chateados. Vou falar com a Jules e tu falas com o Gabriel. Depois podes ir comprar *Corona*.

— E estarão chateados porquê? — Aaron passou uma mão pelo cabelo escuro e encaracolado.

— Sei lá. Se calhar a Julia arrumou a sua coleção de lacinhos sem lhe pedir autorização.

— Olá. — Rachel abriu a porta do antigo escritório do pai.

Julia ergueu o olhar para ela com um enorme sorriso.

— Rach! Olá!

As duas amigas abraçaram-se e Rachel instalou-se numa das cadeiras confortáveis junto à janela.

— Como estás?

— Bem.

— Então, o que é que se passa contigo e o Gabriel?

— Nada.

— Mentas muito mal.

Julia desviou o olhar da amiga.

— O que é que te faz pensar que se passa alguma coisa?

— O Gabriel está lá em baixo com um ar infeliz e tu estás aqui em cima

com um ar infeliz. Há muita tensão na casa. Não preciso de ser médium para a sentir.

— Não quero falar do assunto.

— Os homens são uns idiotas.

— Nem me digas nada. — Julia deixou-se cair na cadeira em frente da melhor amiga, com as pernas por cima do encosto do braço.

— Às vezes discuto com o Aaron. Ele fica chateado e desaparece durante umas horas, mas volta sempre. — Rachel olhou para a amiga cuidadosamente. — Queres que vá bater no Gabriel?

— Não. Mas tens razão. Estamos chateados.

— O que foi que aconteceu?

— Cometi o erro de o deixar ler o artigo que estou a preparar. Ele disse-me que está péssimo.

— Ele disse isso? — Rachel endireitou-se na cadeira, a sua voz elevando-se.

— Não com tantas palavras.

— O que é que se passa com ele? Se fosse eu, tinha-lhe atirado com alguma coisa à cabeça.

Julia fez um sorriso de esguelha.

— Pensei nessa hipótese, mas não me apeteceu limpar o sangue.

Rachel riu-se.

— Porque é que o achou péssimo?

— Ele acha que estou enganada. Disse-me que só estava a tentar ajudar.

— Parece-me que o Gabriel está a tentar controlar o teu artigo como gosta de controlar tudo o resto. Pensei que andava a fazer terapia para isso.

Julia ficou calada por um momento.

— Não quero que ele me minta só para não me magoar. Se o artigo precisa de ser mais trabalhado, eu tenho de saber.

— Mas ele devia saber como ajudar sem te dizer que o trabalho está péssimo.

Julia soltou um sopro de frustração.

— Exatamente. Primeiro diz que quer criar uma família comigo. Depois vem e comporta-se como um imbecil condescendente.

Rachel ergueu uma mão, indicando à amiga para parar.

— Espera um minuto. Ele quer ter filhos?

Julia ficou embaraçada.

— Sim.

— Uau, isso é o máximo! Estou tão feliz por ti. Quando é que vão começar a tentar?

— Ainda falta algum tempo. Concordámos em esperar que eu termine o doutoramento.

— Isso é muito tempo. — A voz de Rachel suavizou-se.  
— Ia ser difícil trabalhar no doutoramento e ter um bebé.  
Rachel anuiu. Estava a repuxar a bainha da sua t-shirt.  
— Nós gostávamos de ter um bebé.

Julia virou-se um pouco para ver melhor a amiga.

— O quê, agora?

— Talvez.

— Como é que soubeste que estavas pronta?

Rachel riu-se.

— Não soube, na verdade. Sempre quis ter filhos e o Aaron pensa da mesma maneira. Andamos a falar disso desde a escola secundária. Adoro o Aaron. Fico feliz por viver com ele, só nós os dois. Mas, quando imagino o futuro, vejo miúdos. Quero que tenhamos alguém que passe connosco o Natal. Se aprendi alguma coisa com a morte da minha mãe, foi que a vida é incerta. Não quero esperar para ter filhos e depois perder a minha oportunidade.

Julia sentiu a ameaça das lágrimas, mas pestanejou para as conter.

— Fazes mamografias anualmente, não fazes?

— Sim, e fiz um teste genético. Não tenho o gene do cancro da mama, mas acho que a minha mãe também não tinha. Mesmo que tivesse, quando o percebessem, já seria demasiado tarde.

— Tenho tanta pena.

Rachel suspirou e olhou pela janela.

— Não gosto de falar disto, mas é uma coisa que me preocupa. O que é que acontece se tivermos filhos e eu contrair o cancro? Tento não pensar no assunto, mas está sempre num cantinho da minha mente.

Ela virou-se para a amiga.

— Ter filhos será uma boa maneira de o Gabriel se livrar da atitude condescendente.

— Porquê?

— Ele não vai ser condescendente quando tiver uma fralda suja para mudar. Vai gritar o teu nome, rogar por ajuda.

Julia riu-se. Mas voltou logo a ficar séria.

— Só quero que ele pense que as minhas ideias são importantes. Tão importantes como as dele.

— Claro que são. É isso que tens de lhe dizer.

— Sim. Mas, neste momento, não quero falar com ele.

Rachel passou com a mão sobre o descanso da poltrona, para a frente e para trás.

— Ele percorreu um longo caminho. Vê-lo casado e a falar em constituir família... é notável.

»A minha mãe contou-me que, quando o trouxeram para casa, ele costumava esconder comida no quarto. Não importava o que eles fizessem ou lhe dissessem, guardava sempre no bolso qualquer coisa de todas as refeições.

— Tinha fome?

— Tinha medo de *ter* fome. Não confiava que a mãe e o pai o iam continuar a alimentar. Por isso estava a armazenar uma reserva, para quando eles parassem. E também nunca tirava as coisas da mala. Só o fez depois de a adoção ser oficializada. Estava sempre à espera que o mandassem embora.

— Eu não sabia. — Julia sentia o coração pesado.

Rachel lançou-lhe um olhar compreensivo.

— Ele é meu irmão e eu adoro-o. Mas ele fala sem pensar. O problema dele com o teu artigo é que provavelmente não o escreveste como ele escreveria.

— Eu não vou escrever coisas à maneira dele. Tenho as minhas próprias ideias.

— Exatamente. Eu aconselho-te a falar com ele. Claro, não é má ideia fazê-lo sofrer um bocadinho. Deixa-o dormir no sofá.

— Infelizmente, devo ter de ser eu a fazer isso. — Julia apontou para o sofá encostado à parede oposta.

O jantar foi, no mínimo, desconfortável.

Julia e Gabriel ficaram sentados lado a lado. Até deram as mãos durante a oração ao início da refeição. Mas havia apenas uma dolorosa e fria delicadeza — nada de olhares calorosos, nada de palavras de afeição sussurradas, nenhum toque fugaz debaixo da mesa.

Gabriel tinha as costas direitas como um fuso, o semblante calmo. Julia estava calada e distante.

Richard, Aaron e Rachel mantinham a conversa fluida enquanto os Emerson mal abriam a boca. Depois do jantar, Julia declinou a sobremesa e pediu licença para ir trabalhar no seu artigo.

Os olhos de Gabriel seguiram-na tristemente enquanto ela saía da mesa, um músculo a palpitar no seu queixo.

Mas não a impediu. Ficou simplesmente a vê-la afastar-se.

Quando Rachel foi à cozinha fazer café, Aaron decidiu que estava farto. Inclinou-se sobre a mesa.

— Homem, engole o orgulho e vai lá pedir-lhe desculpa.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

— Porque é que assumes que eu é que tenho de lhe pedir desculpa?

— Porque és tu que tens a pi... — Aaron captou o olhar do sogro e

começou a tossir. — Hmm, oitenta por cento das discussões são por culpa do gajo. Pede logo desculpa e acaba com isto. Não quero ter de comer outra refeição assim. Está tanto frio aqui dentro que tenho de ir lá fora aquecer-me.

— Acho que tenho de dar razão ao Aaron. Não que ma tenhas pedido.  
— Richard riu por entre dentes.

Gabriel olhou para os dois homens com uma expressão de descontentamento.

— Eu tentei falar com ela. Foi assim que a nossa discussão começou. Ela trancou-se na casa de banho e mandou-me desaparecer.

Richard e Aaron trocaram um olhar conhecedor.

— Estás lixado. — Aaron assobiou. — É melhor ires falar com ela antes de se irem deitar, ou prepara-te para dormir no sofá.

Abanou a cabeça antes de ir para a cozinha juntar-se à mulher.

Richard tamborilava sobre a borda do seu copo, pensativo.

— *Et tu, Brute?* — disse Gabriel com um ar sarcástico.

— Eu não disse nada. — Richard olhou para o filho com bondade. — Tenho tentado manter-me de fora disto.

— Obrigado.

— Mas há uma razão para os casais mais velhos dizerem aos mais novos para não se deitarem zangados. Lidar com os problemas logo de início torna a vida mais fácil.

— Não posso propriamente ter uma conversa para uma porta trancada.

— Claro que podes. Já a seduziste uma vez, podes seduzi-la outra.

Gabriel olhou para Richard com uma expressão de incredulidade.

— Estás a dizer-me para seduzir a minha mulher?

— Estou a dizer-te que ponhas de lado o teu ego, que peças desculpa e depois a escutes. Nem sempre fui o homem que estás a ver na tua frente. Podes aprender com os meus erros.

— Tu e a mãe tinham o casamento perfeito.

Richard riu-se.

— O nosso casamento estava longe de ser perfeito. Fizemos um pacto ao início: o de que manteríamos as imperfeições fora da vista e dos ouvidos dos nossos filhos. As crianças ficam ansiosas quando os pais discutem. Pela minha experiência, os casais discutem por causa de dinheiro, sexo e uma falta de respeito ou de atenção.

Gabriel ia começar a protestar, mas Richard levantou uma mão.

— Não te estou a perguntar a razão da vossa zanga. É óbvio que a Julia ficou magoada. Estava muito apagada ao jantar, como ela costumava ser antes de começar a andar contigo.

— Não fui eu que cortei a comunicação racional. — O tom de Gabriel era arrogante.

— Ouve bem o que estás a dizer. — A expressão de Richard transformou-se numa de repreensão. — A Julia não é irracional. Está magoada. Quando alguém se magoa, o ato de se recolher é racional. Especialmente tendo em conta a sua história.

Gabriel fez uma careta.

— Eu não a queria magoar.

— Tenho a certeza que não. Mas também tenho a certeza que não foste justo na tua discussão. Aprender a discutir com o cônjuge é uma arte, não uma ciência. Eu e a tua mãe levámos muito tempo a aprender a dominar essa arte. Mas, depois de o conseguirmos, raramente discutíamos. E mesmo quando havia discussões, nunca eram feias, nunca magoavam.

»Se conseguires discutir com a Julia ao mesmo tempo que a convences de que a amas e ela é importante para ti, os vossos conflitos serão muito mais fáceis de resolver. — Richard terminou o seu vinho e pousou o copo na mesa. — Acredita no que te diz alguém que foi casado durante bastante tempo e também criou uma filha. Quando uma mulher se afasta e é fria, é porque se está a proteger. O meu conselho é que sejas gentil com a tua mulher e a alicies a sair daquele quarto trancado. Caso contrário, prepara-te para passar muitas noites solitárias no sofá.

Era perto da meia-noite quando Julia fechou o seu portátil. Sabia que toda a gente já fora dormir. Ouvira os seus passos no átrio.

Aproximou-se da porta do escritório e abriu-a. Viu a luz a brilhar debaixo da porta fechada do quarto principal. Não havia dúvida de que Gabriel estava acordado, a ler.

Pensou ir ter com ele. Mas a distância até à sua cama parecia interminável.

Agarrou no frasco de espuma de banho que retirara da casa de banho da suite após o jantar. Ia tomar outro banho quente na casa de banho de hóspedes e esquecer as suas preocupações.

Meia hora depois, Julia reentrou no escritório e fechou a porta atrás de si. Sentia-se mais fresca, mas apenas marginalmente mais descontraída. Uma vez que Gabriel parecia decidido a manter a distância, ela ia dormir no sofá.

Quando se deitou debaixo do velho cobertor de lã que tinham partilhado tantos anos antes no pomar, pensou na casa de Cambridge. Pensou nos seus primeiros meses de casamento e em como tinham sido tão felizes.

Ela queria ser especialista em Dante. Era um longo caminho, que exigiria sacrifício, muito trabalho e humildade. Não queria ser o tipo de pessoa que se considerava acima de qualquer crítica. Sabia que a sua escrita precisava de ser melhorada.

Mas quando Gabriel dissera que ia fazer figura de parva, a dor fora atroz. Precisava que ele a encorajasse, a animasse. Não precisava que a diminuísse. A sua autoconfiança já era suficientemente frágil.

*Porque é que ele não consegue ver que preciso do seu apoio?*

À medida que a sua tristeza aumentava, Julia perguntou-se porque não vinha o marido ao seu encontro.

De certeza que passara o serão com a família, a fumar um charuto no alpendre e a falar dos velhos tempos. Perguntou-se que tipo de explicação teria dado a Rachel a propósito do seu conflito. Perguntou-se porque estava deitada sozinha no escuro, à beira das lágrimas, e ele parecia perfeitamente disposto a deixá-la ali.

Nesse momento, ouviu uma porta a abrir-se no átrio. Ouviu os passos rápidos e determinados de Gabriel. Pararam à porta do escritório.

Ela sentou-se, a conter a respiração. Uma luz fraca brilhava no corredor, entrando no escritório por debaixo da porta.

*Ó deuses dos recém-casados zangados, por favor, façam com que ele me bata à porta.*

Ouviu o que lhe pareceu ser um suspiro doloroso e um ruído que parecia produzido por uma mão a pousar na porta. Depois viu uma sombra passar sobre a luz enquanto os passos se afastavam.

Julia fechou-se numa bola, mas não chorou.

## Capítulo 4

**D**e manhã muito cedo, o telemóvel de Julia começou a tocar. Acordou sobressaltada, com o som de “Message in a Bottle” dos Police a reverberar pela sala. Ficou a olhar para o telefone, que vibrava sobre a secretária. Mas não atendeu.

Alguns minutos mais tarde, ouviu um sinal a indicar que recebera uma mensagem.

Curiosa, foi à sua secretária e pegou no telefone. A mensagem era, extraordinariamente, de Dante Alighieri.

«*Desculpa.*»

Enquanto ponderava no que ia responder, chegou outra mensagem.

«*Perdoa-me.*»

Estava a começar a responder quando ouviu movimento no corredor e uma suave pancadinha na porta.

«*Deixa-me entrar, por favor.*»

Julia leu a mensagem mais recente antes de se dirigir à porta. Abriu-a, um pouco mais que uma nesga.

— Olá. — Gabriel cumprimentou-a com um sorriso hesitante.

Ela ficou a olhar para ele, reparando que tinha o cabelo molhado do duche mas que não se barbeara. Uma atraente barba escura cobria-lhe a face; vinha vestido com uma t-shirt branca e calças de ganga velhas, os pés descalços. Era, talvez, a visão mais bela que já tinha testemunhado.

— Há alguma razão para me estares a bater à porta às seis da manhã? — O seu tom foi mais frio do que esperava.

— Desculpa, Julianne. — A expressão dele era adequadamente contrita.

(E claro que também ajudava o facto de ter os olhos raiados de sangue e as roupas amarrotadas, como se tivessem sido simplesmente tiradas de um saco destinado ao Exército de Salvação.)

— Magoaste-me — sussurrou ela.

— Eu sei. Desculpa. — Ele deu um passo em frente. — Reli o teu artigo.

Ela pôs uma mão na anca.

— Vieste bater-me à porta para me dizeres isso?

— Eu liguei-te, mas não atendeste. — Ele sorriu. — Fez-me lembrar Toronto, quando tive de te ir bater à janela.

As faces de Julia ruborizaram-se com a memória de Gabriel a ir bater-lhe à janela e a levar-lhe o jantar, enquanto ela o recebia enrolada numa toalha, acabada de sair do duche.

— Esqueceste-te de uma coisa. Uma coisa importante.

Estendeu-lhe a ilustração de *The Contention for Guido da Montefeltro*.

— Encontrei-a no chão do quarto, ontem à noite. Não sei qual de nós a tinha, mas alguém a deixou cair.

Julia ignorou a ilustração que ele lhe deixara na caixa de correio em Toronto e estudou antes a sua expressão. Parecia agitado, com uma aguda preocupação visível nos olhos. Ele passou os dedos pelo cabelo molhado.

— Eu sei que precisavas de te afastar de mim, mas acho que já estivemos separados tempo suficiente. Posso entrar?

Julia deu um passo atrás.

Gabriel entrou e fechou a porta.

Ela dirigiu-se para o sofá e sentou-se com as pernas contra o peito, o velho cobertor enrolado à volta dos ombros.

Ele ficou a ver os seus movimentos, notando como o corpo da mulher estava agora curvado numa bola protetora. Deixou a ilustração em cima do computador e enfiou as mãos nos bolsos.

— Li outra vez o teu artigo. Também dei outra vista de olhos pelo *Inferno*. — Os olhos dele encontraram os dela. — Disse coisas que não devia ter dito.

— Obrigada. — A postura de Julia relaxou um pouco.

— Tenho algumas sugestões para melhorar o teu artigo. — Ele sentou-se na berma da secretária. — Sei que é importante para ti fazeres as coisas sozinha, mas tenho todo o gosto em ajudar, se precisares de mim.

— Eu gostava de ouvir os teus conselhos, desde que não me digas o que pensar.

— Eu nunca te diria o que pensar. Como poderia fazê-lo? — A expressão dele suavizou-se. — As tuas ideias são uma das muitas coisas que amo em ti.

Os olhos dele desviaram-se para a ilustração.

— Eu exagerei. Peço desculpa. Mas o tema do teu artigo é algo pessoal, Julianne. A história de Francisco a arriscar-se no Inferno para salvar a alma

de Guido representa o que eu estava a tentar fazer, quando fui confessar tudo aquilo à comissão disciplinar, em Toronto.

Julia sentiu a garganta a contrair-se. Não gostava de pensar no que acontecera no ano anterior. A comissão disciplinar e a sua subsequente separação tinham sido demasiado dolorosas.

— Confesso que não estava meramente a reagir à tua tese. Estava a reagir ao que interpretei como a tua rejeição da história. Da nossa história.

— Eu nunca quis rejeitar algo tão importante. Sei que arriscaste tudo para me ajudar. Sei que atravessaste o Inferno. — As feições dela foram-se tornando mais determinadas. — Se a situação fosse ao contrário, eu teria descido ao Inferno para te salvar.

Um sorriso puxou os cantos dos lábios de Gabriel.

— A Beatriz sabia que não podia acompanhar Dante ao Inferno, por isso enviou antes Virgílio.

— O único Virgílio que conheço é o Paul Norris. Duvido que tivesses recebido bem a sua ajuda.

Gabriel soltou um ronco de desdém.

— O Paul não é um bom candidato a Virgílio.

— Para mim, era.

Gabriel ficou carrancudo, pois a ideia de Paul a consolar Julia na sua ausência ainda não cicatrizara.

— Eu fui um idiota. Nessa altura e agora. — Levantou-se da secretária e foi colocar-se à frente de Julia, retirando as mãos dos bolsos.

Olhou para o espaço ao lado dela.

— Posso?

Ela fez um aceno de assentimento.

Gabriel sentou-se ao seu lado e estendeu-lhe a mão. Ela aceitou-a.

— Não queria magoar-te.

— Eu sei. Também te peço desculpa.

Ele puxou-a para o seu colo e enterrou o nariz no seu cabelo.

— Não quero que tenhas de te trancar na casa de banho para te afastares de mim.

Tomou-lhe o rosto entre as mãos e uniu os lábios aos dela. Passado um instante, ela correspondeu ao beijo.

Gabriel beijou-a com contenção, os seus lábios quentes e convidativos. Para trás e para diante, para trás e para diante, ele provocou-a e mordiscou-lhe os lábios. Ela ergueu a mão ao pescoço dele, puxando-o mais contra si.

Ele desenhou-lhe os lábios com a ponta da língua. Quando a sentiu abrir-se, entrou suavemente, juntando a língua à dela. Ele nunca fora capaz de mentir com os seus beijos. Estes transmitiam quase todos os seus

sentimentos. Julia sentiu a tristeza e o arrependimento dele, assim como a chama emergente do seu desejo.

As palmas das mãos dele desceram-lhe do rosto até às ancas, erguendo-a enquanto ela se sentava com uma perna de cada lado. Os troncos de ambos encontraram-se enquanto continuavam a abraçar-se, as bocas ávidas na sua exploração.

— Vamos para a cama. — A voz de Gabriel transmitia uma súplica enrouquecida, enquanto lhe segurava as nádegas, puxando-a contra a evidência da sua ereção.

— Sim.

— Ótimo. — Levou os lábios ao ouvido dela. — Ainda temos tempo de fazer as pazes como deve ser, antes de os nossos hóspedes descerem para o pequeno-almoço.

— Não podemos fazer as pazes como deve ser com convidados em casa.

— Ah, podemos sim. — Os olhos azuis de Gabriel cintilavam perigosamente. — Já te mostro.

— A noite de ontem foi horrível. — Gabriel estava deitado de costas, com um dos braços atrás da cabeça. Não se dera ao trabalho de se cobrir. O quarto estava quente e a mulher que adorava estava deitada ao seu lado, de barriga para baixo, igualmente nua. Em momentos como aqueles, ele desejava poderem passar os dias na cama, nus.

— Pois foi. — Julia ergueu-se nos antebraços para poder vê-lo. — Porque não vieste falar comigo?

— Queria ler o teu artigo outra vez. E pensei que precisavas de espaço.

— Não gosto de discutir contigo. — Julia baixou a cabeça, com os cabelos a roçar a ponta dos seios. — Detesto.

— Eu também não gosto, o que é surpreendente, a sério. Eu adorava discussões. — Ele fez beicinho. — Estás a transformar-me num pacifista.

— Não sei se alguma vez serás um pacifista, Gabriel. — A voz de Julia vacilou. — O doutoramento é muito difícil. Eu preciso do teu apoio.

— Podes contar com ele — sussurrou Gabriel com intensidade na voz.

— Discordar de ti no meu artigo não foi uma coisa planeada. Aconteceu... simplesmente.

— Vem cá.

Julia deitou-se em cima de Gabriel, que pôs os braços à volta dela.

— Temos de descobrir uma forma de discordar um do outro sem termos uma repetição do que aconteceu ontem. O meu coração não aguenta.

— O meu também não.

— Prometo-te não ser um sacana egoísta, se tu me prometeres não te

trancas na casa de banho. — Os olhos de Gabriel penetraram os dela até ao fundo.

— Eu prometo-te não me trancar na casa de banho se tu me deres espaço. Estava a tentar afastar-me de ti enquanto as coisas estavam a aquecer. Tu não me deixavas ir.

— Aceito isso. Podemos fazer uma pausa durante uma discussão, mas temos de prometer falar do assunto mais tarde. E não na manhã seguinte. Não te vou deixar dormir no sofá outra vez. Nem eu quero dormir no sofá.

— Combinado. O sofá é muito desconfortável. E solitário.

— Não me exprimi muito bem quando conversámos sobre o teu artigo. Peço desculpa por isso. Não estava preocupado com o facto de discordares de mim. Na verdade, provavelmente até é melhor ficar registado que não concordas comigo, porque isso vai mostrar a toda a gente que pensas por ti.

— Eu não discordo de ti só para te contrariar. — Apareceu uma ruga entre as sobrancelhas delicadamente arqueadas de Julia.

Gabriel tentou beijar a ruga para a fazer desaparecer, mas sem sucesso.

— Claro que não. Eu sei que isso te pode surpreender, mas também posso estar enganado, de vez em quando.

— O meu professor? Enganado? Inconcebível. — Ela riu-se.

— É na verdade surpreendente, não é? — Ele abanou a cabeça ironicamente. — Quando terminei de ler o teu artigo, fiquei convencido de que a interpretação comum estava errada.

— O quê? — Julia não conseguia acreditar nos seus próprios ouvidos.

— Ouviste-me bem. O teu artigo mudou a minha opinião. Tenho algumas sugestões que poderão dar mais força à última parte do teu artigo. Aí não me conseguiste convencer tão bem.

— Agradeço as indicações. Depois cito-te nas notas de rodapé.

Sentiu as mãos do marido deslizarem para o seu traseiro.

— Seria uma honra figurar numa das tuas notas de rodapé.

Ela hesitou por um momento.

— Não achas que o artigo está péssimo? Que vou fazer figura de parva?

— Não. Depois de ultrapassar a minha primeira reação e de prestar mais atenção aos teus argumentos, percebi que a professora Marinelli tem razão. O teu artigo é bom.

— Obrigada. — Julia encostou a face ao peito dele. — É difícil para mim estar a estudar o mesmo campo que tu. Sinto-me sempre como se estivesse a tentar apanhar-te.

Os dedos de Gabriel enrolaram-se no seu cabelo.

— Eu posso esforçar-me para te apoiar mais. Não estamos a competir um contra o outro. Na verdade, eu gostava de escrever um artigo contigo, qualquer dia.

Julia ergueu a cabeça.

— A sério?

— Acho que seria bom criarmos qualquer coisa juntos, com base no nosso amor comum por Dante. E orgulho-me de ti por teres a coragem de defender as tuas convicções. Quando defenderes o teu artigo em Oxford, vou estar sentado na fila da frente a pensar: “Dá-lhes, miúda!”

— É um sonho tornado realidade, ouvir-te dizer isso.

— Então vou continuar a dizê-lo.

## Capítulo 5

A família dos Emerson refreou-se sensatamente de comentar como eles pareciam descontraídos e felizes, quando saíram finalmente do quarto, pouco antes do almoço.

O irmão de Gabriel, Scott, chegara com a mulher, Tammy, e o filho Quinn. E toda a gente, incluindo o pai de Julia e a namorada, Diane, participou no jantar dessa noite.

Diane Stewart era uma atraente afro-americana, com pele impecável, enormes olhos escuros e caracóis por altura dos ombros. Com quarenta anos, era quase dez anos mais nova do que o namorado. Conhecia-o há muito tempo, já que vivera em Selinsgrove a vida inteira.

Enquanto toda a gente esperava que a sobremesa fosse servida, Diane surpreendeu os Emerson a dançar na cozinha. Gabriel dotara a casa com um sistema de música ambiente, e os acordes de um suave *jazz* latino enchiam o ar.

Estavam nos braços um do outro, a dançar suavemente com a música. Gabriel sussurrou qualquer coisa ao ouvido de Julia. Ela pareceu embaraçada e tentou desviar-se, mas ele riu-se e passou-lhe o braço pela cintura, puxando-a para si e beijando-a.

Diane recuou, tencionando regressar à sala, mas o soalho envelhecido rangeu debaixo dos seus pés. Os Emerson pararam abruptamente e viraram-se para ela.

Ela sorriu.

— Estão a preparar alguma. E não é a tarte de maçã.

Gabriel riu-se, um som forte e feliz, enquanto Julia sorriu e encostou a testa ao peito dele.

Diane acenou com a cabeça num gesto aprovador.

— Demoraram tanto tempo a fazer o café. Pensei que já não se lembravam de como se fazia.

Gabriel passou os dedos pelo cabelo, que estava despenteado por causa das explorações prévias da sua mulher. — Querida? — Olhou para ela.

— O café está pronto e a tarte está a arrefecer. É só um minuto. — Julia afastou-se relutantemente do marido, que ainda lhe deu uma palmadinha sub-reptícia no traseiro antes de a soltar.

Naquele momento, Rachel e Tammy juntaram-se a eles. Tammy era o mais recente membro da família, tendo casado com o irmão mais novo de Gabriel, Scott, um mês antes. Com quase um metro e oitenta, era alta e curvilínea, com longo cabelo louro e olhos azuis-claros.

— O que se passa? — Rachel olhou desconfiadamente para o irmão, como se fosse o único culpado da demora.

— Estávamos só a fazer café. — Julia ocultou o seu embaraço servindo café numa série de chávenas.

— Aposto que sim. — Tammy piscou o olho.

— Acho que não era café que eles estavam a fazer. *Humm-hmm*. — Diane abanou um dedo na direção deles.

— Muito bem, as senhoras podem continuar esta conversa. — Gabriel beijou Julia castamente antes de se escapar para a sala.

Rachel examinou as tartes de maçã na ilha no centro da cozinha e testou a sua temperatura com o dedo.

— Pega numa faca, Jules. Vamos provar estas tartes.

— Assim é que é falar. — Diane declinou a oferta de Julia de café e instalou-se num dos bancos da cozinha.

— Então, o que é que estavam a preparar aqui? E, por favor, diz-me que não usaram a bancada. — Rachel olhou para a bancada em granito que Gabriel insistira em instalar.

— Demasiado fria.

Julia levou a mão à boca, mas era demasiado tarde.

As mulheres romperam em gargalhadas e começaram a provocá-la impiedosamente.

— Está aqui calor, ou é um problema meu? — Diane abanou-se com um guardanapo de papel. — Vou começar a chamar a isto *a casa do amor*.

— Os meus pais eram assim. — Rachel olhou em volta da divisão. — Não nas bancadas, que eu saiba. Mas eram muito afetuosos. Deve ser qualquer coisa nesta cozinha.

Julia não discordou. Havia qualquer coisa afetuosa e confortável naquele espaço, e na casa em si. Ela e Gabriel tinham dificuldade em tirar as mãos um de cima do outro, exceto enquanto trabalhava no seu artigo.

— Então, o meu irmão já te compensou por ontem? — Rachel olhou para Julia.

Ela corou um pouco.

— Já.

— Ótimo. Mas tenho de ter uma conversa com ele. Devia comprar-te flores, depois de uma discussão. Ou diamantes.

Julia olhou para o seu anel de noivado, que tinha uma grande pedra central rodeada por diamantes mais pequenos.

— Ele já me deu o suficiente.

— Que lindo anel que aí tens, querida. — Diane virou-se para Tammy, os seus olhos focando-se na mão esquerda da rapariga. — E tu também. A vida de casada, está a correr bem?

Tammy olhou para as luzes de halogéneo refletidas no seu anel de noivado.

— Nunca julguei que viesse a acontecer.

— Porque não? — perguntou Rachel, a boca meio cheia.

Os olhos de Tammy dardejaram para a porta.

— Não devíamos ir servir a sobremesa?

Rachel engoliu o que tinha na boca.

— Eles têm perninhas. Se quiserem tarte, podem vir buscá-la.

Tammy riu-se e segurou na chávena de café entre as duas mãos.

— Antes de começar a sair com o Scott, vivi com uma pessoa. Era o meu namorado desde a faculdade de Direito. Começámos a falar em casar, comprar uma casa, a história toda. Depois engravidei.

Julia mudou de posição no seu banco, pouco à vontade, de olhos no chão.

Tammy fez um olhar pensativo para as amigas.

— O Scott disse-me que ele apareceu de surpresa, e que os seus pais não se importaram. Quem me dera ter tido oportunidade de conhecer a Grace. Parece uma mulher maravilhosa.

— Era mesmo — disse Rachel. — O Gabriel também não foi planeado. Os meus pais levaram-no para casa quando a mãe dele morreu, e mais tarde adotaram-no. Não é o planeamento que interessa. É o que acontece depois.

Tammy assentiu.

— Tínhamos falado em ter filhos. Queríamos os dois. Depois, de repente, o Eric decidiu que não estava pronto. Pensou que eu tinha engravidado de propósito para o prender.

— Como se tivesses engravidado sozinha. — Diane agitou o seu garfo no ar.

Julia não disse nada, envergonhada pelo facto de se identificar com a falta de preparação do Eric, embora deplorasse as suas ações.

— O Eric fez-me um ultimato... o bebé ou ele. Quando hesitei, foi-se embora.

— Idiota — balbuciou Rachel.

— Fiquei devastada. Eu sabia que a gravidez não era apenas da minha responsabilidade, mas sentia que devia ter sido mais cuidadosa. Pensei num aborto, mas já tinha perdido o Eric. No fundo, estava feliz por ser mãe.

Mais uma vez, Julia estremeceu, tocada pela sinceridade no tom de Tammy.

— Não conseguia pagar a renda sozinha, por isso voltei a viver com os meus pais. Sentia que tinha falhado em tudo: estava grávida, sozinha, a viver com os meus pais. Costumava adormecer a chorar, a pensar que nunca nenhum homem haveria de querer ficar comigo.

— Tenho muita pena. — Os olhos de Julia começavam a humedecer-se.

Tammy alcançou Julia e abraçou-a.

— As coisas melhoraram. Mas nunca perderei ao Eric por ter abdicado dos seus direitos parentais. Agora o Quinn nunca conhecerá o seu pai.

— Dadores de esperma não são pais — interrompeu Rachel. — O Richard não contribuiu com o seu material genético para o Gabriel, mas é pai dele.

— Não sei quem contribuiu com o material genético do Gabriel, mas de certeza que devia ser atraente, porque aquele rapaz é *lindo*. — Diane apontou para a sala. — Não tão lindo como o meu homem, mas, também, isso ninguém é.

Julia riu-se, desconfortável, ao contemplar a noção de que alguém considerava o seu pai “lindo”.

Tammy continuou:

— Tinha sorte por ter um emprego. Trabalhava no gabinete do procurador com o Scott. Saímos algumas vezes, quando eu estava grávida. Éramos só amigos, mas ele era tão querido para mim. Eu pensava que, depois de ter o bebé, nunca mais teria notícias dele. Mas ele foi-me visitar poucas semanas depois de o Quinn nascer. Convidou-me para sair, e fiquei caída por ele.

— Ele também estava caído por ti, tanto quanto me lembro. — Rachel sorriu. — Completamente caidinho.

Tammy tocou no seu anel de noivado, movendo-o à volta do dedo, para a frente e para trás.

— Estava a amamentar, por isso tinha de extrair leite antes de ele me ir buscar. Os meus pais ficavam a tomar conta do bebé. Mas o Scott nunca me fazia sentir desconfortável, nem esquisita. Via-me como uma pessoa, uma mulher, e não simplesmente como uma mãe. Acho que já tinha um fraqui-

nho por mim quando eu andava com o Eric. — Olhou para as suas amigas e sorriu. — Fiquei tão nervosa quando vos vim conhecer. Tinha medo do que iriam pensar. Mas receberam-me todos tão bem. — Olhou de relance para Julia. — Só conheci o Gabriel mais tarde, mas ele também foi muito simpático. Mesmo quando o Quinn lhe estragou o fato.

— Devias tê-lo visto antes de conhecer a Julia. — Rachel fez uma careta. — Teria entregue ao Quinn a conta da lavandaria.

Julia estava prestes a protestar em defesa de Gabriel quando Tammy voltou a falar.

— Não consigo imaginar o Gabriel a fazer isso. Ele é ótimo com o Quinn. E o Scott? Bem, a paternidade muda um homem. Para melhor — clarificou. — O Scott deita-se no chão e anda à luta com o Quinn; é brincalhão e gentil. É uma experiência completamente nova para ele.

Julia pensou nas observações de Tammy, a perguntar-se como seria Gabriel no papel de pai.

— Mal posso esperar para ter uma menina. — Tammy sorriu para si mesma. — O Scott vai tratá-la como uma princesa.

— Querem mais filhos? — perguntou Rachel, as sobrancelhas a erguerem-se de surpresa.

— Sim. Acho que dois filhos serão o suficiente, mas, se tiver outro rapaz, acho que gostaria de voltar a tentar, para ter uma menina.

Naquele momento, Scott entrou na cozinha com o bebé de vinte e um meses a dormir ao colo. Acenou às outras mulheres antes de se dirigir a Tammy.

— Acho que são horas de ir para a cama.

Julia sorriu com o contraste entre Scott, que tinha mais de um metro e noventa de um corpo sólido, e o pequeno anjo louro que embalava protetoramente.

— Eu ajudo-te. — Tammy levantou-se e foi ter com o marido. Beijou-o e subiram as escadas.

Rachel olhou para a pilha de pratos de sobremesa e as tartes.

— Acho que é melhor levarmos a sobremesa aos homens. — Cortou duas fatias de tarte, empratou-as e levou-as para a sala.

Diane olhou para Julia e começou a brincar com a sua chávena.

— Podemos falar um minuto, querida?

— Claro. — Julia mudou o seu peso no banco e voltou-se para dar a Diane toda a sua atenção.

— Não sei como dizer isto, por isso vou simplesmente dizer de uma vez. Tenho passado muito tempo com o teu pai.

Julia fez um sorriso calmo a Diane.

— Eu acho isso ótimo.

— Ele conheceu a minha mãe e o resto da minha família. Até começou a ir comigo à igreja aos domingos, para me ouvir cantar no coro.

Julia ocultou a sua surpresa ao pensar no pai numa igreja.

— Quando ele me perguntou se te podia levar ao meu casamento, percebi que tinha de ser coisa séria.

— Eu amo-o.

Os olhos de Julia aumentaram de tamanho.

— Uau. Ele sabe disso?

— Claro. Ele também me ama. — Diane fez um sorriso hesitante. — Temos andado a falar do futuro. A fazer planos...

— Isso é ótimo.

— É? — Os olhos escuros de Diane procuraram os de Julia.

— Fico feliz por ele estar com alguém que o ama. Por muito que não queira falar da Deb, tenho a certeza que deves saber que eles andaram muito tempo. Via-se que aquilo não ia dar em nada, e eu não gostava de os ver juntos.

Diane ficou calada, como se estivesse a pensar noutra coisa.

— O teu pai e eu temos falado em tornar as coisas permanentes. Quero que saibas que, quando isso acontecer, não vou tentar ocupar o lugar da tua mãe.

Julia ficou rígida.

— A Sharon não era minha mãe.

Diane pousou uma mão no braço de Julia, num gesto de conforto.

— Lamento.

— Não sei bem o que o meu pai te contou acerca dela, mas calculo que não tenha sido muito.

— Não o tenho pressionado para isso. Quando um homem está preparado para falar, ele fala.

Julia bebericou o seu café em silêncio. Não gostava de falar ou de pensar, sequer, na mãe, que morrera quando ela estava a terminar a escola secundária. Sharon fora uma mãe alcoólica e indiferente durante a maior parte da vida de Julia. Quando não era indiferente, maltratava-a.

— A Grace foi como uma mãe para mim. Eu era mais próxima dela do que da Sharon.

— A Grace era uma boa mulher.

Julia estudou a expressão de Diane e encontrou esperança nos seus olhos, misturada com uma ligeira ansiedade.

— Não estou preocupada por te tornares minha madrasta. E, se vocês se casarem, lá estarei.

— Vais fazer mais do que isso, querida. Vais ser uma das minhas damas de honor. — Diane abraçou Julia, apertando-a com força. Por fim, recuou,

limpando os olhos com os dedos. — Sempre quis uma família. Ter um marido e a minha própria casa. Estou com quarenta anos e finalmente todos os meus sonhos se estão a concretizar. Tinha medo do que ias pensar. Queria que soubesses que amo muito o teu pai e que não estou com ele por causa do dinheiro.

Julia fez-lhe um olhar confuso, antes de ambas as mulheres desatarem a rir.

— Agora sei que estás a brincar. O meu pai não tem dinheiro nenhum.

— É um bom homem, tem um emprego e faz-me feliz. Quando uma mulher encontra um homem assim, agarra-se a ele e não quer saber de dinheiro.

Antes que Julia pudesse responder, Tom entrou na cozinha. Quando viu os olhos molhados de Diane, aproximou-se dela rapidamente.

— O que é que se passa? — Levou-lhe a mão ao rosto e limpou-lhe as lágrimas com as pontas dos dedos.

— A Diane estava só a dizer-me como gosta de ti, papá. — Julia ofereceu ao pai uma expressão de aprovação.

— Ai sim? — A voz dele soava rude.

— Não que ma tenham pedido, mas têm a minha bênção.

Os olhos escuros de Tom encontraram-se com os da filha.

— Ai sim? — repetiu, agora num tom mais suave.

Tom pôs um braço sobre os ombros de ambas as mulheres, antes de dar um beijo na cabeça de cada uma.

— As minhas meninas — murmurou.

Um pouco mais tarde, Julia despediu-se de Diane e do pai. Pensara que talvez eles já estivessem a viver juntos, pelo menos algumas noites por semana, e ficou surpreendida quando Diane lhe explicou que não, por respeito pela sua mãe, com quem vivia.

Agora Julia começava a compreender porque Diane tinha tanta pressa em casar e ter a sua própria casa.

Depois de a sobremesa ser servida, Richard Clark sentou-se no alpendre das traseiras da sua antiga casa, a beber uísque e a fumar um charuto. O ar estava fresco e calmo. De facto, se fechasse os olhos, quase podia imaginar a sua mulher, Grace, a sair pela porta traseira e instalar-se no cadeirão de madeira.

O peso tomou conta do seu coração. Ela nunca mais voltaria a sentar-se ao seu lado.

— Tudo bem?

Richard abriu os olhos para ver a nora, Julia, sentada na cadeira mais próxima. Ela recolhera as pernas elegantes debaixo de si e estava embrulhada num dos velhos casacos de caxemira de Gabriel.

Richard passou o charuto para a mão esquerda e desviou o cinzeiro para não a incomodar.

— Eu estou bem, e tu?

— Também.

— O jantar estava ótimo — ofereceu ele. — Verdadeiramente excepcional.

— Tentei reproduzir alguns dos pratos que comemos em Itália. Ainda bem que gostou. — Ela inclinou a cabeça para trás contra a cadeira, a observar o céu escuro.

Ele provou novamente o uísque, a sentir que alguma coisa a perturbava. Mas, não desejando forçar uma confiança, continuou em silêncio.

— Richard?

Ele soltou um risinho.

— Pensei que tínhamos concordado que me chamarias pai.

— Claro, pai. Desculpe. — Ela passou uma unha pelo braço da cadeira, riscando a madeira.

— Não precisas de pedir desculpa. Somos família, Julia. E, se alguma vez precisares de alguma coisa, estou aqui.

— Obrigada. — Julia desenhou com um dedo a cicatriz que deixara na madeira. — Incomoda-o que tenhamos mudado coisas? Dentro da casa?

Richard hesitou antes de responder.

— A casa de banho precisava de ser renovada, e foi boa ideia acrescentarem outra no piso térreo e no quarto principal. A Grace teria gostado do que fizeram na cozinha. Andou durante anos a pedir-me uma bancada de granito.

Julia sentiu o coração apertar-se.

— Mantivemos muitas coisas como estavam.

— Por favor, não te preocupes. A Grace teria tido todo o prazer em ajudar-te a redecorar a casa, se aqui estivesse.

— Está confortável no quarto de hóspedes? Estava a pensar se teria mudado de ideias quanto a lá ficar.

— És muito simpática por perguntar, mas não estou perturbado com nenhuma dessas coisas. Estou perturbado por a Grace ter partido para nunca mais voltar. Tenho medo que esse sentimento nunca desapareça.

Concentrou-se na sua aliança, um simples anel de ouro.

— Quando estou dentro da casa, por vezes posso jurar que ouço a sua

voz, ou sinto o seu perfume. Não a sinto quando estou em Filadélfia. O meu condomínio não tem memórias dela. — Richard sorriu para si mesmo. — A nossa separação não custa tanto quando estou aqui.

— É doloroso?

— Sim.

Julia sentou-se por um momento, enquanto pensava em como se sentiria se perdesse Gabriel. Claro que ficaria devastada.

A extensão de uma vida humana era incerta. Uma pessoa podia contrair um cancro, ou morrer num acidente de automóvel, e, num piscar de olhos, uma família ficava destroçada.

Julia ouviu uma vozinha sussurrar-lhe, vinda não sabia de onde:

*Se tivesses um filho com Gabriel, terias sempre uma parte dele.*

A voz, mais do que o pensamento por detrás, fê-la estremecer.

Notando a sua reação, Richard levantou-se e enrolou-lhe um cobertor à volta dos ombros.

— Obrigada — murmurou ela. — Gosta de viver em Filadélfia?

— O meu cargo de investigação não é exatamente aquilo que eu esperava. Tenho andado a pensar em reformar-me. — Levou o charuto ao cinzeiro para soltar a cinza. — Mudei-me para perto da Rachel e do Scott, mas não os vejo muito. Estão ocupados com as suas próprias vidas. Todos os meus amigos, incluindo o teu pai, estão aqui.

— Volte para cá.

— O quê? — Ele virou-se na cadeira para a fitar.

— Volte para Selinsgrove. Venha para cá viver.

— Esta casa agora é tua e do meu filho.

— Só cá estamos durante as férias. Podemos trocar de quartos imediatamente e o Richard pode trazer as suas coisas de Filadélfia.

Ele levou o charuto aos lábios.

— É muito simpático da tua parte, mas eu fiz a minha escolha. Vendi a casa ao Gabriel há mais de um ano.

— Ele ficaria mais feliz se soubesse que o pai está no sítio onde devia estar.

Richard abanou a cabeça.

— Eu nunca voltaria atrás na minha palavra.

Julia revirou o seu cérebro em busca de uma estratégia persuasiva.

— Seria um *mitzvah* para nós. E precisamos dessa bênção.

Richard riu-se.

— Esse é o tipo de coisas que eu costumava dizer ao Gabriel, às vezes, quando ele estava a ser teimoso. De que espécie de bênção precisas?

A expressão de Julia alterou-se.

— Tenho uma oração por responder.

Quando não disse mais nada, ele levou o seu charuto à boca e expirou o fumo.

— Na minha opinião, todas as orações acabam por ser respondidas. Por vezes a resposta é não. Mas não me vou esquecer de rezar para que tenhas uma resposta. Não posso fingir que a ideia de regressar não é tentadora. Mas vocês gastaram tanto tempo a fazer desta a vossa casa. Mobilaram o andar térreo, pintaram paredes...

— O Richard hipotecou esta casa para pagar as dívidas que o Gabriel contraiu por causa da droga.

Richard olhou-a, surpreendido.

— Ele contou-te?

— Contou.

— Isso foi há muito tempo. O Gabriel já nos pagou o que lhe tínhamos emprestado.

— Mais uma razão para lhe abrir agora esta casa.

— Um pai faria qualquer coisa pelo seu filho. — A expressão de Richard tornou-se grave. — O dinheiro não me interessava. Estava a tentar salvar a vida dele.

— E salvou. O Richard e a Grace. — Julia olhou para o jardim à sua volta. — Desde que a casa continue na família e possamos estar juntos nas Ações de Graças e no Natal, não interessa quem é o proprietário. Ou quem cá vive.

Ela apertou mais o cobertor à sua volta quando uma brisa soprou no alpendre, acariciando-lhe o rosto.

— Mas o Gabriel nunca se separaria do pomar. Contratou pessoas para o revitalizar. Plantaram árvores.

— Aquelas árvores velhas não dão uma boa colheita há anos. Receio que ele esteja a ser um pouco otimista de mais.

Julia olhou para o bosque, na direção do pomar.

— O otimismo faz-lhe bem.

Voltou-se para Richard.

— Se viver aqui, pode supervisionar o pomar. O Gabriel ficaria aliviado por saber que o está a deixar em mãos capazes. Seria uma ajuda para nós.

Richard manteve-se calado pelo que pareceu uma eternidade. Quando falou, a sua voz estava rouca.

— Obrigado.

Ela apertou-lhe a mão antes de o deixar entregue ao seu charuto e aos seus pensamentos. Richard fechou os olhos, e uma sensação de esperança inundou o seu coração.

...

Depois de os hóspedes se retirarem para os quartos, Julia sentou-se na beirada da sua nova banheira de hidromassagem a testar a temperatura da água. Estava ansiosa por alguns momentos de descontração.

Sabia que devia estar a trabalhar no seu artigo, mas a agitação do dia deixara-a esgotada. Perguntou-se se deveria ligar à sua psicóloga em Boston. Decerto que a Dr.<sup>a</sup> Walters teria sugestões para a ajudar a lidar com a ansiedade, o conflito marital e o renovado interesse de Gabriel em constituir uma família.

Não era uma coisa assim tão terrível, querer um bebé. Julia comparou o terno entusiasmo de Gabriel com a fria indiferença que Tammy descrevera em Eric. Claro, Julia sabia qual dos dois preferia. Só precisava de se manter firme e não deixar que a paixão de Gabriel a soterrasse, soterrasse os seus sonhos.

O seu conflito com Gabriel no dia anterior ilustrava o quanto tinham ainda de aprender como casal. Tinham de aprender aquelas lições antes de trazerem uma criança ao mundo.

Enquanto esperava que o nível da água subisse, sentiu os pelos da nuca eriçarem-se. Virou-se e encontrou Gabriel junto ao lavatório. Desabotoara os três botões de cima da camisa, alguns pelos do peito agora visíveis sobre o colarinho da t-shirt branca que usava por baixo.

— Nunca me canso de olhar para ti. — Ele depositou-lhe um beijo no pescoço antes de remover a toalha fofa que ela enrolara à volta do corpo. — Devia pintar-te.

Acariciou-lhe as costas com as pontas dos dedos, para cima e para baixo.

— Pintaste-me na outra noite, Caravaggio. Tínhamos tinta pelo chão todo.

— Ah, sim. Custou-me ter de limpar tudo. Estava com esperança de podermos repetir.

— Isso vai ter esperar por uma noite em que não tenhamos convidados. — Ela fez-lhe um olhar picante. — Queres juntar-te a mim?

— Prefiro ficar a ver.

— Então não me vou esquecer de te dar um bom espetáculo. — Julia ergueu o cabelo acima do pescoço com as duas mãos, arqueando as costas na pose de uma *pin-up*.

Ele gemeu e deu um passo em frente.

Ela estendeu a mão, detendo-o.

— Deixei a minha espuma na casa de banho de hóspedes. Importas-te de a ir buscar?

— Absolutamente nada. *Deusa*. — Ele passou a língua pelos lábios antes de sair.

Levou alguns minutos a localizar a espuma de banho, porque alguém a deixara cair e ela rebolara para junto do cesto do lixo. Quando se baixou para lhe pegar, reparou em qualquer coisa entre o cesto e a parede.

Era uma pequena caixa retangular.

Leu o rótulo. *Teste de gravidez.*

Mas a caixa estava vazia.

Quando ultrapassou a sua surpresa, verificou se tinha lido bem o rótulo, deixou a caixa onde a deixara e regressou ao seu quarto.

Sem uma palavra, entregou a espuma de banho a Julia, que temperou a água com a sua essência de sândalo e tangerina antes de entrar na banheira.

Ela instalou-se naquela que lhe pareceu ser uma pose provocadora.

Perdido em pensamentos, Gabriel ficou parado junto à bancada do lavatório.

— O que se passa? — Ela virou-se na banheira para o ver melhor.

Gabriel passou uma mão sobre a boca e o queixo.

— A Rachel está grávida?

— Que eu saiba, não. Ela disse-me que estão a tentar. Porquê?

— Encontrei uma caixa vazia de um teste de gravidez na casa de banho de hóspedes. Parecia que alguém o tinha tentado esconder.

— Devia ser dela.

— Quem me dera que fosse teu. — Gabriel lançou-lhe um olhar tão intenso que ela sentiu o seu calor na própria pele.

— Mesmo depois do que aconteceu ontem?

— Claro. Os casais têm discussões. Os maridos são idiotas. Depois envolvemo-nos em sexo ardente e suado para fazermos as pazes e seguimos em frente.

Ela baixou os olhos para a água.

— Eu preferia o sexo ardente e suado sem a discussão antes.

A voz dele reduziu-se a um sussurro rouco.

— Isso não seria sexo para fazer as pazes, pois não?

Ela respirou profundamente e ergueu os seus olhos escuros ao encontro dos dele.

— Não estou pronta para uma família.

— Há de chegar a nossa vez. — Ele pegou-lhe na mão, beijou-lhe os dedos cobertos de espuma. — E, acredita em mim, não quero começar outra discussão, nem fazer aumentar o teu stress.

Julia sorriu debilmente.

— O teste também pode ser da Tammy.

— Ela já tem um filho.

— O Quinn vai fazer dois anos em setembro. Eu sei que ela quer ter filhos com o Scott.

Gabriel ajustou a iluminação, diminuindo a sua intensidade, antes de desaparecer no quarto. Um momento mais tarde, regressou, e Julia ouviu a voz de Astrud Gilbert a flutuar da coluna encastrada no teto. Lançou ao marido um olhar agradado.

— Quem quer que tenha feito o teste pode ter descoberto que estava grávida. Mas, se estiver, vais ser tio. *O tio Gabriel.*

Sem reagir, ele desabotoou a camisa. Tirou-a e removeu a t-shirt, expondo a tatuagem e o ligeiro polvilhado de pelos escuros no peito musculado.

Julia ficou a vê-lo pendurar a camisa num gancho antes de as mãos se desviarem para o cinto. Ele sorriu enquanto abrandava o ritmo dos movimentos, a provocá-la.

Ela revirou os olhos.

— Quando acabares, a água vai estar fria.

— Duvido. De certeza que não vou ficar cá fora quando terminar.

— Porquê?

— Porque tenciono terminar dentro de ti.

Com um sorriso, pendurou as calças antes de se livrar dos *boxers*.

Julia conhecia bem o corpo do marido, mas, mesmo assim, a sua figura tirava-lhe sempre o fôlego. Ele tinha ombros largos que afunilavam numa cintura e ancas estreitas, que davam, por sua vez, lugar às coxas musculadas. Os braços, tal como os abdominais, eram bem definidos, assim como o V que descia para o seu proeminente sexo.

— Tu matas-me, quando olhas assim para mim. — Gabriel fixava os olhos dela com avidez.

— Porquê? — Ela olhou-o sem embaraço, chegando-se para a frente na banheira para abrir espaço para ele.

— Porque estás com ar de quem me quer lamber. De uma ponta à outra.

— E quero.

Num segundo, Gabriel instalou-se atrás dela, enrolando as longas pernas nas da mulher.

— Conheço este perfume.

— Comprei esta espuma de banho porque me fez lembrar o óleo de massagem que usaste em Florença. Massajaste-me as costas, lembra-te?

— Tanto quanto me lembro, massajei mais do que isso. — Gabriel roçou-lhe a orelha com o nariz. — Não fazes ideia de como esse perfume me deixa.

— Faça, sim. — Julia encostou-se ao peito dele, sentindo-o duro contra o fundo das suas costas.

— Antes de passarmos a... eehh... outras atividades, gostava que falasses comigo.

— Sobre o quê? — Julia ficou tensa.

Ele colocou as mãos de cada lado do pescoço dela e começou a massajá-la.

— Descontraí-te. Eu não sou o inimigo. E estou simplesmente a tentar convencer-te a confiar um bocadinho em mim. Costumas usar a espuma de banho quando estás tensa. E tens estado a usá-la todos os dias.

— É só porque tenho muita coisa em que pensar.

— Conta-me.

Ela passou a mão esquerda pela superfície da água, empurrando as bolhas para a frente e para trás.

— Estou preocupada com o doutoramento, tenho medo de falhar. Estou preocupada com a minha conferência.

Ele apertou-lhe os ombros.

— Já falámos sobre a tua conferência e dei-te a minha opinião honesta. Está boa. E não vais falhar no teu programa de doutoramento. Só tens de ir fazendo um semestre de cada vez.

»Não tens de ficar a entreter os nossos convidados, esta semana. Amanhã, vou anunciar que tens de passar o dia a trabalhar no teu artigo. Eles que se entretendam sozinhos durante o dia, e à noite faço um churrasco para o jantar. Tenho a certeza que a Rachel e a Tammy ajudam.

Os músculos de Julia começaram a suavizar debaixo dos dedos dele.

— Isso vai ajudar. Obrigada.

— Eu faria tudo por ti — murmurou ele, encostando os lábios ao seu pescoço. — Sabes isso, não sabes?

— Sei. — Ela virou-se e beijou-o profundamente.

Quando se separaram, ela sorriu.

— Vais fazer anos quando estivermos em Itália. Como é que queres festejar?

— Contigo. Na cama. Durante vários dias. — Ele pôs-lhe os braços à volta da cintura, acariciando-lhe a pele em torno do umbigo.

— Gostavas de convidar alguém para ficar connosco na Úmbria? Podiam acompanhar-nos à exposição em Florença.

— Não, quero-te só para mim. Podemos convidá-los para Cambridge no teu aniversário.

Julia pôs as mãos em cima das dele, detendo-lhe os movimentos.

— Não gosto de fazer grande alarido do meu aniversário.

Ele reclinou-se para trás.

— Pensei que já tínhamos ultrapassado isso.

— Vou estar muito ocupada, em setembro.

— Vinte e cinco anos é um aniversário muito importante.  
— Trinta e cinco também.  
— As minhas datas importantes só o são por tua causa. Sem ti, seriam apenas dias vazios.

Julia enterrou a cara no peito dele.

— Tens de ser sempre tão doce?

— Uma vez que comi muita coisa amarga durante a maior parte da minha vida, sim. — Ele começou a explorar-lhe com a boca a curva da nuca e a pele ensaboada dos seus ombros.

— Então parece que vamos ter uma festa em setembro. Podíamos celebrar no fim de semana do Dia do Trabalhador<sup>1</sup>. — Beijou-lhe os peitorais antes de se virar de novo para a frente. — O que foi que o Richard te disse, quando estavas a falar com ele lá fora?

— Ele gostava de voltar para cá, mas não quer comprar a casa. Acho que estava a guardar o dinheiro para a reforma.

— Pode viver aqui sem a comprar. Não te importas, pois não?

— De todo. Até preferia que aqui vivesse. Mas ele sente-se mal por estar a beneficiar das obras de renovação.

— Agora pode aproveitá-las. O único problema é o que faremos à mobília. Não temos espaço em Cambridge.

— Podíamos dá-la ao Tom. As mobílias dele já viram melhores dias. — O Professor falava num tom empertigado.

— Eras capaz de fazer isso?

— Não te vou mentir, Julianne. O teu pai não é a minha pessoa favorita. Mas uma vez que tu és... — Ele beijou-a.

— O Richard tem coisas que comprou com a Grace de que não se quer separar, e há alguma mobília que ele guardou cá num depósito. Vamos ter de tirar as coisas novas para lhe dar espaço. Podemos oferecê-las à Rachel, se preferires.

— Acho que seria simpático oferecê-las ao meu pai. Ele e a Diane andam a falar em casar.

Gabriel abraçou-a pela cintura.

— O que é que sentes a esse respeito?

— Ela é boa para o meu pai e boa para mim. Gostava que ele tivesse alguém com quem envelhecer.

— Desculpa dar-te a novidade, querida, mas o teu pai já está a envelhecer. Estamos todos.

— Sabes o que quero dizer.

---

<sup>1</sup> *Labor Day*, celebrado nos Estados Unidos na primeira segunda-feira de setembro. (N. da T.)

Ele virou-a para si, colocando as pernas dela à volta do seu peito.

— A tua sorte é que eu não estou demasiado velho para te manter acordada a noite inteira. Acho que esta é uma divisão que ainda não batizámos... por enquanto.

## Capítulo 6

**P**or volta da meia-noite, Richard sentiu o colchão afundar-se enquanto alguém se introduzia debaixo dos cobertores. Virou-se, colando-se ao corpo da mulher. A sua figura era familiar e macia, e ele suspirou audivelmente enquanto se encostava a ela.

Grace também suspirou de satisfação, como fazia sempre nesses momentos, aninhando-se no corpo do marido.

— Tinha saudades tuas. — Ele acariciou-lhe o cabelo e beijou-lho. Não lhe pareceu estranho que ela tivesse o cabelo comprido e liso, como fora antes da quimioterapia.

— Eu também, querido. — Grace deu-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dele.

Richard sentiu as alianças de noivado e casamento dela roçarem na sua própria aliança. Ficou contente por não a ter removido.

— Sonho contigo.

Ela beijou o ponto onde as suas alianças se tocavam.

— Eu sei.

— Eras tão nova. Tínhamos a vida toda pela frente, tantas coisas que queríamos fazer. — A sua voz embargou-se na última palavra.

— Sim.

— Sinto falta disto — sussurrou ele. — De te abraçar no escuro. De ouvir a tua voz. Não acredito que te perdi.

Grace libertou-lhe a mão esquerda e puxou-a para o seu peito.

Richard preparou-se para sentir as marcas côncavas no sítio onde tinham estado os seios da mulher. Embora sentisse tristeza com as cicatrizes, nunca o incomodara olhá-la ou tocá-la ali, mas ela não o permitia.

Grace planeava fazer cirurgia reconstrutiva, mas o cancro regressara,

tornando a cirurgia impossível. Ela sempre fora bela para ele, sempre o encantara, até ao fim.

Mas quando ela lhe puxou a mão para cima, a sua palma encontrou carne redonda e cheia. Hesitou, mas apenas por um momento. Conteve a respiração enquanto a cobria com a mão. Ela colocou a mão por cima da dele e pressionou.

— Estou curada — murmurou ela. — Foi mais assombroso do que podes imaginar. E não doeu.

Os olhos de Richard humedeceram-se.

— Curada?

— Sem dor. Sem lágrimas. E é tão, tão bonito.

— Desculpa não ter percebido que estavas doente. — Ele ficou novamente com a voz embargada. — Devia ter prestado atenção. Devia ter reparado.

— Era a minha hora. — A mulher beijou-lhe as costas da mão. — Há tanta coisa que te quero mostrar. Mas não agora. Descansa, meu amor.

Na manhã seguinte, Richard acordou com a cama vazia e a noção de que lhe fora dado um presente muito precioso. Sentia-se mais ligeiro, mais em paz do que estivera em muito tempo. Tomou o pequeno-almoço com a família e começou a tratar do pedido de demissão do seu lugar de investigador em Filadélfia.

Na semana seguinte, pôs o seu apartamento à venda e contratou uma empresa de mudanças para levar as suas coisas de volta para a casa que comprara com a mulher, tantos anos antes. Gabriel insistiu que os artigos guardados no armazém regressassem também à casa.

Quando os camiões das mudanças chegaram, ele levou os carregadores ao quarto de hóspedes, pedindo-lhes que removessem a sua mobília antes de trazerem a de Richard.

— Não. — Richard pousou uma mão no ombro do filho. — O quarto de hóspedes agora é meu.

Gabriel indicou aos carregadores que lhe deviam dar um minuto. Voltou-se para o pai, de sobrolho franzido.

— Porque é que não queres o teu antigo quarto?

— O quarto principal agora é teu e da Julia. Ela pintou-o e tornou-o seu. Não vou desfazer isso.

Gabriel protestou, mas Richard ergueu uma mão para o calar.

— A Grace vai ficar comigo onde quer que eu durma. Há de encontrar-me no quarto de hóspedes. — Deu mais uma palmadinha no ombro de Gabriel, antes de chamar os carregadores e os levar para cima.

Gabriel não queria discutir com o pai, especialmente quando parecia tão satisfeito com a sua decisão. E, se achou estranhas as observações do pai, guardou isso para si.

(Mas, na verdade, não achou estranhas as observações do pai.)

Naquela noite, quando a casa estava vazia e em silêncio, Richard quase podia imaginar Grace a deitar-se com ele. Virou-se de lado e dormiu pacificamente, antes de ir ao encontro da mulher nos seus sonhos.

## Capítulo 7

*Julho de 2011  
Oxford, Inglaterra*

O professor Gabriel O. Emerson observou desdenhosamente o modesto quarto de hóspedes na escadaria cinco dos Claustros do Magdalen College. Os seus olhos azuis focaram-se num par de camas individuais encostadas à parede e ele apontou-as a Julia.

— Que raio é aquilo?

Os olhos de Julia seguiram o caminho apontado pelo dedo acusador do marido.

— Acho que são camas.

— Isso estou eu a ver. Vamos embora.

Pegou nas malas e aproximou-se da porta, mas ela deteve-o.

— É tarde, Gabriel. Estou cansada.

— Exatamente. Onde raio vamos nós dormir?

— Onde é que os alunos do Magdalen normalmente dormem? No chão?

Ele lançou-lhe um olhar fulminante.

— Não vou dormir numa ridícula abominação de cama de solteiro. Vamos para o Randolph.

Ela esfregou os olhos com as duas mãos.

— As nossas reservas são apenas para daqui a dois dias. E, além disso, tu prometeste.

— O Nigel prometeu-me um dos quartos de professores vazios, um quarto com cama dupla e casa de banho privativa. — Ele olhou em volta. — Onde está a cama dupla? Onde está a casa de banho privativa? Vamos ter de partilhar a casa de banho só Deus sabe com quem!

— Eu não me importo de partilhar uma casa de banho com outras pessoas durante duas noites. Vamos estar a maior parte do tempo na conferência.

Ignorando os protestos irados do marido, Julia dirigiu-se para a janela, que dava para o lindo pátio quadrangular em baixo. Olhou para as estranhas figuras de pedra instaladas acima das arcadas à direita.

— Disseste-me que C.S. Lewis se inspirou naquelas estátuas quando escreveu *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*.

— É o que dizem — respondeu ele secamente.

Ela encostou a testa ao vitral.

— Achas que o fantasma dele alguma vez anda por aqui?

— Duvido que quisesse assombrar um quarto como este. — Gabriel soltou um som de desdém. — Provavelmente está no pub.

Julia fechou os olhos. Fora um longo dia, com a viagem desde o hotel em Londres até à estação de comboios, depois para Oxford e agora para ali. Estava tão, tão cansada.

Ele olhou para a sua figura abatida do outro lado do quarto.

— Os fantasmas não existem, Julianne. Sabes disso. — A sua voz era suave.

— Então e quando viste a Grace e a Maia?

— Isso foi diferente.

Ela olhou melancolicamente para as estátuas antes de se juntar a Gabriel à porta, com uma expressão derrotada.

— Não achas melhor ficarmos no hotel? — Os olhos dele estudaram os dela. — Teríamos mais privacidade.

— Pois teríamos.

Ela desviou o olhar.

Ele olhou de relance para as camas individuais.

— O sexo é quase impossível naquelas coisas malditas. Não há espaço suficiente.

Ela fez um sorriso afetado.

— Olha que, pelo que me lembro...

Um lento sorriso provocador abriu-se no rosto dele, que se aproximou uns meros centímetros do dela.

— Isso é um desafio, Sr.<sup>a</sup> Emerson?

Julia fitou-o por um momento. Depois pareceu libertar-se de toda a fadiga enquanto enrolava a gravata de seda à volta de uma mão e puxava os lábios dele contra os seus.

Gabriel largou a bagagem e beijou-a profundamente, esquecendo a sua irritação. Sem uma palavra, usou o pé para fechar a porta atrás de si.

## Capítulo 8

**A**lgum tempo mais tarde, Gabriel estava entrelaçado com a mulher numa das camas estreitas. Ela sussurrou-lhe o nome contra o peito. — Não perdeste a tua habilidade. Achei a tua mais recente inovação extremamente... satisfatória.

— Obrigado. — O peito dele inchou. — É tarde. Horas de dormir.

— Não consigo.

Gabriel puxou-lhe suavemente o queixo para cima.

— Estás preocupada com o teu artigo?

— Quero deixar-te orgulhoso.

— Eu sempre me orgulharei de ti. Eu *tenho* orgulho em ti. — Os seus olhos azuis penetraram os dela.

— E a professora Picton?

— Ela não te teria convidado se achasse que não estavas preparada.

— E se alguém me fizer uma pergunta e eu não souber a resposta?

— Respondes o melhor que puderes. Se insistirem, poderás sempre dizer que fizeram uma boa pergunta e que vais pensar mais cuidadosamente no assunto.

Julia descansou a cabeça sobre o peito dele e fez os dedos caminharem pelos seus músculos abdominais.

— Achas que se pedisse a C.S. Lewis pela sua intercessão, ele rezaria por mim?

Gabriel soltou um ronco de riso.

— Lewis era um protestante da Irlanda do Norte. Não acreditava em petições a santos. Mesmo que te ouvisse, ia simplesmente ignorar-te. Por princípio. Pede antes a Tolkien. Esse era católico.

— Podia pedir ao Dante para rezar por mim.

— Dante já está a rezar por ti. — Ele falou contra o cabelo dela.

Julia fechou os olhos, ficando a ouvir o som do coração do marido. Considerava sempre o seu ritmo reconfortante.

— E se as pessoas perguntarem porque é que saíste de Toronto?

— Diremos o que dizemos sempre... Eu queria estar em Boston porque tu ias para Harvard e nós íamos casar.

— A Christa Peterson tem andado a contar uma história diferente.

O Professor semicerrou os olhos.

— Esquece-a. Não vamos ter de nos preocupar com ela neste congresso.

— Promete-me que não vais perder a calma se ouvires alguma coisa... desagradável.

— Dá-me um pouco de crédito. — Ele soava exasperado. — Já tivemos de lidar com boatos na Universidade de Boston e em Harvard, e eu não perdi a calma. Por enquanto.

— Claro. — Ela beijou-lhe o peito. — Mas quando os académicos ficam entediados, gostam de falar. E nada é mais excitante do que um escândalo sexual.

— Permita-me discordar, Sr.<sup>a</sup> Emerson. — Os olhos de Gabriel cintilaram.

— Porquê?

— Sexo contigo é mais excitante do que um escândalo.

Ele virou-a de costas e começou a beijar-lhe a nuca.

Antes de o Sol descer sobre o horizonte, Julia voltou para o quarto. Um feixe de luz exterior iluminava parcialmente o homem nu na sua cama. Estava deitado de barriga para baixo, o cabelo escuro despenteado. O lençol estava perigosamente baixo, expondo-lhe o fundo das costas, as ancas e a parte superior das nádegas.

Julia fitou-o apreciativamente, os olhos demorando-se um pouco mais tempo do que o necessário no traseiro e glúteos musculados. Ele era lindo, era sensual, e era seu.

Tirou as calças de ioga e a t-shirt, deixando as roupas e a *lingerie* em cima de uma cadeira. Desde o seu casamento que dormia quase sempre nua. Preferia assim — dormir pele contra pele com o seu amado.

Gabriel moveu-se quando sentiu o movimento no colchão. Aceitou-a imediatamente nos braços, mas levou alguns momentos a acordar.

— Aonde foste? — Começou a passar-lhe a mão no braço, para cima e para baixo.

— Fui ver as figuras de pedra no pátio.

Os olhos de Gabriel abriram-se.

— Porquê?  
— Li os livros de Nárnia. Foram especiais para mim.  
Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos.  
— Então, quiseste ficar aqui por causa de Lewis?  
— E por tua causa. Eu sei que viveste aqui com a Paulina e... — Parou, lamentando o facto de ter mencionado alguém que estavam ambos a tentar esquecer.  
— Isso foi antes de nos envolvermos. Passei muito pouco tempo com ela aqui. — Envolveu Julia nos braços. — Não teria tentado levar-te para o Randolph esta noite, se soubesse. Porque é que não me contaste?  
— Pensei que ias achar infantil a minha ligação aos livros de Nárnia.  
— Qualquer coisa importante para ti não pode ser infantil.  
Matutou por um momento, enquanto pensava no que ela lhe dissera.  
— Também li esses livros. Havia um guarda-roupa, no apartamento da minha mãe, em Nova Iorque, que eu julgava abrir-se para Nárnia, se eu fosse um bom menino. Mas, claramente, não era.  
Esperou que ela se risse, mas isso não aconteceu.  
— Eu sei como é estar disposta a fazer qualquer coisa para tornar as histórias reais — sussurrou ela.  
Gabriel apertou-a com mais força.  
— Se quiseres ver onde Lewis vivia, eu levo-te a The Kilns, a casa dele. Depois podemos ir ao The Bird and Baby, onde os Inklings se encontravam.  
— Ia gostar muito.  
Ele roçou um beijo pelo cabelo dela.  
— Disse-te uma vez que tu não és minha igual, és melhor do que eu. Receio que não tenhas acreditado em mim.  
— É difícil acreditar que tu pensas isso, por vezes.  
Ele estremeceu.  
— Preciso de me esforçar mais para to mostrar — murmurou ele. — Mas não sei bem como.

## Capítulo 9

**D**epois do pequeno-almoço na sala de jantar da faculdade, Gabriel insistiu que apanhassem um táxi para St. Anne's, o local da conferência. Tinha medo que Julia (e os seus saltos altos) não sobrevivesse à caminhada, e por nada deste mundo lhe iria sugerir que mudasse de sapatos.

— Isto é um sonho tornado realidade — murmurou Julia, enquanto atravessavam Oxford. — Nunca imaginei sequer poder visitar este sítio, quanto mais poder apresentar a minha investigação. Ainda não consigo acreditar.

— Trabalhaste muito. — Ele levou-lhe a mão aos lábios. — Esta é a tua recompensa.

Julia ficou em silêncio, sentindo o peso das expectativas sobre os seus ombros.

Quando passaram pelo Ashmolean Museum, os olhos de Gabriel iluminaram-se de repente.

— Será que conseguiríamos meter-nos em sarilhos ali dentro? — Apontou para o museu. — Se bem me lembro, há bastantes locais bons para uma ou duas aventuras.

Julia corou e ele puxou-a contra si, a rir.

Ainda tinha a capacidade de a fazer corar, um feito de que se orgulhava sobremaneira. E conseguira mais do que fazê-la corar, alguns dias antes, quando tinham dançado o tango contra uma parede no Museu Britânico.

(Os Mármore de Elgin ainda estavam a recuperar do choque.)

Chegaram ao St. Anne's College mesmo antes do início da primeira sessão. Lá dentro, uns cinquenta académicos entretinham-se à volta da mesa do bufete, a beber chá e a comer biscoitos, enquanto conversavam sobre o mundo extraordinário dos Estudos de Dante.

(Pois, de facto, aquele mundo era muito mais interessante do que poderia parecer aos não iniciados.)

Gabriel serviu uma chávena de chá a Julia antes de se servir de café. Apresentou-a a dois proeminentes professores de Oxford seus conhecidos enquanto bebericavam as suas bebidas.

Quando chegou a altura de avançarem para o anfiteatro, Gabriel pousou a mão ao fundo das costas de Julia, instando-a a entrar. Ela deu dois passos antes de parar.

Uma conhecida gargalhada despreocupada encheu-lhe os ouvidos, a sua fonte visível a poucos metros de distância. No centro de um grupo de homens velhos e jovens vestidos primariamente de *tweed*, reinava uma beldade de cabelos pretos. Era alta e esguia, a sua figura atraente vestida com um fato justo de saia e casaco pretos. Saltos de dez centímetros tornavam as suas longas pernas ainda mais compridas.

(Pela primeira vez na vida, O Professor olhou para um par de elegantes sapatos de marca com outra coisa que não prazer.)

A gargalhada da mulher foi interrompida quando um homem de cabelo preto e pele muito bronzeada lhe começou a sussurrar qualquer coisa ao ouvido, de olhos fixos nos Emerson.

— *Foda-se* — vociferou Gabriel em surdina.

Olhou, carrancudo, na direção de Christa Peterson e do professor Giuseppe Pacciani, enquanto Julia catalogava as reações dos homens que estavam por perto. Enquanto os seus olhos passavam de um para o outro, começou a ser invadida por uma terrível sensação de desmoronamento.

Vários dos homens ficaram a olhar fixamente, mais tempo do que era apropriado, para os seios e ancas de Julia. Ela soltou a mão de Gabriel e abotoou o casaco do seu fato, de forma a cobrir mais o peito.

Uma expressão de visível desapontamento marcou os rostos dos homens. Claramente, Julia não correspondia às suas expectativas de uma jovem e encantadora estudante de mestrado que dormira com o seu professor e se envolvera num escândalo.

— Vou resolver isto de uma vez por todas. — Gabriel deu um passo em frente, mas Julia enterrou-lhe os dedos no braço, atravessando a lã do seu casaco até atingir carne.

— Posso falar contigo um minuto? — sussurrou.

— Depois.

— Não podes — sibilou Julia. — Aqui não.

— Problemas no paraíso? — A voz presunçosa de Christa reverberou na sala. — Estou a ver que a lua-de-mel não durou muito tempo.

Fixou os olhos felinos em Julia, a sua boca atraente a curvar-se num trejeito de desdém.

— Não que esteja muito surpreendida.

Julia tentou afastar Gabriel, mas ele manteve-se no lugar onde estava, de sobrolho franzido.

— Gostava de lhe dar uma palavrinha, menina Peterson.

Christa aproximou-se mais do professor Pacciani. Começou a simular estar intimidada por Gabriel.

— Não depois do que aconteceu em Toronto. Se tem alguma coisa para dizer, vai ter de o fazer na frente de testemunhas.

Confiante pela presença de Pacciani ao seu lado, inclinou-se para a frente, baixando a voz.

— Não é do seu interesse fazer uma cena, Gabriel. Descobri algumas coisas a seu respeito, depois de ter partido; coisas como o seu envolvimento em BDSM<sup>2</sup>. Não sabia que a professora Ann Singer era a sua Dominatrix.

Um silêncio caiu sobre os que estavam mais perto dos antagonistas, os seus olhos a passarem de Christa para Gabriel.

Julia pegou-lhe na mão e puxou-o, a sentir a força que dele emanava.

— Vamos. *Por favor.*

Apesar da fúria, Gabriel estava consciente, demasiado consciente, da atenção dos seus pares. Foi preciso um apelo a cada grama do seu autodomínio para não agarrar Christa pela garganta.

Contendo uma praga, virou-se abruptamente e deu um passo para se afastar da sua antiga aluna.

— Estou ansiosa por ouvir a tua apresentação, Julianne. — Christa ergeu mais a voz para as pessoas a poderem ouvir. — Não é habitual uma aluna de primeiro ano de doutoramento ser incluída numa conferência tão importante. Como é que conseguiste?

Julia fez uma pausa, olhando para Christa por cima do ombro.

— Fui convidada pela professora Picton.

— A sério? — Christa pareceu confusa. — Não teria sido melhor convidar o Gabriel para falar? Quero dizer, provavelmente vais repetir coisas que aprendeste com ele. Ou então ele escreveu-te simplesmente o artigo.

— Eu faço a minha própria investigação. — A voz de Julia era baixa mas de aço.

— Sim, acredito. — Christa olhou ostensivamente para as costas de Gabriel. — Mas a tua “investigação” não te ajuda a escrever um artigo. A não ser que estejas a planear contar-nos histórias sobre todos os professores com quem dormiste para entrares em Harvard.

---

<sup>2</sup> BDSM – Acrónimo para Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. (N. da T.)

Gabriel praguejou e soltou a mão de Julia. Deu meia-volta e olhou furiosamente para Christa.

— Já chega. Não fale com a minha mulher. Compreendeu?

— Calma, calma, Gabriel. — Os olhos escuros de Christa estavam brilhantes com presunçosa antecipação.

— Trate-me por *professor* Emerson — cortou ele.

Julia colocou-se entre os dois.

— Vamos. — Pousou uma mão suave sobre o peito dele, mesmo por baixo do seu lacinho.

— Sai da minha frente. — Ele parecia um dragão prestes a cuspir fogo.

— *Por mim* — suplicou ela, de coração a disparar.

Antes que Gabriel pudesse voltar a abrir a boca, uma voz autoritária soou ao seu lado.

— O que é que significa isto?

Katherine Picton estava à sua direita, o cabelo branco cortado num estilo curto e impecável, os olhos azuis-acinzentados a cintilar por detrás dos óculos. Ela olhou para o professor Pacciani com aversão antes de virar a sua atenção para Christa.

Os seus olhos semicerraram-se.

— Quem é a senhora?

A postura de Christa alterou-se de defensiva para adúladora. Estendeu a mão.

— Sou Christa Peterson, de Columbia. Conheçemo-nos na Universidade de Toronto.

Katherine ignorou a mão estendida.

— Eu conheço bem os professores de Columbia. A senhora não é um deles.

Christa corou e recolheu a mão.

— Sou aluna.

— Então não se apresente como outra coisa que não isso mesmo — disse Katherine secamente. — A senhora não é *de* Columbia. A senhora *frequenta* Columbia. E está aqui porquê?

Quando Christa não respondeu, a professora Picton aproximou-se mais dela, erguendo a voz.

— É dura de ouvido? Fiz-lhe uma pergunta. O que é que está a fazer na minha conferência, a insultar os meus convidados?

Christa quase desmaiou, sentindo a energia da sala a mudar sob a antipatia da professora Picton. Até o professor Pacciani deu um passo atrás.

— Estou aqui para assistir à sua conferência, como todas as outras pessoas.

Katherine endireitou o seu corpo de um metro e cinquenta e dois e olhou para a aluna muito mais alta e meio século mais nova.

— O seu nome não está na lista de convidados. Eu com toda a certeza não a convidei!

— Professora Picton, desculpe. A jovem é uma amiga — intercedeu untuosamente o professor Pacciani. Fez uma vénia e fez tenção de beijar a mão da professora Picton, que a retirou secamente.

— Como sua acompanhante, Giuseppe, a presença dela pode ser desculpável. Mas apenas isso. — Fitou-o com severidade. — Precisa de lhe ensinar maneiras.

Com isto, Katherine dirigiu-se a Christa.

— Eu sei da confusão que criou em Toronto. Quase destruiu o meu departamento com as suas mentiras. Aqui vai seguir as regras do decoro ou eu mando expulsá-la. Compreendeu?

Sem esperar por uma resposta, Katherine começou a ralhar com Pacciani num italiano fluido, fazendo-lhe ver em termos inequívocos que se a sua amiga tornasse desagradável, por qualquer forma, a visita dos seus convidados, ela responsabilizá-lo-ia pessoalmente.

Acrescentou que tinha uma memória perfeita e impiedosa.

(Há que mencionar que era verdade.)

— *Capisce?* — Ela fitou-o fixamente através dos óculos.

— *Certo*, professora. — Fez uma vénia, o rosto abatido e zangado.

— Eu é que sou a parte lesada — protestou Christa. — Quando estava em Toronto, o Gabriel...

— Disparates. — Katherine virou-se para ela. — Eu estou velha, não senil. Reconheço uma mulher despeitada quando a vejo. E os outros também deviam reconhecer. — Com isto, Katherine dirigiu uma expressão fulminante para os homens que tinham rodeado Christa, ansiosos por dar ouvidos às suas intrigas. — Além disso, fazer-se convidada num evento onde se entra apenas por convite é o cúmulo da falta de profissionalismo. Isto não é uma festa numa residência universitária.

A professora Picton olhou novamente em volta da sala, fazendo uma pausa, como que para desafiar quem quer que fosse contradizê-la. Sob o seu olhar cáustico, os lúbricos mirones começaram a recuar.

Aparentemente satisfeita, virou novamente a sua atenção para a menina Peterson, erguendo o queixo imperiosamente.

— Creio que estamos entendidas.

Com isto, virou as costas a Christa. Os outros ocupantes da sala ficaram imóveis, algo chocados por terem acabado de testemunhar o equivalente académico a um combate de luta na lama, habilmente vencido por uma pequena (mas feroz) septuagenária.

— Meus queridos amigos, que bom revê-los. Como correu o vosso voo? — Katherine pôs o braço à volta dos ombros rígidos de Julia, dando-lhe um abraço fraternal antes de apertar a mão de Gabriel.

— A viagem correu bem. Ainda passámos alguns dias em Londres, antes de apanharmos o comboio para cá. — Gabriel deu um beijo na face da professora Picton. Tentou obrigar-se a sorrir, mas não conseguiu.

— Não estou impressionada com o facto de eles terem admitido escumalha — disse Katherine desdenhosamente. — Tenho mesmo de falar com os organizadores da conferência. Já é suficientemente mau que tivessem de estar sujeitos a uma tal pessoa, para terem agora de a suportar em público. Que rapariga ridícula.

Os olhos envelhecidos da professora Picton captaram rapidamente a expressão de angústia de Julia, e o seu semblante suavizou-se.

— Esta noite, pago-lhe um copo, Julianne. Acho que está na altura de termos uma pequena conversa.

As palavras da professora arrancaram Julia da sua quietude. Uma mal velada expressão de terror percorreu-lhe as feições.

Gabriel pôs-lhe um braço à volta da cintura.

— Isso é muito generoso, Katherine, mas porque não vem antes jantar connosco?

— Obrigada, tenho muito gosto. Mas primeiro quero falar com a Julianne. — Virou-se para a sua antiga aluna, com uma expressão bondosa. — Venha ter comigo depois da última apresentação e podemos ir a pé até ao The Bird and Baby.

A professora Picton afastou-se e foi imediatamente rodeada por vários admiradores académicos.

Julia levou um momento a recuperar a compostura, mas, quando conseguiu, encostou-se a Gabriel.

— Estou tão envergonhada.

— Foi uma pena a Katherine ter interrompido naquele momento. Gostaria de lhe ter dito algumas palavras.

Julia começou a torcer as mãos.

— Eu nunca lhe devia ter respondido. Devíamos ter virado as costas e saído.

A expressão de Gabriel contraiu-se. Ele olhou em volta, depois aproximou a boca do ouvido dela.

— Tu fizeste-lhe frente, o que foi a coisa certa. E eu não vou ficar parado a ouvi-la chamar-te vadia.

— Se nos tivéssemos ido embora, ela não tinha chegado tão longe.

— Tretas. Ela já nos anda a caluniar. Foste tu própria que o disseste.

A expressão de Julia marcava o seu desapontamento.

— Eu pedi-te para parares.

— E eu expliquei-te que não ia deixá-la falar contigo daquela maneira. — Cerrou o maxilar, e depois descontraiu-o. — Não vamos discutir por causa daquela cabra. É precisamente o que ela quer.

— O que ela queria era armar confusão. E tu deste-lha. — Julia olhou rapidamente para a sala que se esvaziava à sua volta. — Amanhã vou ter de ficar diante de toda a gente, sabendo que testemunharam aquela cena embaraçosa.

— Se não tivesse dito nada, se não tivesse feito nada, teria parecido que eu concordava com ela. — A voz de Gabriel era um trovão grave, saído do fundo da sua garganta.

— O facto é que eu te pedi que parasses e tu mandaste-me sair da frente. — Ela lançou-lhe um olhar magoado. — Eu sou tua mulher. Não um empecilho.

Ela agarrou com força a sua velha mala *Fendi* e seguiu a multidão para o anfiteatro.

## Capítulo 10

O professor Emerson estava a ferver de raiva enquanto via a mulher afastar-se. Tinha vontade de arrastar Christa Peterson pelos cabelos lá para fora e dar-lhe uma lição. Infelizmente, tendo em conta o comportamento sedutor da sua antiga aluna, ela provavelmente até ia gostar.

(E ainda tiraria fotografias para o seu álbum.)

Não era nada dele, querer bater numa mulher.

Ou talvez fosse. Talvez fosse precisamente típico dele querer bater numa mulher. A fúria e a violência estavam inscritas nos seus ossos, produto do ADN. Talvez Gabriel fosse tal e qual o seu pai.

Fechou os olhos. Tão rapidamente como o pensamento emergira, ele bloqueou-o. Agora não era altura de pensar no que sabia e não sabia sobre os seus pais biológicos.

Gabriel sabia que fervia em pouca água. Tentava controlar-se, mas falhava frequentemente. Numa dessas ocasiões, para sua vergonha, batera numa mulher.

Estava a dar aulas em Toronto. A mulher era bonita e sensual; a cidade era pródiga em diversões de música e arte. E, no entanto, ele estava deprimido. Paulina fora visitá-lo e tinham retomado o seu relacionamento sexual — outra vez. Após cada encontro, ele jurava que seria o último. Mas sempre que ela lhe punha as mãos em cima, acabava por ceder.

Sabia que era um erro. Continuar aquele relacionamento fazia mal a ambos. Mas, ainda que o seu espírito o soubesse, estava atado a uma carne que era muito, muito fraca.

Depois de ela voltar para Boston, ele começara a beber pesadamente. Tornara-se cliente VIP do Lobby e fodera uma mulher diferente todas as noites. Por vezes, fodia mais do que uma, numa noite afogada em uísque. Por vezes, fodia mais do que uma ao mesmo tempo.

Nada ajudava. Assombrado pelo seu passado, tornado ainda mais recente pelos poucos dias passados com Paulina, sentia-se como se estivesse apenas a um descuidado passo de retomar o seu vício em cocaína.

Depois conhecera Ann. Partilhavam um entusiasmo pela esgrima e tinham feito alguns duelos no seu clube, apenas para se retirarem para uma sala escura, na última ocasião, para um breve mas explosivo encontro sexual.

Ann Singer prometia uma nova e excitante diversão. Sussurrava-lhe palavras de um prazer cru e intenso como ele nunca antes experimentara.

Ele estava curioso. Fascinado. Ann tinha o poder de arrastar a sua mente para dentro do seu corpo e mantê-lo lá dentro, incapaz de pensar, ou de se preocupar, ou de sofrer. E fora assim que dera por si na cave da casa dela em Toronto, nu, amarrado e de joelhos.

Ela confundia-lhe os sentidos, dando-lhe prazer ao mesmo tempo que o castigava. Com cada golpe, toda a sua dor emocional parecia sangrar de dentro de si. O seu único pensamento era porque demorara tanto tempo a usar a dor física para aliviar o seu sofrimento mental. Mas mesmo esse pensamento era rapidamente esquecido.

Depois veio a humilhação. A dominação de Ann era tanto sobre a mente, como sobre o corpo. Enquanto lhe maltratava a carne, ela procurava quebrar a sua vontade.

Gabriel percebeu o que ela estava a fazer e a sua psique eriçou-se. Desejava a dor física e aceitava-a, mas não a manipulação psicológica. Já tinha a mente suficientemente lixada, graças ao seu passado.

Começou a resistir.

Ela acusou-o de tentar inverter os papéis e redobrou os seus esforços. Recontou a história da vida dele, criando um mito especulativo baseado unicamente na sua psicologia de pacotilha. Algumas das coisas chegavam perigosamente perto da verdade. E o resto...

Sem aviso, alguma coisa dentro dele rebentou.

Enquanto estava ali, no St. Anne's College, Gabriel não se recordava exatamente do que lhe dissera a professora Singer para o fazer explodir. Não se lembrava de quanto tempo ficara com ela ou quanto tempo durara o seu último encontro. Só se recordava da fúria, escaldante e ofuscante.

Num rápido movimento, quebrara a corda que lhe amarrava o pulso direito (um feito considerável) e dera-lhe uma bofetada na cara. A forma diminuta da professora caíra no chão de ladrilhos.

Ele levantara-se atabalhoadamente a ficara a olhá-la, a respirar pesadamente. Ela não se mexia.

Uma porta abriu-se de rompante e Gabriel dera por si a lutar com uma só mão com o guarda-costas dela, que se precipitara em seu socorro.

Magoado e ensanguentado, Gabriel fora atirado porta fora para a neve, as roupas espalhadas à sua volta.

Aquele fora o seu último encontro sexual com Ann e a sua experiência final com BDSM. Ficara revoltado pelo facto de ter perdido o controlo e lhe ter batido, e estava decidido a nunca mais voltar a bater numa mulher. Ainda agora, sentia-se inundado de vergonha.

Gabriel fechou os olhos e tentou recompor-se. Nunca explicara a Julianne tudo o que acontecera com a professora Singer. Não ia fazê-lo agora. Havia coisas que mais valia deixar por dizer.

Catalogou mentalmente os eminentes especialistas que tinham ouvido as observações de Christa. Era embaraçoso, com certeza. Mas ele era um professor reputado. Que fossem para o inferno.

(E aproveitassem para estudar pessoalmente o *Inferno* de Dante.)

Mas precisava de neutralizar Christa antes que ela manchasse ainda mais a reputação de Julianne. Só lhe faltara chamar-lhe puta, ao sugerir que o seu sucesso académico fora conquistado de joelhos.

Com aquele pensamento a revolver-lhe a mente, endireitou o lacinho, endireitou a aba do casaco e entrou no anfiteatro.

Julia viu o marido aproximar-se, os olhos esquivos, o rosto sombrio.

Viu-o olhar furiosamente para Christa, que estava sentada com o professor Pacciani, antes de tomar o seu lugar entre Julia e a professora Picton. Gabriel não disse nada enquanto tirava da sua pasta de pele a sua caneta de tinta permanente *Meisterstück 149* e um bloco de notas. A sua linguagem corporal era, decididamente, zangada.

Julia tentou concentrar-se na conferência em curso, que se debruçava sobre o uso do número três na *Divina Comédia* de Dante. O tema e a apresentação apenas podiam ser descritos como violações das convenções de Genebra sobre penas cruéis e desumanas. Pior ainda era o facto de estar ao lado de Gabriel e sentir a sua fúria a emanar através do elegante fato de três peças.

Pelo canto do olho, viu-o tirar notas copiosas, a sua escrita elegante incharacteristicamente carregada e angulosa. Havia tensão à volta da sua boca e uma ruga já conhecida entre as suas sobrancelhas escuras, por detrás dos óculos.

Julia estava desiludida com ele, mas não estava zangada. Sabia que comportar-se como o anjo vingador fazia parte do seu carácter. Houvera alturas em que ela acolhera de bom grado este aspeto da sua personalidade, como quando ele batera em Simon até o deixar sem sentidos, depois de este a atacar.

Mas não gostava de discutir com ele, especialmente em público. Não gostava de o ver perder a cabeça e fazer uma cena na frente de pessoas tão importantes, mesmo que Katherine o defendesse.

Suspirou baixinho. Era o amor que ele tinha por ela e o seu desejo de que fosse bem-sucedida que incendiavam a sua fúria.

*Sabes que és a sua primeira relação séria e comprometida. Devias dar-lhe um desconto.*

Teve vontade de lhe tocar, mas receava ser mal recebida. Não queria de todo interrompê-lo. Imaginava-o a fitá-la por cima das armações dos óculos, com uma expressão de censura. Uma tal reação magoá-la-ia profundamente.

Havia muito tempo que não o via verdadeiramente zangado. Julia recordou as suas explosivas interações no seminário de Dante, quando ela o desafiara por causa de Paulina. Ele ficara furioso, até a sua zanga se converter em paixão.

Ela cruzava e descruzava as pernas. Agora não era altura de pensar em paixão. Teria de esperar até estarem de volta ao seu quarto no Magdalen, para lhe poder tocar. Caso contrário, ele poderia decidir agarrá-la e arrastá-la para um canto para uma sessão de *sexo de conferência*.

(O sexo de conferência é uma peculiar compulsão de determinados académicos. Deve ser evitado a todo o custo.)

A comunicação seguinte foi tão torturante como a primeira. Julia fingiu interessar-se enquanto os seus pensamentos se fixavam num ponto. Se Gabriel a tivesse ouvido, Christa teria sido obrigada a tecer a sua teia de intrigas sem um público vasto e interessado. Agora Julia teria de conviver com os outros participantes na conferência sabendo que tinham testemunhado aquela cena embaraçosa. Ela já era tímida por natureza. Christa aumentara muitas vezes o seu desconforto.

Apesar da discussão, Julia teria preferido passar o dia ao lado dele, especialmente durante o almoço e os frequentes intervalos para chá e café. Mas tinham concordado na noite anterior circular entre os conferencistas, dando oportunidade a Julia para se integrar.

Forçou-se a fazer conversa de circunstância, permitindo que as professoras Marinelli e Picton a apresentassem a velhos amigos, enquanto Gabriel convivia do outro lado da sala. Ele estava obviamente numa ofensiva de charme — tentando falar com tantos conferencistas quanto possível. Pelos olhares que Julia recebia, era óbvio que estava a falar dela.

As mulheres aglomeravam-se à volta de Gabriel. Não importava onde estivesse, havia sempre uma ou duas mulheres por perto. Mas, havia que dizer em seu abono, ele aceitava aquelas atenções pacientemente sem as encorajar.

Julia concentrou-se nas suas próprias interações, mas não podia evitar manter-se atenta a onde ele estava e com quem. E também procurava a localização de Christa, mas nunca a viu longe do professor Pacciani.

Julia achou o facto curioso.

Os olhos de Pacciani pareceram seguir os dela e, numa ocasião, Julia teve a certeza que ele lhe piscava o olho. Mas não fez qualquer tentativa para a abordar ou falar com ela. Parecia contentar-se em permanecer ao lado de Christa, apesar de esta ter ocasionalmente um comportamento sedutor com outros homens.

Julia foi bebericando o seu chá, enquanto ouvia professor atrás de professor a regalarem-na com histórias dos seus últimos projetos de investigação, e ansiava pelo final do dia.

Durante a conferência final, Gabriel reparou que Julia se remexia no seu assento. Estava a fazê-lo há perto de uma hora, como se precisasse desesperadamente de ir à casa de banho.

Gabriel estivera horas a acalantar a sua irritação com Christa, a alimentá-la com uma miríade de justificações para as suas palavras e ações. Estava a meio da composição de um discurso que tencionava fazer a Julia quando estivessem de volta ao Magdalen, quando ela o deixou atónito ao passar-lhe um bilhete.

**Não quero discutir contigo.  
Desculpa.  
Obrigada por me defenderes.  
A menção à professora Dor foi lamentável.**

Gabriel releu o bilhete duas vezes.

A visão da contrição de Julia a preto e branco fez o seu coração apertar-se. Ela pedira desculpa, apesar de não ter feito quase nada.

Ele teria apreciado uma demonstração de apoio da parte da mulher. Teria gostado da sua compaixão — compaixão por uma luta desencadeada pelo seu forte desejo de a proteger. Mas não esperara um pedido de desculpas.

Os seus olhos encontraram os dela e ele viu-a fazer-lhe um sorriso hesitante. O sorriso, talvez ainda mais do que o bilhete, desarmou-o.

A sua irritação arrefeceu, sob as frígidas águas do remorso.

Sem demora, virou o bilhete e escreveu,

*O Emerson foi um imbecil.  
Mas ele espera que o perdoes.*

Ela levou um mero instante a ler. E depois teve de conter uma gargalhada, o que resultou num ronco estrangulado.

O som ecoou pela sala e o orador ergueu o olhar dos seus papéis, a perguntar-se como teria entrado um porco no St. Ann's College para assistir à sua comunicação.

Corando furiosamente, Julia simulou um ataque de tosse enquanto Gabriel lhe dava palmadinhas nas costas. Quando a apresentação recomeçou, ele acrescentou:

*Desculpa ter-te causado embaraço.*

*Prometo portar-me melhor.*

*Tu não és um empecilho.*

*És a minha Beatriz.*

As feições delicadas de Julia iluminaram-se, e ele viu os seus ombros relaxarem.

Hesitantemente, ela estendeu o dedo mindinho e enlaçou-o no dele. Aquela era a sua forma de lhe dar a mão sem os outros se aperceberem.

Gabriel curvou o dedo à volta do da mulher, olhando-a pelo canto do olho.

Sim, o professor Emerson conseguia ser um imbecil, ocasionalmente. Mas, pelo menos, arrendia-se.

Quando terminou o dia de trabalhos na conferência, Katherine levou Julia para beber qualquer coisa no The Eagle and Child. O pub era conhecido localmente como "The Bird and Baby", ou "The Fowl and Foetus". Era, talvez, o pub mais famoso em Oxford. Julia estava ansiosa por lá ir; aquele fora um dos locais de encontro dos Inklings, o grupo literário que incluía C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien e Charles Williams.

Lá dentro, Katherine pediu dois copos de cerveja *Caledonian* e conduziu a antiga aluna para o fundo da sala. Depois de se instalarem, brindaram e beberam um longo gole da sua cerveja.

— Gosto muito de a ver, Julianne. Está com bom ar. — Katherine estudou o aspeto da antiga aluna com um único olhar. — O seu casamento foi um triunfo. Não me divertia tanto há anos.

— Fiquei tão feliz por poder ir. — Julia agarrava o copo com um pouco de força a mais, a brancura dos nós dos dedos a telegrafar o seu nervosismo.

— Está ansiosa por causa da sua apresentação?

— Um pouco. — Julia bebericou a cerveja, a perguntar-se porque teria Katherine insistido em falar com ela a sós.

— É compreensível que esteja apreensiva antes de uma conferência. Mas vai sair-se bem. Ainda deve estar um pouco abalada, depois do encontro com aquela mulher horrível.

O estômago de Julia contraiu-se, ao mesmo tempo que ela fazia um aceno afirmativo com a cabeça.

Katherine verificou se os outros clientes estavam envolvidos nas suas próprias conversas, antes de continuar.

— O Gabriel alguma vez lhe explicou porque é que eu estava em dívida com ele?

— Mencionou qualquer coisa sobre ter-lhe feito um favor, mas não foi mais específico do que isso.

Katherine tamborilou com uma unha no seu copo.

— Pensei que lhe tinha contado. Mas é típico dele manter-se discreto a respeito dos outros.

A professora removeu os óculos e pousou-os sobre a mesa.

— Há seis anos, eu já estava a retirar-me gradualmente das atividades letivas em Toronto e o Jeremy Martin contratou o Gabriel para me substituir, mas eu continuava a orientar mestrados e a dar aulas de seminário.

»No início do semestre de outono, recebi um *e-mail* de um velho amigo aqui em Oxford. Ele contou-me que o nosso antigo professor, John Hutton, estava a morrer de cancro.

— Eu conheço o trabalho do professor Hutton. Foi uma das fontes do meu artigo.

— O velho Hut provavelmente esqueceu mais informação sobre Dante do que aquela que eu alguma vez tive. — A expressão de Katherine era quase tristonha. — Quando soube que ele estava a morrer, já tinha começado o seminário. E tinha concordado em fazer uma série de programas sobre Dante e os sete pecados mortais para a CBC<sup>3</sup>. Falei com o Jeremy e pedi-lhe licença para tirar uma semana de folga, para poder cá vir.

Não havia muita coisa que escapasse ao olhar arguto de Katherine, que percebeu o estremecimento de Julia ao ouvir o nome do professor Martin.

— O Jeremy foi vosso aliado, no ano passado. Esforçou-se ao máximo para ajudar o Gabriel, mas, no fim, não havia grande coisa que pudesse fazer.

Julia mudou de posição no seu assento.

— Sempre me perguntei porque é que ele ajudou a Christa a transferir-se para a sua antiga universidade. Houve alguns boatos de que estariam envolvidos.

— Os boatos magoam pessoas. Por vezes, magoam pessoas inocentes.

---

<sup>3</sup> Cadeia de televisão e rádio canadiana. (N. da T.)

Espero mais de si, menina Mitchell, do que prestar atenção a boatos acerca do professor Martin.

Julia corou.

— Desculpe. Tem razão, claro.

— Conheço o Jeremy e a mulher há anos. Acredite em mim, a Christa Peterson nunca conseguiria atraí-lo nem que lhe aparecesse nua, com o manuscrito original do *Decameron* e uma grade de cervejas na mão.

Julia abafou uma gargalhada perante a descrição imaginativa da professora Picton.

— Dois dias depois de explicar a minha situação, o Jeremy falou com o Gabriel. Ele ofereceu-se imediatamente para assumir o meu seminário e quaisquer outras responsabilidades enquanto eu estivesse fora.

— Não sabia.

Katherine inclinou a cabeça.

— Mas não devia surpreendê-la. O Gabriel gosta de fazer as suas boas ações em segredo, acho eu, mas é inegável que as pratica. Quando se ofereceu para ajudar, estava no seu primeiro ano como professor assistente, acabado de sair do doutoramento. Foi uma bondade extraordinária da sua parte, e por alguém que apenas conhecia de passagem. No final, acabei por estar fora até depois do Natal, sobrecarregando-o com tudo durante quatro longos meses. E depois, quando regressei, ele foi um grande amigo. Por isso, como pode verificar, tenho uma dívida para com ele.

— Tenho a certeza que ele teve todo o gosto em ajudar, professora. Depois de tudo o que fez por nós, qualquer dívida está mais do que saldada.

Katherine fez uma pausa, olhando para o cenário em volta com um ar pensativo.

— O Gabriel disse-me que é admiradora dos Inklings.

— Sou, sim. Conheceu-os?

— Conheci o Tolkien, quando era pequena. O meu pai era especialista no *Beowulf*, em Leeds, e costumavam corresponder-se com o Tolkien. Vim uma vez com o meu pai de comboio para o visitar.

— Como era ele?

Katherine recostou-se na sua cadeira e olhou para o teto.

— Gostei dele. Na altura, só o via como sendo velho, como o meu pai. Mas lembro-me de que me incentivou a contar-lhe uma história que eu inventara sobre uma família de texugos que viviam atrás da nossa casa. Pareceu gostar bastante. — Indicou um canto com um gesto. — Era precisamente ali que eles costumavam encontrar-se.

Julia examinou demoradamente o espaço indicado. Em criança, escondida no seu quarto com uma pilha de livros de Nárnia, nunca teria ima-

ginado que um dia estaria sentada no mesmo local onde Lewis se sentara. Era quase um milagre.

— Obrigada por me trazer aqui. — A voz de Julia quase se embargou na garganta.

— O prazer é todo meu.

A expressão de Katherine alterou-se.

— Levei quase um semestre inteiro para ver o Velho Hut. Quando cheguei a Oxford, a mulher expulsou-me do hospital. Eu apareci todos os dias, durante semanas, na esperança de que ela mudasse de ideias, na esperança de que ele não morresse antes de eu o conseguir ver.

— Quem seria capaz de uma tal crueldade?

— Faz esta pergunta depois da *Shoah*? Depois de incontáveis casos de genocídio? Os humanos podem ser incrivelmente cruéis.

»No caso do Velho Hut, eu é que fui cruel, e paguei por isso. Mas, naquele semestre, foi a oportunidade que a Sr.<sup>a</sup> Hutton teve de exercer a sua vingança, *e com juros*.

— Lamento.

A professora Picton acenou com uma mão.

— O Gabriel deu-me a hipótese de fazer as pazes comigo mesma. Essa dívida nunca poderei pagar, o que significa que sinto uma responsabilidade especial por si.

— Conseguiu ver o seu amigo?

— Uma tia da Sr.<sup>a</sup> Hutton adoeceu. Quando ela a foi visitar, consegui ver o professor. Por esta altura, ele estava muito perto da morte, mas conseguimos falar.

»Voltei para Toronto e recuperei da minha depressão. Mas nunca contei a história toda ao Gabriel, nem porque era tão importante para mim ver o John antes de morrer. — Katherine franziu os lábios, parecendo estar dividida a respeito de alguma coisa. Depois encolheu os ombros. — Todos os atores desta história estão mortos, exceto eu. Não vale a pena manter o segredo. — Olhou para Julia por cima do seu copo. — Não espero que esconda coisas do seu marido, mas peço-lhe que seja discreta.

— Claro, professora.

Katherine fechou os dedos envelhecidos em volta do seu copo.

— O Velho Hut e eu tivemos um caso, quando eu era aluna dele e, depois, quando dei aulas em Cambridge. Ele era casado. Por sorte, ninguém descobriu enquanto eu estava em Oxford. Mas, com o tempo, houve boatos, e os boatos seguiram-me ao longo de uns dez anos.

A boca de Julia abriu-se de espanto.

Katherine olhou para ela, os seus olhos azuis a cintilar com o que podia ser algum divertimento.

— Estou a ver que a surpreendi. Mas nem sempre fui assim tão velha. Nos meus tempos, era considerada atraente. E é mesmo assim tão surpreendente? As pessoas trabalham juntas numa coisa que amam, e esse amor tem de ser canalizado. Dante fala disso quando descreve Paolo e Francesca.

Katherine voltou a colocar os óculos.

— Quando estava a tentar obter uma posição na academia, esses boatos tornaram-se particularmente maus. Havia aqueles entre os meus colegas que ficaram com inveja das atenções do Velho Hut e o facto de ele claramente me preferir. Mesmo sem provas do nosso romance, começaram a circular histórias de que fora ele que escrevera a minha investigação. Houve alguém que chegou a escrever para a Universidade de Cambridge, quando me candidatei a um lugar ali, para dizer que o Velho Hut só me tinha escrito uma carta de recomendação porque eu andava a dormir com ele.

Julia riu-se.

Depois ficou envergonhada.

— Desculpe. Não tem graça.

Os olhos de Katherine cintilaram.

— Claro que tem graça. Devia ter visto a carta de recomendação dele. Dizia assim: «A menina Picton é competente no estudo de Dante.» Eu era amante dele, pelo amor de Deus. Não se podia ter dado ao trabalho de escrever mais do que uma frase?

Enquanto Julia a fitava, horrorizada, a professora Picton riu-se.

— Agora consigo rir-me disso, mas fiquei infeliz durante anos. Estava apaixonada por um homem casado e sofria por não o ter só para mim. Sem casamento, sem filhos. Quando comecei a apresentar os resultados da minha investigação, os boatos esmoreceram. As pessoas ouviam as minhas conferências, algumas das quais discordavam das posições do Velho Hut, e perceberam que eu sabia do que estava a falar. Trabalhei muito para construir o meu nome e para sair de debaixo da sua sombra. Com o tempo, os rumores desapareceram. Foi por isso que, quando ele estava moribundo, a única pessoa que sabia o que transpirara entre mim e o Velho Hut foi a mulher dele.

Katherine olhou para Julia com intensidade.

— Tentei ao máximo desacreditar a menina Peterson e vou continuar a fazê-lo. Mas, mesmo que não consiga, toda a gente acabará por passar para o escândalo seguinte. Quando alcançar a sua própria posição na academia, os rumores já terão sido esquecidos.

— Isso é só daqui a seis anos, professora Picton.

A professora Picton sorriu.

— Tendo em conta aquilo que partilhei consigo esta noite, acho que me devia tratar por Katherine.

— Obrigada, Katherine. — Julia devolveu, timidamente, o sorriso.

— Pode ajudar as pessoas a esquecer, com a sua excelência. Se se provar a si mesma, nem todos os mexericos do mundo a conseguirão diminuir. É possível que tenha de trabalhar mais duramente do que os outros, mas não creio que o trabalho duro a incomode. Estou enganada?

— Não, não está.

— Ótimo. — Katherine recostou-se na sua cadeira. — O meu próximo conselho será um pouco mais difícil de ouvir.

Julia preparou-se para as palavras que viriam a seguir.

— Precisa de ser mais assertiva, em termos académicos. Compreendo que a sua natureza é tímida e que prefere evitar os confrontos. Mas, na arena académica, não pode fazer isso. Quando apresenta um artigo e alguém a desafia, tem de devolver o desafio. Não pode tolerar críticas fora de propósito ou maliciosas, especialmente em público. Compreende?

— Não tenho dificuldade em falar nos meus seminários. A professora Marinelli tem ficado contente.

— Ótimo. O meu conselho é que seja igual a si própria, amanhã. Seja inteligente. Seja excelente. E não se deixe atacar por lobos, como um alce doente.

Os olhos de Julia aumentaram de tamanho, com a estranha referência, mas ela não disse nada.

— Também não se pode deixar defender pelo seu marido. Isso vai fazê-la parecer fraca. Precisa de se defender a si mesma e às suas ideias, se quer ser bem-sucedida. O Gabriel não vai gostar disso. Mas tem de o fazer compreender que, quando ele vai em seu auxílio, fá-la parecer impotente, e isso é mais prejudicial do que benéfico. O cavalheirismo na academia está morto.

Julia anuiu, um pouco hesitante.

Katherine terminou a sua cerveja.

— Agora, só resta saber se o charme do Gabriel conseguiu fazer com que os velhos sacanas da Oxford Dante Society esquecessem o que poderão ter ouvido esta manhã. — Piscou o olho. — Para alguns deles, o que ouviram só o pode ter tornado ainda mais fascinante. Receio que o seu marido seja bem mais interessante do que algum deles poderia ter imaginado.

Gabriel usou sabiamente o seu tempo separado de Julianne. Foi visitar velhos amigos e novos conhecidos ao pub The King's Arms, dando bom uso ao seu verbo fácil. Ao fim de uma hora, conseguira dar a meia dúzia de especialistas de Dante boas razões para pensarem que Christa Peterson era uma ex-aluna invejosa e que ele e Julia estavam a ser vítimas de calúnias.

Por isso, foi com uma disposição vincadamente positiva que se juntou à professora Picton e a Julia para jantar. Katherine e Gabriel conversaram fluidamente.

Julia ficou calada, ainda mais do que o habitual, os seus grandes olhos com evidentes marcas de cansaço. Era claro que os eventos do dia a tinham esgotado.

Quando pediu licença para ir à casa de banho, Katherine fez um olhar preocupado para Gabriel.

— Ela precisa de descanso. A pobre rapariga está exausta.

— Sim. — A expressão de Gabriel era pensativa, mas ele não fez mais nenhum comentário.

Katherine fez um aceno na direção do seu copo de vinho vazio.

— Deixou de beber.

— Sim. — Ele ofereceu-lhe um sorriso paciente.

— Não é má ideia. Eu também passo por uns períodos de abstinência.

— Limpou os lábios com o guardanapo. — Aceita um pequeno conselho maternal de uma pessoa que não é sua mãe?

Gabriel virou-se para ela abruptamente.

— Sobre o quê?

— Por vezes, preocupo-me com a sua capacidade para lidar com os vossos detratores. Especialmente agora que estão casados.

Ele ia começar a discordar, mas ela interrompeu-o.

— Eu sou velha, posso portar-me como bem me apetecer. Mas o Gabriel não pode ser o defensor da Julianne em conferências académicas. Se se erguer em sua defesa, vai fazê-la parecer fraca.

Gabriel dobrou o guardanapo e pousou-o na mesa.

— O incidente desta manhã com a Christa Peterson foi anómalo. Ela tentou destruir as nossas carreiras.

— É verdade. Mas, mesmo nesse caso, receio que tenha feito mais mal do que bem.

Gabriel franziu o sobrolho e Katherine decidiu mudar de tática.

— Temos sido bons amigos, nós os dois. E gosto de pensar que, se tivesse tido um filho, seria seu igual em inteligência e talento.

A expressão dele suavizou-se.

— Obrigado, Katherine. A sua amizade é importante para mim.

— Dei alguns conselhos à Julia. Tenho a certeza que ela lhe vai falar da nossa conversa. Mas, antes que ela volte, gostaria que considerasse aquilo que lhe disse. Ela é uma boa rapariga e muito inteligente. Deixe que a sua inteligência brilhe por si.

— É tudo o que eu quero — disse ele, de olhos nas mãos. Reparou como a luz era refletida pela sua aliança, e deu por si a fitá-la fixamente.

— Ótimo. — Katherine tamborilou com a mão na mesa, como se quisesse assinalar que o assunto estava resolvido. — Agora, espero ser convidada para jantar na vossa casa quando fizer a minha série de conferências em Harvard, em janeiro. O Greg Matthews leva-me sempre àqueles horríveis restaurantes de gastronomia molecular que nos servem pratos desconstruídos cozinhados em nitrogénio líquido. Nunca consigo perceber se vou jantar ou ter um exame de química orgânica.

Depois do jantar, Gabriel insistiu em escutar Katherine até à sua residência na All Souls, onde lhe desejaram boa-noite e concordaram em encontrar-se para o pequeno-almoço na faculdade, na manhã seguinte.

— Oito e meia em ponto. — Katherine tocou com a unha no relógio de pulso. — Não se atrasem.

— Nem em sonhos nos atreveríamos. — Gabriel fez-lhe uma vénia.

— Vejam lá. — Com um aceno, ela desapareceu atrás da grande porta de madeira da faculdade, que se fechou nas suas costas.

Quando ficaram sós, Gabriel pegou na mão de Julia, reparando que os seus dedos tinham ficado frios. Tentou aquecê-los, tocando na sua aliança de casamento e anel de noivado.

— Eu sei que estás cansada — disse ele. — Mas quero mostrar-te uma coisa. Só vai demorar um minuto.

Dobraram uma esquina e chegaram à Radcliffe Camera, um grande edifício circular que se tornara um símbolo da universidade. O céu estava escuro, sem luar, mas algumas luzes iluminavam a estrutura impressionante.

— Costumava passar muito tempo a andar à volta deste edifício. Sempre o admirei.

— É fantástico.

Julia observou avidamente a arquitetura e o seu jogo de pedra, cúpula e pilar. O céu era da cor de tinta e a cúpula quase parecia brilhar contra aquele tom.

Gabriel levou as mãos ao rosto dela.

— Quero falar contigo sobre o que aconteceu esta manhã.

Pelo toque, ele sentiu-a ficar tensa. Os seus olhos procuraram os dela, enquanto os polegares lhe percorriam gentilmente as faces.

— Peço desculpa por te ter deixado envergonhada.

— Eu sei que te foi difícil afastares-te dela na primeira vez. Mas conseguiste. E estou-te grata por isso. — Os olhos escuros de Julia cintilaram. — Tu gostas de discutir.

Gabriel pegou-lhe nas mãos e puxou-as para o peito.

— A Christa é uma rufia. A única maneira de lidar com os rufias é confrontá-los.

Julia ergueu o queixo.

— Por vezes, o melhor é deixar que a sua maldade fale por si. Ou, pelo menos, deixar que o seu alvo decida o que quer fazer.

— Posso fazer isso. Ou, pelo menos, posso tentar.

— É a única coisa que te peço. — Julia roçou os lábios pelos dele. — Lamento que ela tenha trazido à baila a professora Dor. Não fazia ideia de que elas se conheciam.

Gabriel fechou os olhos. Quando os abriu, havia dor no seu interior.

— Eu confessei o meu passado. Deixei-o para trás. Tenho de ser eternamente lembrado dele?

— Lamento. — Ela abraçou-o, juntando o corpo ao dele.

Ficaram calados por um momento e Gabriel colou a cara ao pescoço dela, apertando-a com força.

— Caravaggio — disse Julia.

— O quê?

— Lembro-me do que disseste sobre a pintura que ele fez de São Tomás e Jesus. Como as nossas cicatrizes podem sarar mas nunca desaparecem. Não podes eliminar o teu passado, mas não precisas de ser controlado por ele.

— Eu sei. Mas duvido que alguém queira que os seus encontros sexuais sejam publicitados pelos colegas de trabalho.

— Se alguém te julgar com base em velhos boatos, não é teu amigo, de qualquer maneira. — Ela recuou um pouco para o poder olhar nos olhos. — Aqueles que te conhecem ignorarão os boatos, simplesmente.

— Obrigado. — Gabriel colou os lábios à testa da mulher. — As pessoas e as circunstâncias vão conspirar para nos afastar um do outro, Julianne. Não podemos deixá-los.

— Não vamos deixar.

— Eu não queria ignorar-te. Significas mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo — sussurrou ele.

— Tu também.

Ela encurtou a distância entre as suas bocas para o beijar, os seus lábios suaves e sempre em movimento.

A alguma distância dali, o professor Giuseppe Pacciani gemeu o seu orgasmo e caiu em cima do corpo da amante. O sexo com ela sempre fora magnífico, e aquela vez não fora exceção.

Balbuciou algumas frases em italiano, como era seu costume. Mas, em

vez de receber com agrado as suas palavras, ela afastou-o e virou-se para o outro lado. Aquilo não era costume.

— *Cara?*

Christa Peterson puxou o lençol sobre o seu corpo nu.

— Preciso do quarto amanhã à noite. Vais ter de ficar noutro sítio qualquer.

Com uma praga, Giuseppe pôs os pés descalços no chão. Foi à casa de banho libertar-se do preservativo.

— Este quarto é meu.

— Não — respondeu-lhe ela da cama. — É o *meu* quarto. Pagas sempre o meu alojamento. E amanhã à noite vou ter visitas.

Ele regressou à cama e em breve estava de novo em cima dela, com os antebraços apoiados de cada lado dos ombros, a apoiarem o seu peso.

— Vais trazer alguém para a cama? Tão depressa? Os lençóis ainda vão estar quentes.

Os olhos escuros de Christa dardejaram.

— Não me venhas criticar. Tu és casado. Com quem eu fodo ou deixo de foder não é da tua conta.

Ele inclinou-se para baixo e beijou-a, os seus lábios insistentes, até ela abrir a boca.

— Que boca porca, Cristina.

— Tu adoras quando sou porca.

Pacciani suspirou e a sua expressão transformou-se num sorriso perverso.

— *Sì.*

Virou-se de costas, puxando-a consigo.

— Quero levantar-me. — Ela debateu-se contra os seus braços.

— Não.

Ela debateu-se, mas Giuseppe não a largava, por isso, finalmente, desistiu, pousando a cabeça contra o peito dele.

Ele brincou com o seu cabelo. Aquilo fazia parte do acordo entre os dois. A seguir, ela tinha de o deixar abraçá-la.

Talvez ele só o fizesse para ficar com a ilusão de que havia alguma coisa de afetuoso no seu sexo. Talvez o fizesse porque não era um adúltero inteiramente desumano. Mas, fosse qual fosse a razão, ela resistia sempre por um momento ou dois, embora gostasse secretamente de ser agarrada.

— Fiquei espantado por ouvir notícias tuas, Cristina. Tínhamos combinado encontrar-nos há um ano. Tu nunca respondeste.

— Estava ocupada.

Ele levou as pontas do seu cabelo cor de ébano ao nariz, inalando a sua fragrância.

— Perguntava-me porque é que insististe tanto para que te trouxesse. Estás aqui por vingança.

— Vamos os dois conseguir o que queremos.

Os dedos dele imobilizaram-se.

— Tem cuidado, Cristina. Não queres a professora Picton como inimiga.

— Não me interessa.

Pacciani praguejou.

— Não compreendes como funciona o sistema? Ela tem admiradores por todos os departamentos do mundo. A tua diretora na Columbia foi aluna dela.

— Não sabia. — Christa encolheu os ombros. — Agora é demasiado tarde. Já a deixei lixada.

Pacciani agarrou no queixo de Christa, obrigando-a a olhar para ele.

— Agora, sou responsável por ti. Por isso, vais parar. Estou a tentar conseguir uma posição na América e não preciso que ela me arranje problemas.

Christa ficou calada por um momento, enquanto examinava a expressão ameaçadora do homem.

— Está bem — disse ela, de mau humor. — Mas preciso do quarto amanhã à noite.

— *Va bene.*

Ele soltou-lhe o queixo e voltou a acariciar-lhe o longo cabelo escuro.

— Como é que ele se chamava?

— Quem?

— O homem que te deixou assim.

Sentiu os músculos de Christa ficarem tensos sob os seus dedos.

— Não sei do que estás a falar.

— Sabes, sim, *tesoro*. Foi o teu papá? Ele...

— Não. — Ela olhou-o furiosamente. — Ele é um bom homem.

— *Certo, cara. Certo.* Desde que te conheço que tens amantes, mas nenhum pretendente. Devias estar casada. Devias estar a ter filhos. Em vez disso, andas a foder com velhos em troca de presentes caros.

— Eu não fodo contigo pelos teus presentes. Fodo contigo porque gosto de foder.

Ele riu-se.

— *Grazie.* Mas, mesmo assim, tem de haver sempre presentes. — Levou os lábios à testa dela. — Porquê?

— Gosto de coisas bonitas. Não é nenhum crime. E mereço.

— Sabes o que eu acho, *tesoro*?

— Para de me chamar isso. — Ela tentou afastar-se.

As mãos dele fecharam-se à volta da sua nuca, mantendo-a no mesmo sítio.

— Que tu achas que não mereces, e é por isso que exiges presentes. Triste, não?

— Eu não quero a tua piedade.

— Mas eu ofereço-ta na mesma.

— Então és um estúpido.

As mãos dele apertaram-se.

— Fodes padres e homens velhos e casados porque tens medo. Tens medo do que pode acontecer se dormires com alguém descomprometido.

Ela debateu-se nos braços dele.

— Desde quando te tornaste psiquiatra? Não projetes em mim as tuas tretas. Ao menos não ando a encornar ninguém.

— *Attenzione*, Cristina. — O tom dele era de aviso. — Então, quem é o homem que vais foder amanhã à noite? Um padre? Um professor?

Ela fitou-o por um momento, depois passou-lhe um dedo sobre o lábio inferior.

— Quem disse que era um homem?

Giuseppe fez-lhe um olhar voraz.

— Então espero que saibas partilhar.

## Capítulo 11

— **A**corda, querida. — Gabriel passou o polegar sobre as pálpebras de Julia. — Tens de te ir preparar. Ela enterrou o rosto na almofada e balbuciou qualquer coisa ininteligível.

Ele riu-se, a pensar como ela estava adorável.

— Anda lá, tens de ir para o chuveiro antes que algum dos nossos vizinhos o ocupe.

— Vai tu primeiro.

— Eu já tomei duche, fiz a barba e vesti-me, querida. — Ele passou as costas da mão pela sua coluna nua abaixo, gostando dos arrepios que lhe causava.

— Não me deixaste dormir — gemeu Julia.

— Se não te despachas, a Katherine vai ficar zangada connosco.

— Não vou tomar duche. Posso dormir mais tempo.

Gabriel fê-la virar na cama e passou o nariz pela sua clavícula, inalando o perfume.

— Cheiras a sexo — murmurou ele, passando a língua pela pele da mulher, para provar o seu sabor. — E a mim.

— É por isso que não vou tomar duche. Foi maravilhoso, o sexo de reconciliação. E por isso quero ficar com a recordação.

Gabriel precisou de toda a sua resistência para não lhe arrancar os lençóis e envolvê-la em sexo louco, apaixonado (e transferidor de odores). Mas conteve rapidamente os seus impulsos.

— Não podes dar uma conferência em Oxford a cheirar a sexo.

— Espera só para ver se posso ou não.

Gabriel consultou o seu relógio de pulso. Depois olhou para a mulher.

Depois tirou as roupas e envolveu-a num louco, apaixonado, transferidor de odores (ainda que rápido) sexo pré-conferência.

Os Emerson já saíram tarde para All Souls College. Durante a caminhada apressada, Julia contou a Gabriel a história de Katherine com o Velho Hut.

Ele ficou espantado. Conhecia a reputação do professor Hutton, mas nunca o conhecera pessoalmente. Ao que parecia, fora um pouco sacana.

(Poder-se-ia pensar até que ponto o fora mesmo, dada a antiga natureza do professor que fazia este julgamento.)

Gabriel estava grato pelo apoio da professora Picton e disse-lhe isso mesmo ao pequeno-almoço, expressando a sua esperança de que Christa renunciasse à oportunidade de causar problemas a Julia na sua conferência.

— Disparates — disse Katherine. — A Julianne tem a situação controlada e nós não temos de nos preocupar.

Julia sorriu corajosamente, enquanto brincava com o fio de prata que Gabriel lhe dera em Selinsgrove.

Quando entraram em St. Anne's, depois do pequeno-almoço, Gabriel apertou a mão de Julia.

— Estás linda. E vais sair-te muito bem.

Ela baixou o olhar para o seu fato azul-marinho e os sapatos simples. Gabriel quisera que ela vestisse *Prada* ou *Chanel*, mas Julia não gostava de exibir o dinheiro que possuíam. Preferia que as pessoas se concentrassem na sua investigação, não nas suas roupas. Por isso comprara o conjunto de saia e casaco simples na Ann Taylor e uns sapatos de saltos modestos da Nine West. Ainda assim, dada a maneira como alguns dos outros conferencistas se vestiam (com exceção de Christa Peterson), ainda se sentia um pouco excessiva.

Mas sabia que, por baixo das suas roupas, trazia o cheiro de Gabriel no corpete que ele lhe comprara, o que aumentava consideravelmente a sua confiança.

— Vou buscar um café. O que é que tu queres? — Ele sorriu e soltou-a.

— Uma garrafa de água, por favor. Gostaria de me ir sentar, se não te importas.

— De todo. Vejo-te lá dentro.

Julia devolveu-lhe o sorriso e entrou no anfiteatro sozinha.

Gabriel trocou cumprimentos com alguns colegas antes de se aproximar do bufete. Quando serviu a sua bebida e pegou numa garrafa de água, toda a gente tinha saído.

Ou assim pensava ele.

— Olá, professor.

Uma voz picante atrás de si prendeu a sua atenção. Gabriel virou-se para encontrar Christa ali perto, como um fantasma malévolo.

— O que deseja? — perguntou ele secamente, com uma expressão assassina no rosto.

— Ontem queria dizer-me qualquer coisa. Por isso... diga.

Gabriel olhou para a sala vazia à sua volta, a perguntar-se se as suas vozes chegariam ao anfiteatro.

Christa aproximou-se dele mais do que era apropriado e fechou os olhos, inspirando profundamente. Quando os abriu, os seus olhos eram ávidos.

— Cheira a sexo.

— Não brinque comigo. Eu quero que pare com as suas calúnias.

— Isso não vai acontecer.

— Eu processo-a.

Alguma coisa se alterou no rosto dela, mas foi uma alteração fugaz, logo dando lugar a um sorriso descontraído.

— Porquê? Por dizer a verdade?

— Não há verdade no seu assassinio de carácter. Nunca foi assediada em Toronto. E a Julia faz a sua própria investigação, como é óbvio para qualquer pessoa que tenha meio cérebro.

Um som de gargalhadas ecoou do anfiteatro. Gabriel virou-se na direcção do ruído.

Christa ergueu a voz para recuperar a sua atenção.

— Está-se a esquecer da parte de ter fodido com uma das suas alunas e ficado de licença administrativa. Essa é uma história que vale a pena contar. Para não mencionar o facto de a professora Singer ter algumas coisas a dizer a seu respeito. É uma pena que ela não tire fotografias. Eu teria gostado de ver.

Ergueu uma mão para sacudir pó imaginário da lapela do fato azul de Gabriel.

Ele agarrou-lhe o pulso e puxou-o. Com força.

— Está a brincar com o fogo.

Ela aproximou-se ainda mais, levando a boca a centímetros da dele.

— Oh, espero bem que sim, professor.

Ele soltou-a, enojado, recuou um passo e limpou as mãos como se tivessem sido contaminadas. Com outro olhar na direcção do anfiteatro, decidiu terminar aquela discussão.

— Fique de boca fechada. Ou faça da sua vida um inferno.

— Não há razão para ser tão antipático. O poder de acabar com isto está nas suas mãos. — Depois fez um gesto na direcção das virilhas dele, os

seus lábios a curvarem-se num sorriso apreciador. — Na verdade, talvez um pouco mais abaixo.

Gabriel soltou um expletivo e começou a afastar-se, mas ela seguiu-o.

— Venha ao meu hotel e amanhã já não vai ter de se preocupar com a minha boca talentosa. — Ela pousou-lhe a mão no braço, baixando a voz num sussurro sedutor. — Eu *conheço-o*. Eu sei do que gosta e sei o que quer. Fodemos a noite inteira e depois cada um poderá seguir o seu caminho.

Ele afastou-lhe a mão rudemente.

— Não.

— Então o que acontecer a seguir ficará na sua consciência.

Gabriel deu um passo na direção dela.

— Fique longe da minha mulher, ouviu?

— Estou no Malmaison. Já foi uma prisão, por isso deve agradecer-lhe.

— Christa levou os lábios ao ouvido dele. — Tenho algemas.

Gabriel estava demasiado ocupado a empurrá-la para perceber que ela lhe deixara qualquer coisa no bolso do casaco.

Com um sorriso de triunfo, acenou-lhe.

— Esta noite é a sua única hipótese. Apareça antes da meia-noite.

Virou-se sobre os seus saltos altíssimos e bamboleou-se enquanto andava. Depois, quase como se se tivesse esquecido de algo importante, fez uma pausa e olhou para ele por cima do ombro.

— Dê os meus cumprimentos à sua *esposa*.

## Capítulo 12

**A**lguns minutos mais tarde, Gabriel perscrutou a multidão no anfiteatro, à procura de Julia. Os seus olhos abriram-se mais ao reparar na cena à frente da sala. Julia estava a ser abraçada. Por alguém grande. Por alguém do sexo masculino.

Por alguém... atraente.

Gabriel desceu as escadas duas a duas para chegar à frente do salão. Viu Julia recuar, o rosto feliz, os seus lábios tão beijáveis curvados num sorriso.

O homem retirou relutantemente os braços da cintura dela antes de lhe dizer qualquer coisa que a fez rir.

Gabriel estava prestes a estrangular o homem e depois desafiá-lo para um duelo.

Enquanto se aproximava, os olhos de Julia encontraram os dele. O homem virou-se para seguir a direção do seu olhar.

Gabriel estacou.

— Fornicador-de-Anjos.

— Perdão?

Paul Norris semicerrou os olhos para o seu antigo orientador de dissertação, sem ter a certeza se ouvira mesmo o que lhe parecia ter ouvido. Claro que ele tinha as suas próprias descrições favoritas d'O Professor, poucas das quais eram elogiosas.

*Fornicador-de-Alunas*, pensou Paul.

— Esta conferência está cada vez melhor — balbuciou Gabriel, endireitando o seu quase metro e noventa de corpo.

— Professor Emerson. — Paul fletiu subconscientemente os bíceps e fez inchar o peito.

— Paul. — Gabriel colocou-se possessivamente ao lado de Julia, passando-lhe a garrafa de água.

— Apertem as mãos, cavalheiros. — Ela franziu o sobrolho, olhando ora para o amigo ora para o marido.

Os homens seguiram a sua sugestão com muito pouco entusiasmo.

— Não sabia que vinha. — Gabriel olhou vincadamente para Paul.

— Não era para vir. Um dos oradores desistiu, por isso a professora Picton convidou-me. Vou fazer a comunicação antes de Julia.

Julia sorriu.

— Que bom. Parabéns.

Paul fez-lhe um enorme sorriso em resposta.

— Posso convidar-te para almoçar? — Ele focava-se unicamente em Julia.

— Infelizmente, ela já tem outros planos.

Julia fez ao marido aquilo que apenas se poderia chamar *o olhar*, antes de assentir com a cabeça para Paul.

— Adoraria ir almoçar contigo, Paul. Obrigada.

Gabriel agarrou o cotovelo de Julia.

— Não me parece que isso seja apropriado — murmurou.

— *Querido* — sussurrou-lhe ela num tom de aviso.

— Olá, Sr. Norris — interrompeu Katherine. Apertou firmemente a mão de Paul antes de se virar para Gabriel. — Vou jantar com o Sr. Norris, esta noite. Gostaria que vocês os dois nos acompanhassem.

— Com todo o gosto. — A voz de Gabriel era forçada. — Uma vez que jantaremos consigo esta noite, Sr. Norris, reclamo-lhe a minha mulher para o almoço. — Ele sorriu, mostrando todos os seus dentes brancos.

— Querido, posso dar-te uma palavrinha? — perguntou Julia. Virou-se para Katherine e Paul. — Já voltamos.

Julia pegou na mão de Gabriel e levou-o para um canto sossegado da sala.

— Eu quero ir almoçar com ele.

— Só por cima do meu cadáver. — Gabriel cruzou os braços sobre o peito.

— Ele é um velho amigo.

— Um velho amigo que te beijou.

— Isso foi depois de tu me deixares. Como te deves lembrar, eu dei-lhe para trás. — Julia cruzou os braços, espelhando a postura do marido.

Gabriel ficou carrancudo.

— Ele quer-te.

— O Paul não é pessoa para se atirar a uma mulher casada. É só um almoço. Por isso, peço-te, por favor, não faças disto um bicho-de-sete-cabeças.

— Mas é um bicho-de-sete-cabeças.

— Eu não o vejo há um ano. Gostava de falar com ele e saber como está. Talvez ande outra vez com a Allison.

— Ele ainda está apaixonado por ti.

— Não está, não.

Gabriel acercou-se dela, baixando a voz.

— Esqueces-te que mulheres bonitas, inteligentes e boas são poucas. Um homem faria qualquer coisa para ter uma mulher como tu. Incluindo roubá-la ao marido.

Julia endireitou os ombros.

— Esqueces-te que quando uma mulher encontra um bom homem, um homem que a ama e a faz feliz, ela não lhe põe os cornos.

Gabriel estremeceu.

Não consegui evitar — os seus olhos cruzaram-se com os de Christa, e ele viu como ela o fitava com um ar provocador, a observar presunçosamente o casal.

Gabriel virou as costas à mulher e descruzou os braços.

— Não estou nada contente com isto.

Julia deu-lhe um beijo no rosto.

— Consigo viver com isso. Obrigada.

Em alguns minutos, Gabriel deu por si na infeliz posição de ter de ver a mulher sentar-se ao lado do Fornicador-de-Anjos, enquanto ele se sentava no outro lado. Julia e o amigo trocaram algumas palavras na brincadeira antes de a sessão começar, e Gabriel ressentiu-se de cada uma delas.

*Esta conferência é como uma descida aos vários níveis do Inferno, pensou. A única coisa que falta é um respeitável Virgílio e hordas de pessoas a gritar.*

Uma coisa era ter de suportar as setas e dardos da menina Peterson. Outra coisa era encontrar a mulher nos braços de outro homem. E nos braços do Fornicador-de-Anjos, ainda por cima.

Gabriel começou a recitar a oração de São Francisco em italiano, num esforço para se acalmar.

Sabia que devia contar a Julia o confronto que tivera com Christa. Mas também sabia que isso a iria aborrecer, estragando, potencialmente, a sua oportunidade de parecer composta e autoconfiante à frente dos outros congressistas. Por isso manteve os detestáveis pormenores para si mesmo.

Além disso, tinha ainda o Sr. Norris com que se preocupar.

Paul fora um bom e leal amigo de Julia, especialmente quando ela tanto precisara. Mas tentara conquistá-la, algo que Gabriel podia compreender mas nunca perdoaria.

Queria manter Julia o mais longe dele possível. Mas o olhar na cara da

mulher ao vê-lo matara essa possibilidade. Ela tivera tão poucas ocasiões para sorrir no dia anterior. Gabriel não ia matar aquele sorriso.

Começou a bater com o pé no chão baixinho quando a primeira oradora deu início à sua apresentação. Estava absolutamente alheado do barulho que os seus sapatos italianos estavam a fazer contra o chão até Julia lhe pousar uma mão suave sobre o joelho.

Pegou na sua *Meisterstück 149* e pôs-se a brincar com ela, tentando em vão fazê-la rodar entre os dedos num único movimento.

Num esforço para se distrair de um artigo que ele podia jurar já ter ouvido antes, começou a recordar a sua muito pública discussão com Julia, quando ela era aluna no seu seminário. Ela provocara-o na frente de Paul, Christa e o resto da turma. Ele ficara horrivelmente embaraçado e furioso. Na sua raiva, até destruíra aquela que fora uma muito útil cadeira do Ikea.

Aprendera muito sobre Julia, entretanto; aprendera, por exemplo, a importância de perdoar os outros e a si mesmo. Mas as tendências pacifistas de Julia eram demasiado extremadas. Sem ele, ou sem alguém como ele, a mulher seria esmagada, sofreria abusos.

Gabriel observou-a pensativamente. Talvez se tivesse tornado pacifista porque sofrera abusos. Talvez aqueles que ostentavam as maiores cicatrizes estivessem demasiado conscientes dos danos que podiam ser infligidos por palavras e ações perversas. Ponderou nisto por algum tempo, a olhar para ela, até a ver estremecer.

Julianne era linda, com a pele clara e os olhos grandes, mas não o sabia. Não via o que os outros viam e, embora tivesse feito muitos progressos desde que estavam juntos, Gabriel sabia que a imagem que ela tinha de si mesma seria sempre inferior ao que deveria ser. Ele sabia isto e, por causa disto, tinha o cuidado de a proteger, até de si mesma.

Não ia, certamente, permitir que o Fornicador-de-Anjos se aproveitasse das suas fraquezas.

## Capítulo 13

*Janeiro de 2011*

*Perto de Essex Junction, Vermont*

Paul Norris pisou uma pilha muito grande de bosta de vaca.

— Merda — exclamou, erguendo a bota.

*Bessie*, uma das Holsteins premiadas do pai, lançou-lhe um olhar maligno.

— Desculpa, *Bessie*. Queria dizer *erva*. — Deu uma palmadinha no lombo da vaca e começou a limpar a bota com uma pá.

Enquanto empilhava estrume no estábulo do pai, ao início da manhã, contemplara as obras insondáveis do universo, o karma e aquilo em que a sua vida se transformara. Depois pensara *nela*.

Julia ia casar com o cabrão. Por aquela altura, no dia seguinte, o casamento teria acabado.

Ainda não conseguia acreditar.

Depois de tudo por que o Emerson a fizera passar... depois de todas as suas tretas paternalistas, asininhas, controladoras, ela aceitara-o de volta. Pior — não só o aceitara de volta, como ia *casar* com ele.

Emerson, o imbecil.

*Porquê?*

*Porque é que os tipos bons acabam sempre em último?*

*Porque é que são sempre os Emersons do mundo a ficar com as miúdas?*

*Não há justiça no universo. Ele fica com a miúda e eu estou a empilhar merda.*

Julia dissera que ele mudara, mas, na verdade, quanto é que um homem podia mudar no espaço de seis meses?

Paul estava contente por não ter aceitado o convite para o casamento. Teria de ficar ali parado, a vê-los olhar nos olhos um do outro a dizer os seus votos, sabendo sempre que Emerson a ia levar para um hotel algures e...

Paul gemeu como um homem apaixonado que perdera a sua amada.

(Pelo menos tinha um monte de merda com que ocupar o seu tempo.)

Ficara a trabalhar na quinta dos pais, em Vermont, porque o pai estava a recuperar de um ataque cardíaco. Apesar da sua recuperação, os médicos tinham-no aconselhado a refrear-se de qualquer trabalho físico.

Ao regressar a casa, às oito horas, Paul estava pronto para o pequeno-almoço. Estava frio, e o vento assobiava entre as árvores que um antepassado Norris plantara como corta-vento em volta da grande casa da quinta. Até *Max*, o border collie da família, tinha frio. Corria em círculos, a ladrar para a neve que caía e a suplicar para ser deixado entrar na casa.

Um carro subia o longo acesso desde a estrada principal, parando a centímetros dos pés de Paul. Reconheceu o carro de imediato — um *Volkswagen* carocha verde-lima. E reconheceu a condutora quando ela abriu a porta e pôs um pé revestido por uma *Ugg* na estrada acabada de limpar.

Allison tinha cabelo curto e encaracolado, sardas e elétricos olhos azuis. Divertida e inteligente, era professora num jardim infantil na vizinha Burlington. Era também a ex-namorada de Paul.

— Olá. — Ela acenou. — Trouxe café do Dunkin'.

Paul viu que ela trazia um tabuleiro com quatro grandes copos de café do Dunkin' Donuts e um saco que continha misteriosos presentes. Presentes que ele esperava que incluíssem massa frita coberta de açúcar.

— Vai para dentro. Está um gelo cá fora. — Paul acenou com a mão enluvada na direção da casa e depois seguiu Allison e *Max* pela neve.

Tirou as botas e roupas de exterior no alpendre, deixando as luvas a secar. Depois começou a lavar as mãos, esfregando-as vigorosamente debaixo da água quente.

Ouviu a mãe, Louise, a falar com Allison em voz baixa na cozinha. Não parecia surpreendida com o aparecimento repentino de Allison. Paul começou a perguntar-se se o seu aparecimento fora assim tão repentino.

Quando entrou na cozinha, a mãe desaparecera com dois dos cafés.

— Como está o teu pai? — Allison passou-lhe o seu copo.

Ele bebeu-o rapidamente, querendo adiar a resposta. O café estava perfeito — simples, com dois cubos de açúcar. Ali sabia como ele gostava do café.

— Está melhor — disse Paul com uma voz rígida, enquanto se sentava diante dela à mesa da cozinha. — Está sempre a tentar trabalhar e a minha mãe a dizer-lhe que não pode. Pelo menos, não saiu de casa esta manhã. Ela apanhou-o a tempo.

— Mandámos flores para o hospital.

— Eu vi-as. Obrigado.

Ficaram sentados num silêncio desconfortável até Allison estender a mão sobre a mesa para agarrar a enorme mão de Paul.

— Ouvi falar do casamento.

Ele fitou-a, espantado.

— A tua mãe contou à minha. Encontraram-se no Hannaford. — Ela revirou os olhos.

Ele abanou a cabeça, mas não disse nada.

— Tenho muita pena. Ela é, claramente, uma parva.

— Não é, mas obrigado. — Ele apertou-lhe a mão. Ia retirá-la, mas soube-lhe bem estar de mão dada com ela. Era uma sensação familiar e confortável, e Deus sabia como precisava de conforto, por isso deixou-se ficar.

Allison sorriu e bebericou o seu café.

— Eu sei que é má altura. Só queria que soubesses que estou aqui.

Ele mudou de posição no seu assento, concentrando-se no seu copo de café.

— Queres ir ao cinema? — perguntou ela de repente. — Quero dizer, um dia destes. Não agora. É demasiado cedo para ir ao cinema. — Ela correu enquanto estudava a expressão de Paul.

— Não sei. — Ele soltou-lhe a mão e recostou-se para trás na sua cadeira.

— Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós. Somos amigos desde sempre e prometemos que continuaríamos amigos para sempre. — Ela começou a riscar os lados do copo do café com a unha.

— As coisas estão... difíceis, neste momento.

Allison riscava a superfície do copo.

— Não estou a tentar amarrar-te. Só quero que sejamos amigos. Eu sei que estás ocupado e... tudo. — Ela começou a rasgar o copo em pedacinhos pequenos e a alinhá-los ordenadamente em cima da mesa da cozinha.

— Ei. — A mão de Paul voou por cima da mesa para a interromper. — Descontra-te.

Ela olhou-o nos olhos e viu aceitação e bondade. Suspirou de alívio.

Paul retirou de novo a mão, fechando-a à volta do seu copo.

— Nós temos uma história, e é uma boa história. Mas não posso precipitar-me para uma nova relação contigo. Seria demasiado fácil fazer isso.

— Eu nunca fui fácil, Paul. — Ela soava ofendida.

Ele pigarreou e olhou-a diretamente nos olhos.

— Nunca disse que eras. O que eu queria dizer é que seria tentador voltar ao que tivemos porque era confortável. Tu mereces estar com alguém que esteja verdadeiramente empenhado, e não apenas a meio gás.

Paul perdeu-se no silêncio momentâneo que se seguiu, antes de perceber que Allison esperava por alguma coisa.

— O que foi?

— Nada. — Ela endireitou-se na cadeira. — Então, vamos ver um filme um dia destes, ou não? Posso até levar-te a jantar ao Leunig, agora que estou a ganhar à grande como professora.

Paul deu por si a sorrir, e o seu sorriso era genuíno.

— Só se me deixares levar-te a tomar o pequeno-almoço no Mirabelle.

— Boa. Quando?

— Vai buscar o casaco — disse ele.

Seguiu-a para a porta das traseiras e ajudou-a com o casaco. Quando ela quase caiu para a frente ao tentar voltar a calçar as suas *Uggs*, ele ajoelhou-se no chão e enfiou-lhas nos pés.

— Metade de ti é melhor do que qualquer outro inteiro — sussurrou ela, ainda que apenas para si mesma.

## Capítulo 14

*Julho de 2011  
Oxford, Inglaterra*

Quando a conferência foi interrompido para o almoço, Julia pediu licença para ir à casa de banho e pediu a Paul para esperar por ela. Estava a subir a escadaria de regresso ao anfiteatro quando um par de *Christian Louboutins* lhe apareceu à frente.

O olhar de Julia subiu por um par de pernas em meias de seda, uma saia preta justa e um casaco cintado, para encontrar o rosto de Christa Peterson.

A sua expressão era hostil mas evidentemente tensa, enquanto ela se agarrava ao corrimão com os nós dos dedos brancos. Estava agitada, parada no mesmo lugar, como se não soubesse se deveria avançar ou recuar.

— Estou ansiosa por ouvir a tua parte. De certeza que terei uma ou duas perguntas.

Julia ignorou-a e tentou continuar em frente, mas Christa bloqueou-lhe o caminho.

Julia bufou impacientemente.

— O que é que tu queres?

— Tu achas-te tão esperta.

— Não temos nada para conversar.

— Oh, temos, sim.

Julia fechou os olhos com força antes de os abrir, incrédula.

— A sério? Queres ter uma discussão aqui, numa conferência? Não vês como as tuas ações estão a prejudicar a tua carreira? O Gabriel diz que Columbia te obrigou a inscreveres-te num mestrado, em vez do doutoramento. Queimaste as tuas relações em Toronto e estás a queimá-las aqui. Não achas que está na altura de deixares isto para trás?

— Não vou desistir tão facilmente.

— A tua *vendetta* é ridícula. Eu nunca te fiz mal nenhum.

Christa riu-se, um riso perverso.

— Isto nada tem a ver contigo. Tu não vales o esforço.

— Então porquê?

Christa lançou os cabelos para trás.

— Tens uma coisa que eu quero. Eu consigo sempre o que quero. Sempre.

— Deixa-me em paz. — Julia ergueu o queixo, em desafio.

Os olhos amendoados de Christa percorreram Julia da cabeça aos pés.

— Não compreendo o que vê ele em ti. Não és assim tão bonita. — Indicou com uma mão desdenhosa o fato e sapatos simples de Julia. — O Gabriel é belo. É uma lenda. Todas as mulheres do Lobby o conheciam e todas queriam foder com ele. — Olhou para Julia com desprezo. — E depois, entre toda a gente, ele acaba ao teu lado. Mas não há de ser por muito tempo. Ele precisa de estar com uma mulher com um apetite tão voraz como o dele.

— E está.

Christa riu-se, o som metálico e quebradiço.

— Duvido. Tenho a certeza que gostou de conquistar uma virgem, ao princípio. Mas, agora que já te teve, há de começar a olhar em volta, e tu vais perdê-lo. — Os olhos dela cintilaram com uma luz de conhecedora. — Provavelmente já te enganou. Ou então está a planear fazê-lo.

— Se não me largas, eu grito por ajuda. Queres mesmo ser envergonhada na frente de toda a gente? Outra vez?

Christa hesitou e Julia aproveitou a oportunidade para se escapar. Estava a dois passos do alto da escadaria quando parou. Virou-se.

— Amor — disse baixinho.

— O quê? — As sobrancelhas de Christa arquearam-se de confusão.

— Perguntaste o que é que o Gabriel vê em mim. A resposta é amor. Eu sei das outras mulheres. Ele não me escondeu nada. Mas elas não são uma ameaça.

Christa pôs as mãos nas ancas.

— Tu deliras. Então tu ama-lo. E daí? *Olha para ti*. Para que há de ele querer um ratinho quando pode ter um tigre na cama?

— É melhor um rato que o ama do que um tigre indiferente. — Julia endireitou os ombros. — Essas mulheres não viam quem ele era, realmente. Não lhes interessava que ele estivesse infeliz. Usavam-no até não restar mais nada e depois punham-no de parte. Eu amo-o desde os dezassete anos. Amo-o por inteiro... a luz e a escuridão, o bom e o mau. É por isso que ele está comigo. Deixou as outras e nunca voltará atrás. Por isso, faz o que quiseres, Christa. Mas se estás a planear seduzir o meu marido... Tu. Vais. Falhar.

Julia virou-se para se ir embora, mas parou de novo, encarando Christa uma última vez.

— Mas tens razão numa coisa.

— O quê? — Christa falava numa voz insolente.

Julia sorriu, com um ar de cumplicidade.

— O meu marido é um amante excecional. É atento, criativo e absolutamente arrebatador. Esta noite, e todas as noites, a mulher que tem prazer com a sua natureza aventureira sou eu.

Lançou um longo olhar a Christa.

— Nada mau, para um rato.

— Lamento que tenhas tido outra discussão com a Christa. — Paul fez um olhar de compaixão a Julia enquanto a acompanhava de St. Anne's para um pequeno restaurante libanês ali perto. — Estou a ver que ela só veio para te importunar.

Julia brincava com a sua aliança, rodando-a para a frente e para trás com o polegar.

— Ela disse-me que me ia fazer perguntas depois da minha apresentação. Vai tentar arranjar maneira de eu fazer figura de estúpida.

Paul pôs-lhe um braço à volta dos ombros.

— Ela não vai conseguir que faças figura de estúpida porque tu não és estúpida. Mantém-te firme. Vai correr tudo bem. — Apertou-a um pouco antes de remover o braço. — Estás com bom aspeto. Muito melhor do que na última vez que te vi.

Ela estremeceu, a recordar-se de quando se despedira de Paul à porta do seu apartamento em Cambridge, no verão anterior. Estava mais magra e mais triste, mas cautelosamente confiante de que a vida em Cambridge lhe faria bem.

— Dou-me bem com a vida de casada.

Paul fez uma careta. Não queria pensar no que incluía a vida de casada de Julia, porque não conseguia suportar a ideia de ela dormir com o professor Emerson. Pedia a Deus que Emerson tivesse desistido da sua tendência para o BDSM e tratasse Julia com carinho.

Uma imagem de Emerson a atar Julia percorreu-lhe a mente. O seu estômago revirou-se.

— Estás bem? — Julia olhava para ele. — Pareces um pouco verde.

— Está tudo bem. — Obrigou-se a sorrir. — Acabei de reparar que a Coelha desapareceu.

— Estava na altura, não achas?

— Vou ter saudades dela.

Julia concentrou a atenção no passeio à sua frente.

— Ela regressa nos momentos de tensão. As minhas pernas tremem só de pensar em ficar à frente daquela gente toda.

— Vais conseguir. Podes fingir que me estás a apresentar o teu artigo, só a mim. Ignora todos os outros.

Instintivamente, Paul estendeu a mão para a dela, mas interrompeu-se a meio do gesto.

Fez um gesto desajeitado na direção dela, tentando disfarçar a sua intenção.

— Cortaste o cabelo.

Julia agarrou um dos caracóis negros que lhe chegavam pouco abaixo dos ombros.

— Pensei que ia parecer mais profissional. O Gabriel não gosta.

— Aposto que não.

(Paul não mencionou o facto de que concordava com O Professor.)

Depois indicou-lhe a mão esquerda.

— Grande pedra que aí tens.

— Obrigada. Foi o Gabriel que escolheu.

*Claro que ele tinha de lhe comprar um anel grande como o raio, pensou Paul. Surpreende-me que não lhe tenha tatuado o nome dele na testa.*

— Eu teria casado com ele mesmo que me trouxesse um anel de uma caixa de bolachas. — Julia olhou para a mão com amor. — Teria casado com ele se me trouxesse o fio do saco do lixo. Não quero saber deste tipo de coisas.

*Exatamente. Eu nunca lhe poderia ter dado um anel destes. Mas a Julia é o tipo de rapariga que ficaria feliz sem nada, desde que amasse um gajo o suficiente.*

— Ele pagou-me os empréstimos de estudante — disse ela timidamente.

— O quê, todos?

Ela anuiu.

— Eu ia reuni-los e começar a fazer pagamentos, mas ele insistiu em pagar tudo.

Paul soltou um assobio.

— Deve ter custado um balúrdio.

— Custou. Tenho levado algum tempo a habituar-me... ao facto de que partilhamos tudo, incluindo uma conta bancária. Eu tinha uma conta muito pequena quando nos casámos. Ele tinha... mais.

— Gostas de viver em Cambridge? — Paul mudou de assunto, nada interessado em saber quanto *mais* tinha O Professor.

— Adoro. Vivemos suficientemente perto de Harvard para poder ir a pé. O que é bom, porque eu não conduzo. — Julia soava envergonhada.

— Não? Porquê?

— Estava sempre a perder-me e acabava em bairros manhosos. Uma vez liguei ao Gabriel de Dorchester e ele teve um ataque. E isso foi depois de usar o GPS.

— Como é que acabaste em Dorchester?

— O GPS pirou. Não reconhecia as ruas de um sentido. Até me disse para fazer uma inversão de marcha ilegal enquanto eu estava a passar por um dos túneis. Por isso acabei por me afastar cada vez mais da minha casa. Depois disso, desisti.

— Não conduzes de todo?

— Não na área da grande Boston. O *Range Rover* do Gabriel é difícil de estacionar e eu estava sempre com medo de atropelar alguém. Os condutores em Boston são malucos. E nem me faças falar dos peões.

Paul resistiu à vontade de detalhar os inúmeros erros de Gabriel, e decidiu-se por um.

— Porque é que ele não te arranja um carro novo? Obviamente, pode comprá-lo.

— Eu quero uma coisa pequena, como um *Smart*, ou um daqueles *Fiats* novos. O Gabriel diz que isso é como conduzir uma lata de atum.

— Ela suspirou. — Quer que eu ande com uma coisa maior, como um *Hummer*.

Ele deu-lhe uma palmada no ombro, na brincadeira.

— Estás a planear invadir Bagdade? Ou só Charlestown?

— Engraçadinho. Se não consigo estacionar o *Range Rover*, como raio é que vou estacionar um *Hummer*?

Paul riu-se, abrindo a porta do restaurante.

Antes de conseguir pedir uma mesa para dois, algum alvoroço emergiu de uma mesa próxima. Uma menina, provavelmente com uns três ou quatro anos, estava a carregar repetidamente num botão no seu livro, o que gerava alguns compassos de uma música vez após vez.

Enquanto a menina continuava o seu comportamento, Paul e Julia olharam em volta do restaurante. Os outros comensais não pareciam muito contentes.

Uma mulher, que estava modestamente vestida e com um lenço na cabeça, tentava convencer a rapariga a trocar o seu livro musical por outro menos barulhento. Mas a menina guinchou em protesto.

Foi naquele momento que um homem mais velho, sentado perto delas, exigiu ruidosamente que o empregado silenciasse a criança. Queixou-se de que ela lhe estava a estragar o almoço e que as crianças que *não se sabem comportar* não deviam poder entrar em restaurantes.

A mulher corou profundamente e tentou novamente persuadir a filha

a trocar de livro. Mas, mais uma vez, a criança recusou, pontapeando sonoramente a perna da mesa.

Naquele momento, o empregado aproximou-se de Julia e Paul.

— Uma mesa para dois — disse este alegremente.

— À janela? — O empregado indicou uma mesa ao canto, perto da janela.

— Sim. — Paul foi atrás do empregado, que pegou em duas ementas.

Enquanto atravessavam a sala, Julia reparou que o homem mais velho continuava a resmungar por causa da menina, que ainda estava a tocar a sua música alto e bom som. Julia interrogou-se se a criança seria autista. De qualquer modo, a atitude do homem mais velho chocou-a.

Julia dirigiu-se ao empregado.

— Talvez pudéssemos trocar de mesa com a menina e a mãe... Se elas não quiserem mudar, tudo bem. Mas a menina talvez gostasse de espreitar pela janela e de brincar com o seu livro em paz.

O homem olhou na direção da mão de Julia, reparando no crescente desconforto dos outros clientes.

— Com licença — disse ele, antes de se aproximar da mãe e da criança.

A mãe e o empregado trocaram umas rápidas palavras em árabe antes de a senhora se dirigir à filha em inglês.

— Maia, podemos ir sentar-nos à janela. Não é bom? Podemos olhar para os carros lá fora.

Os olhos da menina seguiram o gesto da mãe e viram a mesa do canto. Ela pestanejou um pouco por detrás dos óculos grossos e anuiu.

— Maia, podes ir agradecer?

O nome da rapariga pareceu transportar-se pelo restaurante. Ao ouvi-lo, Julia estacou. Deu por si a olhar para a criança, o corpo estático.

Maia olhou para o empregado e balbuciou qualquer coisa, enquanto a mãe sorria para Julia e Paul.

Alguns minutos mais tarde, mãe e filha estavam alegremente instaladas na mesa do canto. A menina encostou a cara ao vidro, a observar os carros e as pessoas no exterior, o livro musical já esquecido.

Julia e Paul ficaram sentados na outra mesa, ao lado do agora triunfante homem de idade. Pediram alguns pratos para partilharem e beberam tranquilamente as suas bebidas.

— Não me perguntaste primeiro. — A voz de Paul interrompeu os pensamentos de Julia.

— Eu sabia que não te irias importar de nos sentarmos aqui.

— Tens razão. Na verdade, ainda bem que lidaste tu com a situação, porque eu estava quase a ir à mesa daquele tipo falar com ele. Que idiota.

Julia olhou para o homem que fora tão crítico e abanou a cabeça.

— Não sei porque continuo a espantar-me com a insensibilidade das pessoas. Mas continuo.

— Ainda bem que estás aqui. Conheço demasiadas pessoas cínicas.

— Também eu.

Os olhos dele viraram-se momentaneamente para a mãe com a criança.

— Estás a planear ter a tua própria Maia, brevemente?

Julia ficou tensa, o nome da criança a continuar a abalá-la.

— Não. Hmm, por enquanto, quero eu dizer.

Paul fitou-a por um momento, os seus grandes olhos negros a emanar preocupação.

— Estás com um ar de pânico. Tens medo de ter filhos?

Ela baixou o olhar.

— Não, eu quero tê-los. Mas mais tarde. — Bebericou a sua água. — Como está o teu pai?

Paul ponderou explorar a ansiedade da amiga, mas depois mudou de ideias.

— Está bem. Continuo na quinta a ajudar, por isso tive de deixar o meu apartamento em Toronto.

— Como está a tua dissertação?

Ele soltou um ronco.

— Terrível. Não tenho muito tempo para escrever e, neste momento, a Picton está lixada comigo. Devia ter-lhe entregue um capítulo há duas semanas e ainda não o acabei.

— Posso fazer alguma coisa?

— Só se quiseres escrever tu aquela coisa. Gostava de entrar no mercado de trabalho este outono, mas a Picton não me vai deixar, a não ser que esteja mais avançado. — Ele suspirou audivelmente. — Provavelmente vou continuar na quinta pelo menos mais um ano. Quanto mais tempo lá passo, mais difícil se torna escrever a dissertação.

— Tenho muita pena.

Julia pousou o copo e começou a esfregar os olhos.

— Cansada? — Paul soava preocupado.

— Um pouco. Por vezes doem-me os olhos. Provavelmente é do stress.

— Ela pôs as mãos no colo. — Desculpa, não quero estar a conversar sobre mim. Prefiro saber como tens passado.

— Já lá vamos. Quando é que começaste a sentir dores nos olhos?

— Quando me mudei para Boston.

— Muitos alunos acabam com fadiga ocular. Devas ir a uma consulta.

— Não tinha pensado nisso. Usas óculos?

— Não, bebi muito leite quando era pequeno. Fez-me bem à vista.

Ela pareceu confusa.

— Pensei que eram as cenouras que faziam bem.

— O leite é bom para tudo.

Ela riu-se.

Paul não conseguiu deixar de apreciar a beleza de Julia, tornada ainda mais encantadora quando ela se ria.

Estava prestes a dizer qualquer coisa, mas foi interrompido pelo empregado, que lhes serviu o almoço. Quando ele se retirou, foi Julia que falou.

— Tens saído com alguém?

Paul combateu a vontade de franzir o sobrolho.

— Saio de vez em quando com a Ali. Mas continuamos como amigos.

— Ela é uma boa pessoa. E gosta de ti.

— Eu sei. — A expressão dele ensombrou-se.

— Gostava que fosses feliz...

Ele mudou de assunto.

— Como estão a correr as coisas com o teu doutoramento?

Julia brincou com os talheres antes de responder.

— Os professores são duros e trabalho o tempo todo, mas estou a adorar.

— E os outros colegas?

Julia fez uma careta.

— São muito competitivos. Considero um ou dois deles meus amigos, mas não confio necessariamente neles. Uma vez fui à biblioteca e descobri que alguém tinha escondido umas fontes de Boccaccio, para os outros colegas não as poderem usar para o seminário.

— Então estou a ver que não passas muitas noites na biblioteca a partilhar uma sala de leitura...

— Não, definitivamente. — Ela mordiscou qualquer coisa da sua comida.

— Costumas sair?

— Raramente. Fico pouco à vontade, porque os outros colegas levam os respetivos companheiros e o Gabriel nunca vem comigo.

— Porquê?

— Não lhe parece boa ideia sair socialmente com estudantes.

Paul mordeu a língua. Com força.

— Ele quer ter um bebé — deixou escapar Julia.

Depois encolheu-se, lamentando de imediato a sua falta de discrição.

— Pode ser um pouco difícil, dada a sua biologia — brincou Paul. Quando viu a expressão dela, ficou mais sério. — E tu não queres?

— Não tão cedo. — Ela revirou o seu guardanapo de linho no colo.

— Quero terminar o doutoramento. Tenho medo de nunca o conseguir terminar, se tiver uma criança agora.

Baixou a cabeça, a repreender-se interiormente por estar a mencionar um conflito tão pessoal a Paul. Gabriel ficaria lívido, se soubesse que ela partilhara aquele tipo de confidências. Mas precisava de falar com alguém. E Rachel, embora a compreendesse, não sabia como era o mundo académico.

— Que aborrecido, Julia. Já lhe disseste?

— Já. Ele disse que compreendia. Mas ficou no ar, compreendes? Depois de exprimires esse tipo de desejo, já não o podes retirar.

Paul começou a bater com o pé no chão debaixo da mesa. A conversa tomara um rumo surpreendente, e, na verdade, ele não sabia o que dizer. Rapidamente se lembrou de algo.

— Havia algumas mães no nosso programa em Toronto, mas eram poucas.

— E terminaram?

— Para dizer a verdade? A maioria delas não. Alguns dos tipos tinham filhos. Mas a maior parte deles tinha mulheres que ficavam em casa ou trabalhavam em part-time... Ei. — Ele esperou que ela levantasse a cabeça.

— Isso é só uma pequena amostra. Eu não prestei muita atenção a quem andava a engravidar e não andava. Provavelmente há algum grupo em Harvard que te poderá aconselhar a respeito de como equilibrar família e curso.

— Eu não queria ter esta conversa agora.

— Compreendo.

Paul abanou a cabeça.

— Jules, isto não é da minha conta, mas não te deixes obrigar a viver a vida de outra pessoa. Se não estás preparada para uma família, diz-lhe isso mesmo. E mantém a tua decisão, senão vais acabar infeliz.

— Não me parece que ter um filho com o meu marido me deixasse infeliz. — Julia parecia estar na defensiva.

— Desistir de Harvard deixaria. Eu conheço-te, Julia. E sei o que é importante para ti. Trabalhaste tanto para isto. Não desperdices tudo agora.

— Eu não quero, mas sinto-me culpada.

Paul soltou uma praga em surdina.

— Pensei que tinhas dito que ele te apoiava.

— E apoia.

— Então porque é que te sentes culpada?

— Porque estou a pôr-me a mim em primeiro lugar. Estou a pôr a minha educação em primeiro lugar, em detrimento da felicidade dele.

Paul fez-lhe um olhar severo.

— Se ele te ama, não vai querer ser feliz à custa da tua felicidade.

Julia ficou calada, a remexer nos talheres, a alinhá-los de forma a ficarem perfeitamente simétricos.

— Por muito que odeie dizer isto, acho que devias falar com ele outra vez. Dizer-lhe o que queres e pedir-lhe para esperar. — Paul sorriu. — E, se ele não quiser, põe-no a andar.

Ela olhou para ele com surpresa.

— Paul, não me parece que...

Ele interrompeu-a.

— A sério, Julia. Se o teu marido te ama, precisa de acordar e acabar com essa ideia de te transformar numa mãe e dona de casa.

Ela franziu a testa.

— Ele não quer isso.

— Então não tens razão para te sentires culpada. És muito nova. Tens a vida toda pela frente. Não tens de escolher entre os estudos e a família. Podes ter as duas coisas.

— Não são só os meus sonhos que contam.

— Talvez não. — Paul baixou a voz, de olhos fixos nos dela. — Não sou propriamente objetivo, quando o assunto te diz respeito.

— Eu sei — disse Julia suavemente. — Tens sido um bom amigo. Obrigada.

— Não é preciso agradecer. — A voz dele tornou-se dura.

— Os amigos por aqui são poucos. Ontem, a Christa contou a quase toda a gente o que aconteceu em Toronto. Fiquei humilhada.

— Quem me dera que alguém a tivesse calado. De uma vez por todas.

— O Gabriel tentou. Fizeram uma cena. Depois a professora Picton chegou e ameaçou mandá-la expulsar.

Paul assobiou.

— Que pena ter perdido isso. A Picton e a Christa num frente a frente? Podíamos ter vendido pipocas.

Viu a cara de Julia, que estava enrugada de angústia.

— Desculpa estar a ser um idiota.

— Não és idiota.

Ele continuava a bater com o pé debaixo da mesa, com uma expressão de desconforto.

— Eu disse algumas coisas estúpidas no *e-mail* que te mandei antes de te casares. Recusei-me a ir ao casamento. Isso é o comportamento de um idiota.

Os olhos de Julia dilataram-se.

— Disseste-me que não podias ir porque o teu pai estava doente.

O ritmo do pé dele acelerou.

— Isso é verdade... o meu pai estava doente. Mas não foi por essa ra-

zão que não fui ao teu casamento. — Ele olhou-a nos olhos. — Não conseguia ver-te casar com ele.

Paul observou a expressão preocupada na cara dela e puxou a cadeira para mais junto da mesa.

— Eu sei que és casada e nunca faria nada para estragar o teu casamento. Mas, Deus me ajude, não conseguia ver-te casar com ele. Desculpa.

— Paul, eu...

Ele ergueu uma mão para a silenciar.

— Não estou à espera nos bastidores a ver se alguma coisa corre mal. Mas custa-me ver-te com ele. E ouvir dizer que ainda pairam rumores sobre ti... por culpa dele, não tua... e que ele te está a pressionar para teres um bebé, quando ainda agora começaste o teu doutoramento... *Foda-se*. — Abanou a cabeça. — Quando é que ele vai acordar e perceber que casou com uma mulher incrível e que precisa de cuidar dela?

— O Gabriel *cuida* de mim. Ele não é quem tu pensas.

Paul olhou-a de frente.

— Espero bem que não, para teu bem.

— Ele trabalha como voluntário no Lar Italiano para Crianças. Tem feito trabalho humanitário com os pobres. Ele mudou.

— Não me parece muito humanitário, se não consegue ver que a própria mulher precisa de tempo antes de se tornar mãe.

— Ele vê isso. Eu é que estou ansiosa. É difícil reter uma coisa de alguém que amamos, sabendo que essa coisa o faria feliz. E eu também estou feliz — murmurou ela. — Tu próprio o reconheceste. Eu sei que ele tem os seus defeitos, mas eu também tenho. O Gabriel dava-me o mundo, se o conseguisse enfiar no bolso, e nunca, nunca me deixará desanimar.

Paul desviou o olhar, o joelho a saltitar debaixo da mesa.

## Capítulo 15

A comunicação de Paul foi bem recebida, ainda que fosse um pouco curta, na opinião de Gabriel. Ele reparara com sombria satisfação que tanto Paul como Julia pareciam pouco à vontade depois do seu almoço, como se as coisas não tivessem corrido exatamente como tinham previsto.

Se Gabriel tinha vontade de pedir pormenores a Julia, ocultou-o bem. Recebeu-a calorosamente quando ela regressou e sentaram-se juntos durante a apresentação de Paul.

Em breve, seria a vez de Julia. O professor Patel, um dos organizadores da conferência, apresentou-a, apelidando-a como uma estrela em ascensão em Harvard. O sorriso de Gabriel aumentou ao ver Christa a espumar.

O público incluía cinquenta académicos, em fases diversas das suas carreiras. A professora Picton e a professora Marinelli estavam sentadas na fila da frente ao lado de Gabriel. Os três fizeram sorrisos de encorajamento para Julia.

Com os dedos hesitantes, ela colocou as páginas do seu artigo em cima do suporte. Em contraste com ele, a sua forma baixinha tornava-se ainda mais pequena. O professor Patel teve de ajustar o microfone para baixo, para a voz dela se fazer ouvir.

Julia parecia jovem, pálida e nervosa. Gabriel viu-a morder o interior da bochecha e fez uma prece silenciosa para ela parar de o fazer. Ficou grato quando ela parou.

De olhos fixos nos dele, ela respirou fundo e começou.

— O título da minha apresentação é “O Silêncio de São Francisco — Uma Testemunha da Fraude”.

»No *canto*<sup>4</sup> vinte e sete do *Inferno* de Dante, Guido da Montefeltro conta a história do que aconteceu depois da sua morte:

*Veio, então, por mim, Francisco,  
Quando morri, mas um dos negros Querubins  
Disse-lhe: «Não o leves, não me enganes;  
Ele tem de descer entre os meus servidores,  
Por ter dado conselho fraudulento,  
E desde então o tenho agarrado pelos cabelos;*

*Pois quem não se arrepende não pode ser absolvido,  
Nem pode alguém arrepender-se e fazer o que quer ao mesmo  
tempo,  
Pela contradição que o não consente.»*

*Oh, miserável sou! Como estremeci  
Quando ele me tomou, dizendo: «Porventura  
Não pensaste que era um lógico!»  
(Tradução de Longfellow, *Inferno* XXVII)*

»Guido viveu em Itália entre cerca de 1220 e 1298. Era um proeminente Gibelino e estratega militar, antes de se tornar franciscano, por volta de 1296. Depois, o papa Bonifácio VIII persuadiu-o a aconselhar fraudulentamente a família Colonna, com quem estava a ter problemas.

»Bonifácio queria que Guido promettesse amnistia à família na condição de ela abandonar a segurança da sua fortaleza. Guido fez o que lhe era pedido, mas apenas depois de garantir a absolvição. Como resultado do seu conselho, a família Colonna deixou a fortaleza, apenas para ser punida por Bonifácio. Mais tarde, Guido morreu no mosteiro de Assis.

»O relato de Guido do que aconteceu após a sua morte é dramático. Podemos imaginar São Francisco a confrontar corajosamente um demónio para resgatar a alma deste confrade franciscano.

Os seus olhos desviaram-se brevemente para os de Gabriel, que eram de um azul vivo e expressivo. Um olhar perpassou por ambos, e, por um momento, ela soube que estavam os dois a pensar na maneira como se tinham salvo um ao outro.

— Mas, como é habitual com os escritos de Dante, as aparências podem iludir. Na vida, Guido tinha uma língua persuasiva mas enganadora. Na morte, ele habita o círculo dos fraudulentos. Por isso, as suas palavras

---

<sup>4</sup> Em italiano no original. (N. da T.)

devem ser vistas com algum grau de ceticismo. E certamente que é necessário ceticismo a respeito da sua alegação de que Francisco foi buscar a sua alma. Se esse era o propósito de Francisco, ele falhou.

»Em mais nenhum lugar na *Divina Comédia* testemunhamos o mal a vencer o bem. A *Comédia* é assim chamada porque a narrativa se move da desordem para a ordem. Um final feliz é garantido às almas no Paraíso. Se uma alma estivesse a ser punida injustamente, isso debilitaria toda a narrativa. Por isso, há muito em jogo nesta passagem. A nossa interpretação dela tem um significado para a *Comédia* na sua inteireza.

Julia fez uma pausa e bebeu um gole de água, com a mão a tremer ligeiramente.

— De acordo com Dante, a justiça motivou Deus a criar o Inferno. Virgílio menciona algo parecido noutra parte neste *canto*, quando explica que a justiça motiva as almas dos falecidos a atravessarem o rio Aqueronte para o Inferno. Dante parece partilhar a visão de que aqueles que habitam o Inferno o fazem justamente; merecem, de facto, o seu destino final. As almas não estão no Inferno por acidente ou por causa de um capricho divino. Se fosse esse o caso, como interpretaríamos as declarações de Guido?

Katherine fez um aceno de assentimento, os olhos a cintilar de orgulho. O movimento captou a atenção de Julia e um breve olhar perpassou entre as duas mulheres.

— Sabendo que Dante acredita que as almas que habitam o Inferno merecem lá estar, consideremos a história de Guido. O demónio vê Francisco e grita com ele, dizendo-lhe que a alma de Guido pertence ao Inferno e que seria um roubo se Francisco a levasse. Se isso fosse verdade, porque apareceria Francisco?

Julia fez uma pausa, esperando que a audiência se juntasse a ela na consideração da questão.

— Uma análise da literatura dos estudos de Dante dos últimos cinquenta anos revela pelo menos duas interpretações desta passagem. A primeira é que Guido diz a verdade e São Francisco aparece em busca da sua alma. A segunda é que Guido está a mentir e Francisco não aparece de todo.

»Eu acredito que ambas as possibilidades são demasiado extremas. Para que a primeira interpretação seja correta, temos de atribuir ou ignorância ou injustiça a Francisco, nenhuma das quais sendo razoável.

»A segunda interpretação defende que Francisco não apareceu, mas, então, o discurso do demónio não faz sentido, já que Guido não pode roubar a sua própria alma. Resta-nos, então, uma intrigante menção ao aparecimento de Francisco, acompanhada por uma explicação que força a credulidade. A explicação é dada por Guido e um demónio, nenhum deles sendo digno de confiança.

»Acredito que podemos solucionar o problema rejeitando a explicação de Guido e substituindo-a com uma que é consistente com a vida e o caráter de Francisco. De acordo com a minha interpretação, Francisco apareceu e foi visto pelo demónio. Mas o demónio interpretou incorretamente a razão do seu aparecimento.

Julia agarrou o suporte com força enquanto membros da audiência começavam a murmurar. Sentia a boca seca como o deserto, mas continuou, de olhos fixos nos de Gabriel.

— Por muito reconfortante que possa ser pensar em Francisco a descer do Céu como um arcanjo para lutar pela alma de Guido, não pode ter sido isso que aconteceu.

Um olhar foi trocado entre os Emerson antes de Julia continuar.

— Guido aproveita-se do compromisso de Francisco com os seus irmãos, pensando, sem dúvida, que as pessoas acreditarão que ele compareceu na morte de um confrade franciscano. Mais, Guido quer que Dante transmita a sua história para que outros pensem que era suficientemente importante para merecer a atenção do santo, ou que a sua condenação ao Inferno foi um erro.

»O demónio, pensando persuadir Francisco a não o roubar, explica porque Guido merece estar no Inferno. Guido procurou a absolvição para o pecado do conselho fraudulento *antes* de cometer o pecado. Acreditou que a absolvição o libertaria das consequências do seu pecado, e por isso cometeu de livre vontade e sem arrependimento uma fraude contra a família Colonna.

»O demónio frisa que a absolvição apenas funciona se o ser humano se arrepende. Não se pode pecar intencionalmente e estar arrependido do seu pecado ao mesmo tempo. — Julia fez um sorriso hesitante para a sua audiência. — A absolvição não é um seguro contra incêndios.

(Com isto, alguns membros da audiência, incluindo Paul, riram-se.)

— Guido reveste-se com as roupas franciscanas e a absolvição preventiva, mas é uma fraude. Francisco saberia disto. No mínimo, Guido envergonhou os franciscanos ao comportar-se como se comportou.

»Embora Francisco pudesse ter condenado o comportamento de Guido, aparecendo para o repreender, ele permanece em silêncio. Francisco não pode salvar Guido. Tem de ficar a ver enquanto o demónio agarra Guido pelos cabelos e o arrasta para baixo.

»A fealdade dos gritos do demónio e do falso franciscanismo de Guido parece ainda mais grave quando em contraste com a presença silenciosa e piedosa de Francisco. O seu silêncio e ausência de ação desmentem a explicação do demónio de que Francisco está ali para roubar. E o seu silêncio força-nos a reexaminar a história de Guido.

»Teria Francisco sido tão passivo se estivesse a tentar salvar uma alma condenada injustamente? Claro que não. Uma vez que Guido não se arrependeu do seu pecado, a única coisa que Francisco pode oferecer é o seu luto e, possivelmente, as suas orações.

Julia fez uma pausa e olhou intencionalmente na direção de Christa.

— Francisco poderia ter discutido com o demónio. Poderia ter-lhe chamado mentiroso por apresentar um relato falso do seu aparecimento. Poderia ter protestado que o demónio estava simplesmente a caluniá-lo. Mas, em vez de lutar para preservar o seu bom nome, Francisco fica calado para que o mal possa ser ouvido exatamente pelo que é.

Julia virou o olhar para outros conferencistas, reparando nos acenos numerosos de concordância e no sorriso aberto e expressivo de Paul.

— Guido queria que acreditássemos que São Francisco era ou suficientemente ingênuo para julgar que o lugar de Guido era no Céu ou suficientemente arrogante para pensar que podia discordar de Deus. Guido queria que acreditássemos que Francisco confrontou o demónio mas perdeu, porque não era suficientemente inteligente para vencer o demónio num combate de lógica.

»A vida e as ações de Francisco desmentem estas possibilidades. Na minha perspectiva, ele está junto ao túmulo de Guido da Montefeltro para o chorar, a ele e à sua vida de fraude, não para o resgatar. Ao fazê-lo, Francisco manifesta compaixão e misericórdia, apesar de ser uma misericórdia austera. — Neste momento, os olhos de Julia encontraram os do marido. — Francisco não era um ladrão. Não era enganador nem fraudulento e não faz qualquer tentativa para usar palavras vãs para defender a sua causa. Dir-se-ia até que Guido capturou a essência da natureza de Francisco ao descrevê-lo como estando presente mas silencioso.

»Será surpreendente, talvez, que alguém tão versado na fraude se mostrasse adepto de pintar uma imagem de virtude. Mas quando refletimos nas histórias que os seguidores de Francisco contaram acerca da sua vida e obras, vemos que é exatamente isso que Guido faz, embora tente ensombrar a imagem com o seu hábil uso da retórica.

»Em conclusão, penso que as duas interpretações históricas desta passagem estão incorretas. Francisco está presente na morte de Guido, mas não para roubar a sua alma.

»A aparição de Francisco põe em contraste o verdadeiro franciscanismo e o falso franciscanismo de Guido da Montefeltro. No fundo, Dante usa Guido como forma de destacar a piedade de São Francisco, ao oferecer um nítido contraste entre os dois homens. Obrigada.

Julia baixou a cabeça para a audiência enquanto lhe ofereciam um respeitável nível de aplausos. Reparou em vários académicos a sussurrar uns

para os outros, antes de os seus olhos encontrarem os das professoras Picton e Marinelli e de Emerson.

Gabriel piscou-lhe o olho e o rosto dela abriu-se num sorriso aliviado.

— Alguém deseja fazer perguntas? — perguntou Julia, virando-se para a audiência.

Houve um momento, que, na mente de Julia, pareceu durar para sempre, em que ninguém falou. Ela sentiu-se descontraír. Encontrou o rosto de Christa, viu a sua expressão de hesitação e acreditou que escapara incólume.

Depois, como que em câmara lenta, a expressão de Christa mudou e endureceu. Ela levantou-se lentamente.

Pelo canto do olho, Julia viu o professor Pacciani agarrar o cotovelo de Christa algo bruscamente, tentando obrigá-la a sentar-se. Mas esta libertou-se com um safanão.

— Eu tenho uma pergunta.

Julia mordeu o lábio inconscientemente, o coração a saltar para a garganta.

Como se tivesse sido coreografado, todos os membros da audiência se voltaram para Christa. Alguns conferencistas sussurraram para os seus parceiros ao lado, os seus olhos vívidos de antecipação. O conflito de Christa com os Emerson era já bem conhecido por todos os presentes. De facto, a sala começou num murmúrio de energia nervosa enquanto todos se questionavam com o que iria Christa dizer.

— Existem tantas lacunas no seu artigo, que nem sei por onde começar. Mas comecemos com a sua *investigação*, como lhe chama. — O tom de Christa era de desprezo. — A maioria dos estudos sobre esta passagem aceitam o facto de Francisco ter ido buscar Guido. Alguns artigos mais recentes negam que Francisco tenha aparecido. Mas ninguém — fez uma pausa, para dar ênfase — *ninguém* pensa que Francisco apareceu sem ser pela alma de Guido. Ou Guido está a mentir ou não está. Não pode ser metade uma coisa e metade outra, como natas *light*.

Ela fez um sorriso empertigado, e alguns membros da audiência riram-se.

Julia engoliu em seco, os olhos a dardejar à volta da sala, tentando perceber a reacção dos presentes antes de se voltar de novo para Christa.

— Além disso, nem sequer mencionou o início do *canto* vinte e sete, quando Guido explica a Dante que está a dizer a verdade porque pensa que Dante vai passar o resto da eternidade no Inferno e, por conseguinte, nunca poderá contar a ninguém o que aconteceu realmente. Esta passagem demonstra que Guido está a contar a verdade a respeito do aparecimento de Francisco.

»Finalmente, se se tivesse dado ao trabalho de ler o trabalho seminal

do professor Hutton sobre a organização do Inferno, saberia que ele pensava que o discurso do demónio era digno de confiança porque as suas palavras eram historicamente corretas. Por isso, Hutton também pensava que Francisco apareceu pela alma de Guido.

Com um sorriso orgulhoso, Christa retomou o seu lugar, à espera da resposta de Julia. Ela estava tão orgulhosa de si mesma, tão satisfeita, que não percebeu o olhar que a professora Picton lançou ao professor Pacciani. Esse olhar indicava claramente que Katherine responsabilizava Pacciani pelo comportamento extravagante da sua convidada, e que ela não estava nada satisfeita com esse comportamento. Como resposta, o professor Pacciani sussurrou ao ouvido de Christa, a gesticular agitadamente.

A pestanejar rapidamente, Julia ficou simplesmente ali calada, enquanto cada pessoa na sala esperava pela sua resposta.

Gabriel chegou-se para a frente na sua cadeira, como se fosse levantar-se. No entanto, mudou de ideias quando a professora Picton semicerrou os olhos na sua direção. A expressão no rosto dele era feroz quando olhou na direção de Christa.

Paul balbuciou um expletivo e cruzou os braços sobre o peito.

A professora Picton limitou-se a fazer um aceno com a cabeça para Julia, o seu rosto um quadro de confiança maternal.

Julia ergueu uma mão a tremer e puxou o cabelo para trás da orelha, o seu anel de noivado a cintilar à luz.

— Hmm, começemos com o seu ponto de que alguns estudiosos acreditam que Francisco foi resgatar a alma de Guido e que isto pode ser demonstrado pelos seus versos de abertura a Dante.

Julia leu os versos em italiano, com uma pronúncia segura e musical:

*S'ì credesse che mia risposta fosse  
a persona che mai tornasse al mondo,  
questa fiamma staria stanza più scosse;  
ma però che già mai di questo fondo  
non torno vivo alcun, s'ì odo il vero,  
sanza tema d'infamia ti rispondo.*

Se acreditasse que a minha resposta fosse  
A quem ao mundo ainda tornasse,  
Esta chama deixaria de se agitar;  
Mas como, desta fundura, nunca  
Ninguém torna, se o que ouço é certo,  
Sem receio de infâmia respondo...

Julia começou a parecer um pouco mais alta.

— Nesta passagem, Guido *diz* que está disposto a dizer a verdade porque acredita que Dante é um dos condenados, e por isso não poderá repetir a história. Mas Guido conta uma história que o beneficia. Culpa toda a gente, o papa, o demónio e, por implicação, São Francisco, pelo seu destino. Não há nada na sua história de que se pudesse envergonhar. Na verdade, o relato que ele faz é um que *quereria* ver repetido. Ele não quer, simplesmente, desmascarar-se dizendo isto mesmo, razão pela qual faz o discurso que acabei de citar.

»Está também a esquecer-se deste verso:

*Ora chi se', ti priego che ne conte;  
non esser duro più ch'altri sia stato,  
se 'l nome tuo nel mondo tegna fronte.*

Insto-vos agora a dizer quem sois;  
Não sejais mais teimoso que os outros,  
Para que no mundo o vosso nome seja visto.

Mais confiante, Julia resistiu à vontade de sorrir, optando antes por enfrentar gravemente o olhar de Christa.

— Dante diz a Guido que tenciona repetir a sua história ao mundo. É só depois de Dante dizer isto que Guido relata a história da sua vida. Além disso, sabemos que Dante não se parece fisicamente com as outras sombras. Por isso, é provável que Guido reconhecesse que Dante não estava morto.

Christa murmurou qualquer coisa, mas Julia ergueu uma mão paciente, indicando que ainda não tinha terminado.

— Existe evidência textual para a minha interpretação. Há uma passagem paralela no quinto *canto* de *Purgatorio*, no qual o filho de Guido fala de como um anjo foi buscar a sua alma. Talvez seja responsabilidade dos anjos, e não dos santos, levar as almas para o Paraíso. Consequentemente, Francisco aparece a Guido na sua morte por uma razão completamente diferente.

»Quanto ao seu último ponto, a respeito do trabalho do professor Hutton. Se se refere a *Fire and Ice: Desire and Sin in Dante's Inferno*, então a sua caracterização da posição do professor está incorreta. Embora não tenha comigo um exemplar do livro, existe uma nota de rodapé no capítulo dez onde ele declara acreditar que Francisco apareceu porque julga que as palavras do demónio eram direcionadas a outra pessoa que não ao próprio Guido. Mas o professor Hutton diz que tem dúvidas quanto a se Francisco

aparece para levar a alma de Guido ou por outra razão qualquer. É a única coisa que diz sobre o assunto.

Christa levantou-se como se fosse discutir, mas, antes que pudesse sair uma palavra da sua boca, um professor idoso vestido inteiramente de *tweed* virou-se para ela. Olhou-a contundentemente através dos seus óculos de tartaruga.

— Podemos avançar? Já fez a sua pergunta e a oradora respondeu. Satisfatoriamente, posso acrescentar.

Christa ficou hesitante, mas recompôs-se rapidamente, protestando que devia ter oportunidade para fazer mais uma pergunta.

Uma vez mais, a audiência reagiu com palavras sussurradas, mas Julia notou que as suas expressões tinham mudado. Agora, olhavam para Julia com um contido reconhecimento.

— Podemos avançar? Gostaria de ter a oportunidade de fazer uma pergunta. — O professor idoso desviou o olhar de Christa para o moderador, que deu um passo em frente e pigarreou.

— Eeh, se houver tempo, podemos voltar a si, menina. Mas creio que o professor Wodehouse tem a palavra.

O homem idoso de *tweed* balbuciou um agradecimento e levantou-se. Removeu os óculos e acenou-os na direção de Julia.

— Donald Wodehouse, de Magdalen — apresentou-se.

Julia ficou pálida, pois o professor Wodehouse era um especialista em Dante, cuja importância rivalizava com a de Katherine Picton.

— Estou familiarizado com a nota de rodapé que referiu no livro do Velho Hut. Resumiu-a corretamente. Uma visão diferente é assumida por Emerson no seu livro. — Wodehouse indicou Gabriel com um gesto. — Mas vejo que não se deixou levar por ele, apesar de partilharem o mesmo apelido.

Gargalhadas ergueram-se do público e Gabriel, orgulhoso, piscou um olho a Julia.

— Conforme frisou, é complicado pensar porque apareceria Francisco na morte de um falso franciscano, mas precisamos de posicionar corretamente esta aparição, se queremos entender o discurso do demónio. Resta-nos então a metade uma coisa, metade outra, como a senhora atrás de mim mencionou. Essa questão não é de todo problemática. Esta metade verdade, metade falsidade parece imbuir todas as palavras de Guido. A ambiguidade e sofisticada retórica é aquilo que se pode esperar de uma pessoa culpada de conselho fraudulento. Por isso, tendo a concordar com muito do que disse aqui e, embora não possa falar por ele, suponho que o Velho Hut também concordaria, se aqui estivesse.

Julia exalou lentamente de alívio, e os seus dedos soltaram os apoios de

metal do suporte. Preparou-se para as suas palavras seguintes, no entanto, sentia-se satisfeita pelas declarações do professor.

O professor Wodehouse olhou para as suas notas antes de continuar.

— Ofereceu-nos uma interpretação que é, certamente, tão boa teoria como qualquer outra, e melhor do que os relatos que atribuiriam ignorância ou injustiça a Francisco. Mas sejamos claros. É especulação.

— É, sim. — A voz de Julia soou baixa, mas determinada. — Recebo de bom grado interpretações alternativas.

O professor Wodehouse encolheu os ombros.

— Quem sabe porque é que Francisco fez o que fez? Talvez fosse encontrar-se com outra alma em Assis e tivesse sido meramente emboscado por um oportunista fraudulento.

Com isto, a audiência riu-se.

— Tenho, contudo, uma pergunta. — Ele devolveu os óculos ao rosto e baixou o olhar para as suas notas. — Gostaria que nos dissesse mais sobre o acordo que existia entre Bonifácio e Guido. Mencionou essa parte algo superficialmente no seu artigo e creio que o assunto merece mais atenção.

E, com isto, sentou-se.

Julia anuiu, tentando freneticamente ordenar os seus pensamentos.

— A minha tese dizia respeito à interpretação do aparecimento de Francisco, não ao pecado de Guido. No entanto, tenho todo o gosto em expandir essa parte.

Julia começou um breve mas fluido resumo do encontro de Guido com o papa Bonifácio VIII e o seu resultado, o que pareceu satisfazer o professor. No entanto, ela tomou mentalmente nota do facto de Wodehouse ter considerado que o seu artigo estava deficitário nesse aspeto. Teria em conta essa questão na sua revisão do artigo para potencial publicação.

Foram levantadas e respondidas mais algumas questões e depois o moderador agradeceu a Julia. Uma série de aplausos entusiastas encheu o anfiteatro, e Julia notou alguns professores mais velhos a acenarem na sua direção. Quando o moderador convidou toda a gente para uma pausa para chá e café, Julia viu com surpresa o professor Pacciani pegar em Christa pela mão e levá-la para fora da sala.

Julia aproximou-se de Gabriel, a estudar-lhe avidamente o rosto.

Ele sorriu e entreteçou sub-repticiamente o dedo mindinho no dela.

— *Assim é que é, miúda esperta* — sussurrou-lhe.